

Infidelidades

Representações femininas e masculinas

Rachel de Oliveira Abreu

Belém-Pará

Março-2006



Universidade Federal do Pará
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Antropologia
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
Área de concentração: Antropologia

Infidelidades: representações femininas e masculinas

Rachel de Oliveira Abreu

Belém-Pará
janeiro-2006

Infidelidades: representações femininas e masculinas

Rachel de Oliveira Abreu

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, área de concentração em Antropologia, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, sob orientação da Prof^a Dr^a Jane Felipe Beltrão, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Belém-Pará
janeiro-2006

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca de Pós-Graduação do CFCH-UFPA, Belém-PA - Brasil)

Abreu, Rachel de Oliveira

Infidelidades: representações femininas e masculinas / Rachel de Oliveira
Abreu; orientadora, Jane Felipe Beltrão. - 2006

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências
Sociais, área de concentração em Antropologia, Belém, 2006.

1. Traição. 2. Relações homem – mulher. 3. Amor. 4. Sexo. I. Título.

CDD - 20. ed. 306.736

Infidelidades: representações femininas e masculinas

Rachel de Oliveira Abreu

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, área de concentração em Antropologia, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, sob orientação da Prof^a Dr^a Jane Felipe Beltrão, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em ____/____/____

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Jane Felipe Beltrão (orientadora) _____

Prof^a Dr^a Laura Moutinho (examinadora externa) _____

Prof^o Dr^o Flávio Leonel Abreu da Silveira (examinador interno) _____

Maria Angelica Motta-Maués (examinadora suplente) _____

Belém-Pará
janeiro-2006

Infidelidades: representações femininas e masculinas

Rachel de Oliveira Abreu

RESUMO:

O amor desperta nas pessoas lembranças, sentimentos e emoções prazerosas, associadas a histórias romanescas que, dificilmente, referem os conflitos que permeiam as relações amorosas. Cotidianamente, o amor é vivido e narrado não apenas a partir do belo mas, sobretudo, em função dos conflitos que produzem desarmonia. O amor vivido em conjugalidade é regido pela monogamia, cultivada a partir do desejado ideal de fidelidade enquanto opção. Entretanto, muitas pessoas estabelecem relações afetivo e/ou sexual fora do vínculo conjugal, despertado por insatisfação afetiva e/ou sexual; pela falta de carinho, amor e/ou atenção; ou, quem sabe por impulsos, desejos, prazer, paixão, vingança e/ou competição, comportamentos socialmente não desejáveis. Tentou-se desvendar como as relações de infidelidade são vivenciadas cotidianamente por oito mulheres e cinco homens, em Belém – Pará, que se dispuseram a compartilhar histórias e segredos com a pesquisadora sobre o assunto. Como há uma circularidade de idéias, os informantes permitem, a pesquisadora, a partir de suas narrativas, encontrar diversas visões e inúmeras justificativas dadas à prática da infidelidade afetiva e/ou sexual; assim como nuances diferenciadas que informam as representações femininas e masculinas sobre infidelidade, possibilitando ler os limites que estruturam as relações de conjugalidade, pois a infidelidade pensada como elemento desestruturador, é, em geral, escamoteada e serve de estratégia ao jogo amoroso garantindo, algumas vezes, quando não descoberta, a manutenção dos laços estabelecidos entre os casais.

Palavras-chave: infidelidade, representação, feminino e masculino

Infidelities: masculine and feminine representations

ABSTRACT:

Love wakens pleasant memories, feelings and emotions that are associated with romantic stories, which hardly mention the conflicts that are spread through love relationships. Love is daily lived and told not only from the beautiful but especially from the conflicts that produce disharmony. Love experienced in conjugality is ruled by monogamy, which is fostered by the desired ideal of fidelity as an option. However, many people establish sexual and affective relationships out of the conjugal bond, awakened by sexual and affective dissatisfaction, lack of tenderness, love and care, or perhaps desire, pleasure, passion, vengeance or competition, considered to be socially undesirable behaviors. This work tried to unveil how relationships of infidelity are daily lived by eight women and five men in Belém, Pará, which have agreed to share their stories and secrets about the subject with the researcher. As there was a circularity of ideas in the narratives, the informants allowed finding many visions of and innumerable justifications to the practice of affective or sexual infidelity, as well as different nuances that inform the feminine and masculine representations about infidelity. This gave the opportunity to read the limits that structure conjugal relationships, because infidelity – thought as a disarrangement element – is in general juggled and serves as a strategy for the love game, assuring sometimes, when it is undiscovered, the maintenance of the couples bonds.

Keywords: infidelity, representation, feminine and masculine.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	i
ABREVIATURAS UTILIZADAS	v
INDICE DE QUADROS	vi
I. Infidelidade: de “curiosidade” a tema sedutor	1
Por falar em Infidelidade	8
A propósito do feminino e do masculino.....	12
Em busca do campo	14
Aleatoriedade: um campo de possibilidades	20
Tecendo por trás dos panos	25
II. Infidelidades: novas posturas ou velhos valores?	30
Partilhando histórias, dramas, impasses e (in)satisfações	32
•Leila, fiel, fiel em tudo	32
•Lúcia, fidelidade tem que ser recíproca senão	35
Mulheres infiéis, Homens nem tanto... ..	38
Infidelidade Feminina: narrativas	38
•Janete, infidelidade é “escolha”	40
•Nazaré, uma escapada!	41
•Lorena, e seus dois irmãos	43
Infidelidade Masculina... ..	46
•Ismael, infidelidade não, aventuras!	47
•Eduardo, insatisfação amorosa e sexual	49
•Ricardo, sem coragem para ser “artista”	50
Monogamia: ideal desejado	53
Relações Assimétricas	58
III. Infidelidade: estratégias do jogo amoroso	70
Retratos de infidelidade	72
• “... é puramente desejo físico, tesão, nada mais além disso...”	72
• “... tem que inovar não pode cair na rotina...”	80
• “... eu buscava ter fora o que não tinha em casa, carinho, atenção...”	85

Referências

Fontes eletrônicas
Discografia citada
Bibliografia citada

Anexos

Anexo 1. Sinopse de um dos capítulos da novela América

Anexo 2. Referências e sinopses de alguns filmes que retratam a questão da infidelidade

Anexo 3. Reportagem: “Um pra cá, dois pra lá” que envolve artistas do meio televisivo brasileiro e internacional, e ex-presidente americano, envolvidos em intrigas e especulações sobre possíveis triângulos amorosos.

Anexo 4. Notícia de jornal sobre nigeriano que assassinou a esposa devido à desconfiança de prática infiel da mesma

*Agradecer é preciso ...*¹

A dissertação foi realizada graças ao meu esforço e ao apoio de muitas pessoas, às quais sou profundamente grata. Em primeiro lugar tenho que agradecer a Deus que me confortou nos momentos de fraqueza, dor e desânimo, mas que também esteve presente nas horas de alegria e inspiração, Nele encontrei fortaleza para seguir a jornada.

Ao meu pai Raimundo Abreu que, apesar de não entender o meu comprometimento com a academia, torce pelo sucesso da filha caçula.

À minha mãe Francisca Abreu, pelo carinho, dedicação, amor, preocupação, comidas gostosas e muitas orações por mim e pelas pessoas que me cercam.

À Branca e à Rosa, maninhas queridas do meu coração, amigas e companheiras, sempre tão atentas em poupar-me das tarefas domésticas, agradeço as conversas no final de noite e dedicação à irmãzinha caçula.

Ao maninho Raimundo que, mesmo correndo, sempre lembrava de me perguntava “e aí maninha como é que anda? ‘Tá trabalhando muito?” E, a sua Josiene, cunhada querida e irmã de coração que, com suas mãos abençoadas, ajudou a aliviar as minhas dores.

Ao Welton, meu menino estudioso que me ajudou com seus palpites; ao Binho que me incluía nas suas orações noturnas sempre que a tia ia apresentar algum capítulo da dissertação; e ao Rafael, minha criança tola que com sua precocidade me fez rever algumas idéias; sobrinhos queridos, meus adolescentes não tão ingênuos ... e, sempre atentos, a informar as novidades sobre o “ficar” entre as “minas” e os “manos”.

Aqui não poderia faltar: Pompeu, Pan, Sultão, Lilica, Dólar, Rudá, Loa e Pequenina, minhas crianças, minhas alegrias de todos os dias, por me transmitir tranquilidade e serenidade, fazendo perder a noção de tempo. E, agora, na reta final Elvis e Tina, companheiros das intermináveis madrugadas.

¹ Parafraseando Fernando Pessoa, o poeta, para quem navegar era imperioso.

À Jane Felipe Beltrão, minha orientadora, amiga e mãe, não tenho palavras para agradecer-lhe por tudo nessa jornada. Se fosse para falar a voz me faltaria com certeza. Sou feliz por tê-la como orientadora me auxiliando e puxando as orelhas quando preciso. Pelos abraços tão carinhosos e acolhedores que ganhei, os quais, muitas vezes, acalantaram-me, confortando-me nas horas mais difíceis, mesmo sem ela saber. Agradeço os ensinamentos e as lições de vida.

Ao professor e amigo Flávio Leonel Abreu da Silveira sou, especialmente, grata pela amizade, pelas sábias orientações, pelas conversas prazerosas entre petiscos e doces na hora do almoço. E, também, pelos passeios exploratórios pela cidade que me distraiam em meio ao trabalho. Tê-lo como examinador é um privilégio!

À professora Jimena Felipe Beltrão, que com sua generosidade dedicou-me atenção ao ler meu projeto e iluminou-me com muitas idéias e opções para análise dos depoimentos que colhi entre os meus informantes, a partir da disciplina Análise de Discurso. Para ela meu carinho e muito obrigada pelo empréstimo de vários livros.

Aos professores do curso que também contribuíram nesta jornada: Maria Angelica Motta-Maués, Raymundo Heraldo Maués, Jimena Felipe Beltrão, Ernani Pinheiro Chaves e Marilú Marcia Campelo, um programa de pós-graduação que conta com profissionais de quilate, merece respeito!

À professora Maria Luzia Miranda Álvares pela contribuição rica em detalhes quando da qualificação.

À Laura Moutinho que, durante o XII Encontro de Ciências Sociais Norte e Nordeste (XII CISO), tanto me incentivou e, agora, aceitou se fazer presente à banca examinadora da dissertação, agradeço o apoio e a deferência.

Aos interlocutores que fizeram parte do estudo dividindo suas histórias comigo, agradeço humildemente, pois sei que compartilhar segredos e emoções pode ser um jogo arriscado e algumas vezes dolorido.

Às instituições que viabilizaram este trabalho: Universidade Federal do Pará, via Departamento de Antropologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas e Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação; e Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa que permitiu os estudos.

À Luiza Mastop que, mesmo longe, e as voltas com o seu “pacotinho”, dedicou-me um tempinho para com o seu olhar de ‘lince’ ajudar no trabalho, sempre com observações argutas e pertinentes.

À Marcilene Costa minha amiga de todas as horas que, entre uma ligação e outra me confortava com sua voz tranqüila e jeito meigo de menina de Santa Izabel.

À Rosyane Rodrigues, amiga fofíssima, serei sempre grata pelas sugestões de leitura, empréstimos de livros e claro por almoços, cafés e visitas ao *Bazar* que tornaram meus dias e tardes mais agradáveis.

Ao Ruy Borborema, querido, digo sempre não existe ninguém igual a você, jogaram a fórmula fora. Agradeço a preocupação e a atenção com o trabalho e, especialmente, o empréstimo dos dedinhos para digitar o *abstract* que gentilmente fizestes em pleno domingo de janeiro. Obrigada!

Márcio Couto, amigo de eventos científicos e do cotidiano, que em meio a situações desagradáveis foi um ombro forte, mostrando o que é amizade.

À Marilene Pantoja sempre tão interessada nas histórias narradas dos meus interlocutores, logo mais vamos conversar sobre o que você ainda desconhece da pesquisa e pode contar comigo para os finalmente do seu trabalho. Te aguardo!

Aos amigos “icoaracienses” Gilmar Matta e José Maria Mendes que em meio há canções, discussões, e muitos risos me auxiliaram nessa jornada.

À Rosângela e Paulo Roberto do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, sem vocês tudo poderia ser mais difícil.

Ao Seu Eloi, secretário padrão do Departamento de Antropologia que torce por nós e jamais torce o nariz para pedidos e queixumes dos alunos, pena que não sei fazer quadrinhas para te agradecer.

À Dona Rô e à Silvana, entre conversas, cópias e cafés o dia transcorria de forma agradável.

E aqui, na ordem inversa da academia, o último que vem em primeiro. Meu amor, amigo, companheiro, só nós dois sabemos o quão somos importantes um para o outro. Agradeço a dedicação em ajudar-me sempre que necessário. Agora, acabou e o esforço valeu. Outra etapa virá, mas nada faz sentido sem você! Amo você, todos os dias!

ABREVIATURAS UTILIZADAS

ABEP	Associação Brasileira de Estudos Populacionais
ANPOCS	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais
CERU	Centro de Estudos Rurais e Urbanos
CODEM	Companhia de Desenvolvimento e Habitação da Área Metropolitana do Município de Belém
DEAN	Departamento de Antropologia
ECC	Encontro de Casais com Cristo
EDUSP	Editora da Universidade de São Paulo
EPU	Editora Pedagógica e Universitária
FGV	Fundação Getúlio Vargas
IBAM	Instituto Brasileiro de Administração Municipal
PMB	Prefeitura Municipal de Belém
SEGEP	Secretaria Municipal de Coordenação Geral do Planejamento
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPA	Universidade Federal do Pará
UnB	Universidade de Brasília
UNESP	Universidade do Estado de São Paulo
USP	Universidade de São Paulo

ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO 1 – Quadro de Mulheres e Homens Entrevistados	24
QUADRO 2 – Expressões usadas pelos informantes ao referir-se à conduta infiel de mulheres e homens	56
QUADRO 3 – Expressões usadas pelos informantes para referir-se quem um dia foi traído, ou quem sabe, poderá ser	57
QUADRO 4 – Representações de Infidelidade	93
QUADRO 5 – Não faça o que eu faço	94

I. Infidelidade: de “curiosidade” a tema sedutor

*Te perdôo,
Por fazeres mil perguntas
Que em vidas que andam juntas
Ninguém faz
Te perdôo,
Por ligares prá todos os lugares
De onde eu vim
Te perdôo,
Por ergueres a mão, por bateres em mim
Te perdôo,
Quando anseio pelo instante de sair e
rodar exuberante e me perder de ti
Te perdôo,
Por queres me ver, aprendendo a
mentir
Te perdôo,
Por contares minhas horas
Nas minhas demoras por aí
Te perdôo,
Porque choras, quando eu choro de rir
Te perdôo
Por te trair.²*

Será que é inevitável sentir interesse por outras pessoas fora do vínculo afetivo e sexual? Mesmo vivendo uma relação amorosa satisfatória? Ou o interesse é despertado por insatisfação afetiva ou sexual? Falta de carinho, amor, atenção? Ou quem sabe impulsos, desejos, prazer, paixão, vingança, competição? São muitas as motivações e justificativas para tentar entender o jogo das infidelidades. Cada vez mais estas questões, têm sido discutidas e debatidas na academia e na sociedade brasileira, e sua importância fica ainda mais pronunciada quando ambigüidades e controvérsias tornam-se centro de atenção da vida pública.³ A vida afetiva investigada a partir de segredos que serve para confirmar e reproduzir a estrutura que os ocultos segredos ameaçam,⁴ mesmo sem pretender

² Cf. BUARQUE, Chico. “Mil perdões” IN Álbum: *Chico Buarque de Holanda - O Amante*. Universal Music, 1990.

³ A ambigüidade deve ser entendida através das contradições que surgem decorrentes de perspectivas distintas, de lógicas diversas que estruturam a vida afetiva e sexual. Sobre ambigüidades que permeiam a vida contemporânea brasileira consultar: DaMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978; FRY, Peter. *Para Inglês ver: Identidade e Política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982 e VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

⁴ Cf. SIMMEL, Georg. *A Sociologia do Segredo e das Sociedades Secretas*. Strasbourg, Ed. Circé, 1991.

A pesquisa se propõe a trabalhar representações sobre infidelidade afetiva e sexual bem como as representações de gênero contidas nos depoimentos obtidos. Busco compreender como mulheres e homens vêm a infidelidade de acordo com os diferentes níveis sociais, examinando as configurações simbólicas que possam surgir e que peso adquirem na constituição da vida diária de cada um dos interlocutores. Utilizando os instrumentos oferecidos pelos atores sociais é possível apresentar a forma e a modelagem de seus universos afetivos e sexuais.

O mundo das representações traz em seu bojo a questão de gênero bem definida, com noções de masculinidade e feminilidade que codificam um sistema particular de valores culturais, que através de formas simbólicas e condutas moldam as distinções, estabelecendo noções hierárquicas entre mulheres e homens.⁵

O projeto de dissertação não nasceu por acaso e tão pouco é um tema inventado, surgiu quando desenvolvi pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso⁶ tendo como temática o casamento. Naquele momento, parti da premissa que quando se pensa em pesquisar sobre o assunto, a idéia inicial que ocorre são os momentos do namoro, noivado e família. Portanto, verifiquei que o casamento está relacionado com amor, ao mesmo tempo, que é um rito social no qual a sociedade estabelece sua organização, definindo com isso as posições que alguém pode vir a ocupar.⁷

A partir de estudo feito na obra de Arnold Van Gennep (1978),⁸ procurei analisar o ritual do casamento, percebendo os ritos de passagem pelos quais o casal atravessa

⁵ Cf. PARKER, Richard. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo, Best Seller, 1991.

⁶ Cf. ABREU, Rachel de Oliveira. *Casamento: ideal, ritual e cotidiano no espaço da casa e da igreja*. Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais, Belém, Departamento de Antropologia/UFPA, 2003. (mimeo)

⁷ O casamento é o fator determinante da posição social e das oportunidades da vida. Casar é passar de um estágio a outro, passar de uma sociedade infantil ou adolescente para uma sociedade madura. Constrói-se uma nova conduta, é a passagem de uma família para outra, é a separação de uma família do indivíduo para fortalecer outra. O cerimonial é um ritual de passagem que demarca comportamento e sentimentos de continuidade ou de mudança social. Sobre o assunto, consultar: VAN GENNEP, Arnold. *Os Ritos de Passagem*. Petrópolis, Vozes, 1978; MAIR, Lucy. *O Casamento*. Lisboa, Ulisséia, 1971 e TURNER, Victor. “Liminaridade e *Communitas*” IN *Processo Ritual, estrutura e ante estrutura*. Petrópolis, Vozes, 1974, pp. 16-159, entre outros.

⁸ Van Gennep classificou os ritos em: rituais de separação que expressam a renúncia do iniciado ao *status* anterior (namoro); de liminaridade ou margem (noivado) que expressam que o indivíduo neste momento não ocupa *status* reconhecido na sociedade, mas está, por assim dizer, “com um pé aqui e outro lá”; e de agregação (estado de casado) que expressa a aceitação pelo iniciado do seu novo *status*.

na sociedade, pois falar de vida social é falar de ritualização, sem rituais a sociedade humana não existiria como uma dimensão a ser vivenciada. Pois, de acordo com DaMatta,

“... o sistema social está compartimentalizado, como uma casa, com os rituais sempre ajudando e demarcando quartos e salas, corredores e varandas, por onde circulam as pessoas e os grupos na sua trajetória social. As cerimônias estudadas por Van Gennep são como etapas de um ciclo que se deseja marcar e revelar, uma espécie de moldura especial.” (1978: 16)⁹

A monografia mostrou os diversos momentos rituais que norteiam o relacionamento amoroso, tomando como campo de pesquisa a igreja de Santa Teresinha do Menino Jesus;¹⁰ percorrendo do namoro (rito de separação) ao noivado (rito de liminaridade) e à cerimônia de casamento (rito de agregação), que é finalizada por festas que têm lugar de destaque; estudando as fases preparatórias e as seqüências finais, até as mudanças que definem e descrevem a relação e o entendimento da vivência do cotidiano. Pois, segundo Amaral, “... passada a fase inicial do casamento, o amor tende a se modificar, assumindo uma feição diferente daquela vivenciada no namoro” o que não significa dizer “... que não haja mais amor, mas o que ocorre sim, é uma densificação das relações entre o casal o que acarreta novas responsabilidades e compromissos mútuos.” (1999: 139)¹¹

Nesta pesquisa, percebi a existência de suposta harmonia entre casais, ou melhor, a busca da harmonia de forma incondicional, como “conseqüência do pacto matrimonial”, os casais embora aparentemente felizes, estáveis e livres de conflitos, traziam

⁹ Cf. DaMATTÁ, Roberto. “Apresentação” IN VAN GENNEP, Arnold. *Os Ritos de Passagem*. Petrópolis, Vozes, 1978, pp. 11-21.

¹⁰ A paróquia está localizada na avenida Roberto Camelier, sendo uma das principais do bairro do Jurunas, que é o segundo bairro de Belém, em número de moradores, com a densidade demográfica 29,28 habitantes/km, com 2.282,29 km² de superfície, com população absoluta de 66.821 habitantes. Outro fator determinante na decisão pela área em questão é a vinculação ao Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Pará (UFPA), que na época mantinha o Grupo de Pesquisa em Antropologia Urbana voltado ao bairro do Jurunas como espaço de diversidade, tradição e identidade fortemente marcada. A escolha do bairro não é pressuposto de que o bairro tenha uma identidade singular de seus moradores e espaços por eles compartilhados, sendo um misto de diferenças e heterogeneidades. A maioria dos entrevistados nasceu e vive há anos no bairro, sendo esse um dado importante para marcação das identidades, estando presente nas narrativas de suas histórias de vida. Para conhecer a pesquisa e dados estatísticos aqui citados consultar respectivamente: BELTRÃO, Jane Felipe, *et alli*. *Entender Belém: formas de sociabilidade na cidade*. Belém, DEAN/UFPA, 2000. (mimeo); e PMB/CODEM/SEGEP. *Anuário Estatístico do Município de Belém*. Belém, Prefeitura Municipal de Belém, 1998.

¹¹ Cf. AMARAL, Telma. *E o casamento como vai?* Dissertação de Mestrado em Antropologia. Belém, DEAN/UFPA, 1999. (mimeo)

consigo elementos e situações que podem ser desestruturadores de um relacionamento a dois, como a prática da infidelidade.¹²

Infidelidade esta que foi percebida nas entrelinhas dos depoimentos obtidos à época, mencionada em alguns casos, com muito cuidado, e nem sempre citada claramente, e sim por meios de gestos e expressões do tipo “altos e baixos” “puladas de cerca” e “arranhões”. Assim, comecei a perceber que a forma de expressar verbalmente os casos de infidelidade revelava a estreita ligação que mantinham com o corpo.¹³ Vamos conhecer um pouco da história de Maria e Bento.¹⁴

“... depois que a gente teve alguns problemas no casamento, sabe umas brigas que fez a gente se separar, devido algumas ‘puladas de cerca’ do Bento. Sabe que até foi bom porque ele voltou atrás, e com a ajuda da Igreja, da Pastoral da Família que ajudou a gente, aconselhando a gente, tudo se resolveu, a gente até já casou na Igreja...”¹⁵

O casal buscou ajuda na Igreja. Ele é de São Domingos do Capim e ela nasceu em Abaetetuba,¹⁶ ambos conheceram-se no bairro do Jurunas, namoraram e casaram apenas no civil, tiveram três filhos (uma menina e dois meninos com as idades de 25, 24 e 23 anos respectivamente) e adotaram mais uma criança (um rapaz, hoje, com 18 anos), não freqüentavam a Igreja. Há alguns anos, o casal sofreu sérios problemas conjugais de infidelidade, após muitas brigas, se separaram. Ficaram separados por meses, até que ele “resolveu mudar” e reataram o relacionamento, mas o casal continuava não se entendendo,

¹² Segundo Lins, psicanalista e autora do livro *A cama na varanda*, a infidelidade pode ocorrer em qualquer hora ou lugar, com pessoas comuns ou famosas. A autora cita dois casos de infidelidade mais comentados do final do século: do Príncipe Charles (Inglaterra) e o do ex-presidente dos EUA Bill Clinton. Sobre o assunto, consultar: LINS, Regina Navarro. “Adulterio” IN <http://www.adulterio.hpg.ig.com.br/reginal>. Acessado em 16/07/2004.

¹³ Há vasta literatura científica sobre linguagem afetiva e sexual vinculada à percepção de corpo. Sobre o assunto consultar: BOZON, Michel & HEILBORN, Maria Luiza. “As carícias e as palavras: iniciação sexual no Rio de Janeiro e em Paris” IN *Novos Estudos*. nº 59, 2001, pp. 111-135; FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1983 e PARKER, Richard. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo, Best Seller, 1991.

¹⁴ Bento (48 anos) e Maria (44 anos) estão casados há 25 anos, se conheceram quando jovens no mesmo bairro (Jurunas) e casaram. Tiveram três filhos. Ele é profissional de marcenaria, ela é servente de uma escola municipal. Os nomes dos informantes são fictícios para resguardar suas identidades e o sigilo sob o qual as informações me foram confiadas.

¹⁵ Entrevista realizada em 26/05/2001.

¹⁶ São Domingos do Capim e Abaetetuba são municípios [brasileiros](#) do [estado](#) do [Pará](#). Abaetetuba tem população estimada de 129 300 habitantes e possui uma área de 1613,9 km². São Domingos do Capim pertence a Mesorregião Nordeste Paraense e Microrregião Guajarina. Sua População é de 23.916, tem Área de 1.617,94 km². Sobre o assunto, consultar: www.pa.gov/conheçaopara.br. Acessado em 12/10/2005.

depois da visita de missionários, a Pastoral da Família iniciou um trabalho de apoio ao casal, convidando-os para participar das missas, para que toda a família se integrasse no seio católico. O casal participou do Encontro de Casais com Cristo (ECC)¹⁷ como convidado e no ano seguinte recebeu o convite para ser membro da equipe organizadora do ECC e da Guarda de Santa Teresinha. Para o casal, a Igreja mostrou o verdadeiro caminho da paz matrimonial, fez renascer o amor, o romantismo. Agora o casal faz parte da Guarda de Santa Teresinha e depois das missas, aos sábados à noite, vai para a “pracinha”¹⁸ lancha, namorar, conversar.¹⁹

O depoimento de Vilma também é ilustrado por expressões de infidelidades.

“... não vou te dizer que a gente não tem os ‘arranhões’ da gente como qualquer casal né, eu acho que a gente só cresce no casamento quando tropeça e a gente levanta e se apóia um no outro, até porque o Marlon desde novo fazia parte do movimento de jovens da Igreja Católica, eu também fazia parte da cruzadinha daqui, éramos ligados à igreja, eu acho muito importante essa tendência de Igreja, porque aí a gente começa a amadurecer...”²⁰

Vilma e Marlon²¹ já eram ligados à igreja mesmo antes de casar, e não se afastaram da religião em nenhum momento de suas vidas. Para este casal, a Igreja é o vínculo mais desejado, pois funciona como uma estratégia de sobrevivência do casal.

¹⁷ O Encontro de Casais com Cristo é organizado pela Igreja Católica, funciona como um rito de passagem, pois só pode integrar-se à equipe de organização quem já participou do Encontro como convidado. Logo, quem participa do Encontro deve ajudar a organizar o outro, buscando reunir um número cada vez maior de casais para a igreja. O programa de atividade do ECC inclui: grupo de discussão, brincadeiras, palestras, auxílio mútuo e vários momentos nos quais os participantes têm a oportunidade de conhecer e trocar experiências com outros casais e aprender os ensinamentos da igreja, com o discurso pautado na família e o papel do homem e da mulher dentro do casamento para auxiliar no cotidiano dos cônjuges. O Encontro acontece anualmente, mas as atividades da equipe organizadora não se concentram apenas nos dias do evento, ao longo do ano são realizadas duas reuniões mensais, tendo como espaço a casa de algum membro do grupo, é um momento de elaboração do programa e também de compartilhamento de experiências e ajuda recíproca. As informações sobre o ECC foram obtidas através das entrevistas com os casais e com o Padre Auxiliar (Pe.Jonas Teixeira), pois devido o encontro discutir conflitos conjugais e ser solteira não me permitiu participar. Sobre o assunto, consultar: ABREU, 2003.

¹⁸ “Pracinha” é uma área que fica atrás do templo (quadra de esportes), onde depois das missas noturnas o que se vê são idosos, casais, jovens e até mesmo crianças, movimentando-se, rindo, conversando, dando movimento à igreja. Sobre estudos de sociabilidade e família, para compreender como e porque as pessoas se relacionam, consultar: SOUZA, César Martins de. *Quando a Santa Teresinha é o ponto de encontro: sociabilidade, amor e família na paróquia do Jurunas*. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Belém, DEAN/UFPA, 2002. (mimeo) e DaMATTA, Roberto. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1991.

¹⁹ Segundo DaMatta a casa e a rua não são estruturas fixas restritas a determinados campos materiais, portanto a Igreja significaria para esses casais um lugar seguro, onde todos estão protegidos, dando idéia neste momento de casa. Sobre o assunto, consultar: DaMATTA, 1991.

²⁰ Entrevista realizada em 09/06/2001.

²¹ Vilma (56 anos) e Marlon (52 anos), estão casados há 24 anos. Tiveram três filhos. Ela é professora da rede municipal de ensino fundamental, e ele é comerciário.

Os casos relatados mantêm em segredo a infidelidade, enquanto dissimulação da realidade, o conteúdo do que é silenciado oferece, por assim dizer, a possibilidade de permanecer invisível aos demais a dimensão do que é secreto, a infidelidade como ocultação consciente e voluntária. Para Simmel (1991), nesse caso, o segredo é um fim sociológico; os que o detêm formam uma comunidade para garantir mutuamente a ocultação desejada.²² Percebe-se, aqui, que a proteção do segredo remete ao sentimento de vergonha, à mentira, ou seja, envolve relações perigosas, ou mesmo tenta encerrar um passado tido como criminoso. Não se deve esquecer que a manutenção do segredo muitas vezes garante o vínculo conjugal e o controle, mas isso não impede que outras infidelidades aconteçam, mesmo depois que a verdade é descoberta.

A impressão mais forte deste momento foi o silêncio. Silêncio que revelou de forma clara, que o não dito pode dizer muita coisa. Logo, o não dito despertou curiosidade que não foi possível desvendar naquele momento, mas que, agora, retorno resgatando lembranças e anotações daquelas conversas, quando me mostraram, sem palavras, um tipo de situação sobre a qual não era permitido falar, se aproximar, uma situação apavorante e perigosa, a respeito da qual seria prudente não guardar lembranças, sob a pena de desrespeito e dor. Diante desses silêncios fiquei perplexa, e essa situação levou-me a querer desvendar quais outros elementos poderiam estar nas entrelinhas desse depoimento.

Com o conhecimento adquirido via Análise de Discurso, busquei ver o que a lingüística tinha a dizer sobre o assunto e então encontrei a obra de Eni Orlandi (1997), que me ofereceu pistas para entender um pouco melhor o silêncio. De acordo com a lingüista, podemos pensar o silêncio como não sendo ausência ou vazio, mas como tendo significado; portanto o silêncio representa um discurso, mostrando o quanto pode dizer e significar.²³

²² O segredo é uma determinação sociológica que caracteriza as relações recíprocas entre dois elementos, que junto com outras formas de referência, constitui uma relação total. Sobre o assunto, consultar: SIMMEL, Georg. *A Sociologia do Segredo e das Sociedades Secretas*. Strasbourg, Ed. Circé, 1991.

²³ Assim como a palavra, o silêncio também é determinado pelas condições de produção. Segundo Orlandi há muitas formas de silêncio; entre elas estão o “silêncio imposto” e o “silêncio proposto”. O *imposto* significa exclusão, e é forma de dominação, já o *proposto* vem do oprimido e representa uma forma de resistência, e talvez caiba acrescentar que também pode significar uma forma de defesa ou de auto-proteção. Para Eni Orlandi, os dois casos de silêncio produzem uma ruptura desejada por ambos os lados, o do opressor e o do oprimido. Sobre o assunto, consultar: ORLANDI, Pulcinelli Eni. *As Formas do Silêncio – no movimento dos sentidos*. São Paulo, Unicamp, 1997 e HERNANDEZ, Juliana. “O duplo estatuto do silêncio” IN *Revista de Psicologia USP*. Jan/Jun. 2004, vol. 15, n° 1-2, pp. 129-147.

Usado da classificação de Orlandi, de que silêncio se trata? O silêncio é aquilo que, não dito, poderia tê-lo, ou seja, é um silêncio que encontra correspondência na palavra, é passível de se tornar dito, é enunciável. O silêncio não é transparente, e seu significado é múltiplo. Diante do calar-se dos interlocutores, foi preciso, antes de tudo, a pesquisadora ter aprendido a guardar silêncio para poder esperar que os informantes²⁴ pudessem confiar o sigilo de suas histórias e seus segredos.

“... a infidelidade é um monstro que destrói o casamento, senão acaba fica mágoa ferida por dentro, eu só lamento, o amor não é pra covarde quem sente, enquanto ele existir é fiel até na mente, não deixe a confiança acabar, acabar, acabar...”²⁵

Como foi verificado, em alguns relatos, anteriormente, alguns cônjuges desta fase inicial da pesquisa,²⁶ chegaram às vias de romper o acordo conjugal, o que gerou conflitos e dores, criando encruzilhada para o casal. Reconhecendo que o casamento não é um “mar de rosas” e que os conflitos são inevitáveis, podendo resultar em separações e decepções.

Com os casais católicos verifiquei que o amor conjugal é valorizado acima de todos os outros como o mais digno e precioso. A fidelidade para esses casais é a marca da perfeição das uniões monogâmicas,²⁷ apresentada como um dever da companheira, que pela união precisa exercitar sacrifícios.

²⁴ Utilizo a expressão informante como elemento fundamental do método etnográfico, pelo qual se coletam dados com alto grau de detalhamento, produzindo acesso a informações de diferentes ordens que vão do depoimento ao discurso sobre o tema, na tentativa de captar seu ponto de vista, para cotejar com os fatos observados pela pesquisadora.

²⁵ DEE, Dina. “Corpo em Evidência”. IN *Álbum Visão de rua*. Produção independente, 2003.

²⁶ Considero a temática da infidelidade como pesquisa, em duas etapas, sendo que a etapa primeira foi elaborada para a monografia de Conclusão de Curso, na qual o tema surge, mas naquele momento não foi explorado suficientemente, e a segunda etapa corresponde a construção que apresento nesta dissertação.

²⁷ O modelo monogâmico a que me refiro remete à união mais ou menos duradoura, socialmente aprovada, entre um homem e uma mulher, que poderá estar presente em qualquer tipo de sociedade. Porém, é importante ressaltar que a transformação da família monogâmica patriarcal na família monogâmica de casal da sociedade moderna industrial se faz, de modo bastante complexo, sendo que o modelo patriarcal não desaparece de vez, continua a existir. Segundo Corrêa (1994), a família patriarcal é considerada como um modelo ideológico, além de ser um sistema de representação de forte influência para mulheres e homens que se relacionam na sociedade brasileira. Sobre o assunto, consultar: LÉVI-STRAUSS, Claude. “A Família” IN SHAPIRO, H. L. *Homem, Cultura e Sociedade*. São Paulo, Fundo de Cultura, 1966, pp. 308-359; e CÔRREA, Mariza. “Repensando a família patriarcal brasileira” IN ARANTES, Antônio Augusto. (Org.). *Colcha de retalhos: estudos sobre a família patriarcal no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1982, pp. 15-42.

Diante dessa realidade, verifiquei que não se pode esquecer que não há relacionamento afetivo e sexual sem conflito. A maioria das pessoas, conscientemente ou não, buscam no relacionamento afetivo encontrar amor, felicidade e estabilidade, que subentende afeto sincero. Com base nesses ideais é esperado que haja um clima de confiança e respeito mutuamente preservado.

Por falar em Infidelidade

É importante ressaltar que quando o assunto é amor ou vínculos afetivos, a lembrança das pessoas volta-se para sentimentos belos, cheios de emoção, quase sempre associados a histórias vistas em novelas, filmes, livros, dificilmente se pensa nos conflitos que permeiam as relações amorosas. As relações amorosas são regidas por normas e valores que organizam a vida social, qualquer distúrbio entre as pessoas envolvidas pode causar desequilíbrios e nessa perspectiva o campo de possibilidades de pesquisa se amplia.

O objetivo do trabalho é discutir o tema infidelidade de forma exploratória, tanto que não me impeça de verificar representações sobre amor, sexualidade e família, para dar conta da realidade dos sujeitos que agem, pensam, interpretam e explicam a realidade em que vivem. E quando me proponho a abordar esses temas não tenho nenhuma pretensão de esgotar o assunto.

Basicamente pretendo abordar os significados, os valores, o universo simbólico e a retórica produzida em torno destas questões e não as práticas que as envolvem. A partir daí, algumas pistas se farão esclarecedoras para o entendimento de comportamentos e fatos sociais que são vivenciados cotidianamente.

Assim procedendo, é possível perceber como os envolvidos na pesquisa compreendem infidelidade, amor e sexualidade. E verificar como as categorias, socialmente construídas, (conceitos e noções) são compartilhadas ou não ao falar de vivências afetivas. Não pretendo trabalhar com generalizações, mas desvendar que lógica e regras sustentam essas noções e as vivências das relações narradas.

A proximidade que tinha do assunto, infidelidade, antes da prática de pesquisa, baseava-se apenas em conversas nas rodas de amigos, com parentes mais próximos, conversações cotidianas e relatos reveladores nas relações de vizinhança,²⁸ quando as histórias envolviam significados simbólicos entre os membros da rua em que resido; ou triângulos amorosos, que geralmente são comentadas de forma depreciativa e preconceituosa, especialmente, conflitos conjugais nas novelas,²⁹ nos filmes³⁰ — assunto instigante, que muito contribui para aumentar audiência, pois traz personagens como o “marido traidor”, “a esposa traída” e ainda a(o) outra(o), que, segundo Goldenberg (1990), na grande maioria das vezes é vista como a vilã, a imoral, a “destruidora de lares”³¹ — em reportagens nas revistas semanais envolvendo celebridades em situações de infidelidade,³² ou em jornais diários, onde a notícia é estampada nas páginas policiais.³³ As diversas formas de apresentação dos casos de infidelidade: relatos, notícias e ficção alimentam a fábrica de fofocas, facilitando a transmissão dos mexericos boca a boca, permitindo que as revelações ou especulações sobre infidelidades se espalhem com velocidade considerável. Portanto, qualquer notícia referente a pessoas conhecidas ou não, torna-se interessante e de conhecimento geral, constituindo um verdadeiro entretenimento da coletividade.³⁴

²⁸ Evidentemente, não tenho por objetivo trazer à tona minhas histórias de vida pessoal, ainda que reconheça ser impossível uma inserção de minha parte no que tange a considerar minha experiência de vida e o meu olhar em relação ao tema.

²⁹ Cf. Anexo 1. Sinopse de um dos capítulos da novela América, de autoria da escritora Glória Perez, apresentada pela Rede Globo de Televisão, o qual descreve o conflito conjugal causado pela descoberta, pela esposa, da infidelidade do marido e sua nova “namorada”, o que gera desejos de vingança na mulher traída. Levada à tela enquanto realizava a pesquisa.

³⁰ Cf. Anexo 2. Referências e sinopses de alguns filmes que retratam a questão da infidelidade. Na locadora de vídeos que frequento, tomei conhecimento de alguns filmes que tratam do tema infidelidade, os quais são locados com frequência, pois segundo o atendente o interesse do público é despertado pelo título da película que informa o conteúdo da obra. Aqui apresento alguns que estão na preferência do público, segundo dados da locadora visitada.

³¹ A autora realizou pesquisa com entrevistas sobre a identidade feminina, tomando como ponto de referência uma situação de transgressão, o papel da “outra”, que dentro de nossa cultura é marcado pela idéia de pecado, mobilizando acusações e discriminação. Sobre o assunto, consultar: GOLDENBERG, Mirian. *A Outra: Um estudo antropológico sobre a identidade da amante do homem casado*. Rio de Janeiro, Editora Revan, 1990.

³² Cf. Anexo 3. Reportagem “Um pra cá, dois pra lá” que envolve artistas do meio televisivo brasileiro e internacional, e ex-presidente americano, envolvidos em intrigas e especulações sobre possíveis triângulos amorosos. Embora exista outras notícias semelhantes, esta em especial, chamou-me atenção devido estar em destaque à época da elaboração do projeto de dissertação.

³³ Cf. Anexo 4. Notícia de jornal sobre nigeriano que assassinou a esposa devido à desconfiança de prática infiel da mesma. Há inúmeras notícias envolvendo a temática infidelidade e suas conseqüências. Escolho esta, em especial, por retratar a intolerância masculina quando a prática é feminina.

³⁴ Norbert Elias apresenta em seu livro rara oportunidade de encontrar estudo realizado em uma pequena comunidade com reflexões metodológicas e teóricas de amplo espectro sobre a fofoca para a pesquisa em Ciências Sociais. Esclarece processos sociais de alcance geral na sociedade humana, investigando a natureza e a função da fofoca enquanto poderoso instrumento de controle social, identificando dois tipos de fofoca: a depreciativa e a elogiosa. Sobre o assunto, consultar: ELIAS, Norbert. “Observações sobre a fofoca” IN *Os*

De acordo com Norbert Elias (2000), a fofoca fornece maior entretenimento e satisfação prazerosa para narradores e ouvintes. As histórias podem ser divertidas ou não, mas não deixam de ser interessantes para os outros, o prazer de falar de terceiros sobre condutas proibidas socialmente é excitante e reforça a comunhão dos supostos virtuosos.

Para observadores externos, infidelidade, no mínimo, é um tema, quando não uma realidade, de grande interesse, os sentimentos vão de compaixão e solidariedade, à alegria maliciosa diante do sofrimento alheio. Isso não quer dizer que as pessoas sempre censurem os envolvidos, ou façam imprecizações contra os ditos infiéis.

É claro, que idéias preconcebidas existem, mas o estudo antropológico nos ensina que elas precisam ser relativizadas para que o trabalho possa ser desenvolvido sem distorcer o cotidiano daquele grupo. Carneira da Silva,³⁵ estudando a cidade de Salé, em Marrocos, relata que teve de se despir de seus preconceitos para aprender com a sociedade que estudava. A pesquisadora possuía uma série de idéias preconcebidas sobre as mulheres islâmicas, baseadas nas visões ocidentais sobre a situação que enfrentavam. Imaginava que iria encontrar mulheres amordaçadas, sem poder de se expressar ou exercer qualquer tipo de atividade, porém o que observou no cotidiano a surpreendeu, pois as mulheres conversavam, trabalhavam e se divertiam sem que, por isso, fossem apedrejadas em praça pública. Portanto, tive de aprender a relativizar idéias preconcebidas, pois imaginava que iria encontrar apenas histórias cheias de sofrimento e desculpas “esfarrapadas”.

Estereótipo, estigma, idéias e sentimentos negativos são perniciosos em qualquer tarefa científica, mas de acordo com Malinowski, os problemas antevistos constituem a principal qualidade do cientista social, problemas que são revelados pela primeira vez ao observador/pesquisador por seus estudos teóricos.³⁶

Estabelecidos e os Outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro, Zahar, 2000, pp. 121-133.

³⁵ Cf. CARDEIRA DA SILVA, Maria. *Um Islão Prático.* Oeiras/Portugal, Celta, 1999.

³⁶ Cf. MALINOWSKI, Bronislaw. “Objeto, método e alcance desta pesquisa” IN GUIMARÃES, Alba Zaluar (Org.). *Desvendando máscaras sociais.* Rio de Janeiro, Francisco Alves S/A, 1990, pp. 39-62.

Abordo o tema da infidelidade, deixando claro que o assunto é delicado, em especial para as pessoas atingidas pela questão. Trabalhar com conceito de infidelidade é algo complexo, uma vez que comporta várias concepções, conforme as idéias e os parceiros envolvidos no fenômeno. Agora, verifico as representações sobre a infidelidade masculina e feminina, que podem resultar em desarmonia ou não, das relações amorosas, dado os ideais de união encontrados.³⁷

Parto da premissa que a infidelidade pode surgir como elemento desestruturador ou não, assim como, pode ser escamoteada nos chamados “relacionamentos abertos”, uniões cujos participantes não vêem a infidelidade como resultante de dificuldades no relacionamento existente, e sim como uma forma do relacionamento estável não se tornar monótono, rotineiro. Então, não seria uma ruptura, mas uma estratégia do jogo amoroso, com a finalidade de manter acesa a chama do sentimento do casal. O não rotineiro permite os sonhos, exclui os pontos desagradáveis. A necessidade de procura de uma imagem, no outro, excitante e idealizada, impede que haja o confronto com o parceiro concreto, pois a confrontação com o real pode ser difícil de suportar, pois implica em ver qualidades e defeitos. Segundo Gambaroff (1991),³⁸ quando tudo é conhecido não há surpresas, não há novidades, não há descobertas, o que pode desencadear, na seqüência, o desinteresse.

A infidelidade não deve ser vista apenas como resultante de dificuldades dentro do relacionamento afetivo, é necessário ressaltar que existem outros elementos que podem desencadear o interesse afetivo e/ou sexual por outra pessoa, afinal como explicaríamos o carisma dos grandes amantes — Paris e Helena, Tristão e Isolda, Lancelot e Guinevere — não consiste exatamente no fato de que eles traíram seus parceiros? Segundo Gambaroff (1992), para esses, o relacionamento estável a dois é o menos interessante. A novidade, ao contrário, além de ser erótica, permite sonhar, exclui aborrecimentos e possibilita ter esperança em obter melhores resultados.³⁹

³⁷ Vale ressaltar que as representações sobre infidelidade estudadas aqui podem estar relacionadas à falta de cumprimento de exclusividade ao acordo afetivo e sexual dentro do relacionamento amoroso.

³⁸ Marina Gambaroff, psicóloga, estuda identidade e realidade de mulheres e homens em seus relacionamentos afetivos; para a autora, a infidelidade talvez signifique ocultar alguns aspectos da própria realidade, a fim de poder vivenciar outras experiências com maior intensidade. Sobre o assunto, consultar: GAMBAROFF, Marina. *Utopia da Fidelidade*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.

³⁹ Cf. GAMBAROFF, Marina. “Infidelidade” IN GLEY, P. Costa & KATZ, Gildo (Org.). *Dinâmica das relações conjugais*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992, pp. 34-46.

A relevância do tema se faz importante, pois o discurso dos atores envolvidos pode ser altamente regulador e de alguma forma, revelador de conflitos e dissonâncias, e é importante para a pesquisa que vários sentidos aflorem possibilitando não somente a desmistificação de certas representações antes não questionadas sobre o tema, como, no mesmo sentido, a abertura de novas possibilidades de pesquisa. Ao analisar os dados será necessário lançar olhar crítico sobre o que é ou não conflituoso na conjugalidade, o que se contrapõe ou se ajusta à norma. Portanto, os sentimentos em jogo são pontos fundamentais de observação que permitem identificar as nuances.

A propósito do feminino e do masculino

*Gênero se refere a uma construção social que alude às características culturais e psíquicas e ao significado que cada sociedade atribui, de forma diferenciada, a mulheres e homens (valores, sentimentos, condutas...).*⁴⁰

Ressalto que o objetivo desta pesquisa é verificar as representações masculinas e femininas sobre infidelidade, ressaltando a necessidade de análise do discurso de gênero contido nessas representações. O que os interlocutores pensam sobre infidelidade? Como justificam a infidelidade? O que é ser infiel? Ao buscar responder a estas e outras questões procuro compreender as mudanças e permanências nas representações de gênero e nos ideais de conjugalidade, para assim poder contribuir, em parte, para a melhor compreensão dos relacionamentos afetivos e sexuais na atualidade.

A opção da escolha mulheres e homens para personagens centrais deste estudo se dá pelo fato de serem educados de formas distintas, sob a preservação de valores e maneiras convencionadas como próprias de um e outro sexo.⁴¹ De acordo com a distinção educacional entre mulheres e homens, inclusive na educação emocional, acabam sendo portadores de maneiras específicas de compreender, sentir e agir, vivenciando as relações

⁴⁰ Cf. TURKENICZ, A. *A aventura do casal*. Porto Alegre, Editora Artes Médicas, 1995.

⁴¹ Cf. BUENO TRIGO, Maria Helena & BRIOSCHI, Lucila Reis. “Família: Reprodução e Cotidiano. Reflexão sobre um Trabalho de Campo” IN *Textos CERU*. nº. 1, Departamento de Sociologia, São Paulo, USP, 1989, pp. 25-33.

sociais de forma diferenciada. As diferenças entre os sexos, são constantemente solicitadas a testemunhar as relações sociais e as realidades com a sexualidade.⁴² Essa opção é essencial para verificar a série de suposições relacionadas às questões de gênero, como noções de o que é ser homem em oposição à mulher na sociedade brasileira, e compreender as maneiras pelas quais essas noções estruturam a vida afetiva e sexual de cada um na vida contemporânea brasileira. Não pretendo confrontar mulheres e homens diante de suas concepções, sejam elas “modernas” ou “tradicionais”, e sim apresentar a reelaboração das realidades específicas a cada gênero.

O levantamento de dados, obtidos com mulheres e homens, mostra que existem diferenças em seus depoimentos, tanto um como outro têm diferentes tipos de discursos, os quais algumas vezes são contraditórios, mesclando elementos que podem ser considerados tradicionais ou modernizantes.⁴³ Logo, as representações se diferenciam. Parto da premissa de que as relações de gênero se constroem socialmente e se evidenciam na vida cotidiana por meio das práticas discursivas, logo, utilizarei também esse pressuposto em minha análise.

Mulheres e homens muitas vezes flexibilizam códigos e normas, e terminam reelaborando valores. Problematizarei como as pessoas se organizam em sociedade e se vêm dentro dela, com suas normas, leis e padrões, verificando através dos diversos depoimentos como estão vendo os códigos sociais de relacionamento⁴⁴ a dois.

Refletir sobre as relações de gênero é, sem dúvida, um desafio posto às sociedades, especialmente se este espaço social traz em si a marca da desigualdade e da discriminação, fazendo parte de uma estrutura social que requer mudanças nos mais diversos sentidos. Pensar em mudanças faz perceber a complexidade do universo das relações sociais que geram opressão e exclusão.⁴⁵

⁴² Cf. SCOTT, Joan. “Gênero: Uma categoria útil de análise histórica” IN *Educação e Realidade*. 20 (21): 71, jul/dez, 1995, pp. 71-99.

⁴³ Cf. NOGUEIRA, Tânia da Glória. *Mudanças no relacionamento afetivo-sexual*. São Paulo, Escuta; Belo Horizonte, Fumec, 2003.

⁴⁴ Adoto o termo “relacionamento” conforme o significado de vínculo emocional próximo à outra pessoa. Sobre o assunto, consultar: GIDDENS, Anthony. *A Transformação da Intimidade*. São Paulo, UNESP, 1992.

⁴⁵ Gênero tem sido muito discutido em artigos de jornais, nas reivindicações de movimentos sociais, e sobretudo em trabalhos acadêmicos. Heilborn aborda a história do conceito de gênero, originado das ciências sociais que se refere à construção social do sexo, ajudando a entender o que significa esse termo. Sobre o assunto, consultar:

Em busca do campo

*O antropólogo é um narrador de experiências de vida. Seu ofício o leva a relatar as inúmeras maneiras que homens e mulheres inventaram para viver suas vidas.*⁴⁶

Não existe receita e nem historinhas fantásticas para ter uma entrada correta em campo. Minha entrada no campo ocorreu no período entre os meses de agosto de 2003, a junho de 2005. O contato inicial para a realização das entrevistas deu-se antes do processo seletivo ao mestrado do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, pois ao elaborar o projeto de pesquisa, já havia feito uma pequena incursão a campo.

Para obter os depoimentos que pautam a pesquisa, adotei a prática de Dauster (1984),⁴⁷ assim transformei alguns amigos e pessoas mais ou menos conhecidas em interlocutores. Com alguns mantenho estreitas relações de amizade. Sendo que outros entrevistados foram indicados por amigos e conhecidos; quanto aos demais, a aproximação foi possível, por saber um pouco de suas experiências de vida e alguns relatos sobre situações vividas.⁴⁸ De acordo com Boissevain (1987), esta prática é familiar, pois se concentra a rede social de amigos, parentes, colegas de trabalho, considerando as visitas, as fofocas e as manipulações que ocorrem entre eles. Todavia, essa estratégia indica que quando temos problemas, de vez em quando, tentamos resolver, via amigos e amigos de amigos, com quem podemos formar alianças temporárias.⁴⁹

HEILBORN, Maria Luiza. “Fazendo Gênero? A antropologia da mulher no Brasil” IN OLIVEIRA COSTA, Albertina & BRUSCHINI, Cristina (Orgs.). *Uma questão de Gênero*. Rio de Janeiro, Rosa dos Ventos/Fundação Getúlio Vargas, 1992, pp. 93-126.

⁴⁶ Trecho extraído do texto de NOVAES, Regina C. Reyes. “Lembranças camponesas: repressão, sofrimento, perplexidade e medo” IN *Fazendo Antropologia no Brasil*. ESTERCI, Neide, FRY, Peter & GOLDENBERG, Mirian (Orgs.). Rio de Janeiro, DP&A, 2001, pp. 231-264.

⁴⁷ Cf. DAUSTER, Tânia. “A invenção do amor” IN *Anais do III Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP)*. Águas de São Pedro, São Paulo, out/1984, v.1, pp. 521-537.

⁴⁸ Também resgato os informantes da pesquisa anterior, realizada entre casais católicos. Assim, fujo do meu círculo de amizades, mas não o evito.

⁴⁹ Cf. BOISSEVAIN, Jeremy. “Apresentando ‘amigos de amigos: redes sociais, manipuladores e coalizões” IN FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). *Antropologia das Sociedades Contemporâneas – Métodos*. São Paulo, Global, 1987, pp. 195-223.

Mas, seguindo os passos de Malinowski (1990), o etnógrafo não tem só que estender suas redes no lugar correto e ficar esperando o que nelas cairá. O mesmo deve adotar a postura ativa e seguir buscando informações em outros espaços, mesmo que pareçam inacessíveis. A coleta de dados concretos sobre o tema, aqui estudado, constitui, portanto, um dos principais pontos do método de campo, exaurindo tanto quanto possível todos os dados ao seu alcance.

Logo, para adentrar no mundo dos informantes, verificar suas vivências afetivas e escutar relatos de experiências íntimas da vida dos nativos, é preciso estreitar os laços. Dessa forma, iniciei a etapa de levantamento de dados através de entrevistas,⁵⁰ a fim de focalizar as histórias de vida de mulheres e homens, que como objeto de pesquisa científica relatam um percurso singular e se tornam uma janela aberta para entender o “outro”. Debert (1986) discute problemas relativos à utilização da história de vida e história oral indicando que este instrumental possibilita o estabelecimento de conversação entre interlocutor e analista. De acordo com a autora, a história de vida possibilita o diálogo com o conjunto de informantes pesquisados, permitindo ver outras dimensões e pensar outras maneiras, que através dos informantes, nos propomos a analisar.⁵¹

Foi pensando dessa forma que na maior parte dos depoimentos coletados mantive-me silenciosa, apenas incentivando o interlocutor a usar seus próprios termos e construir sua história. Até mesmo com pessoas com quem mantenho laços de amizade preferi não interromper, apenas quando necessário, como no caso de momentos de silêncio, optei por proceder dessa forma, para o relato obedecer a ordem cronológica ou emocional do interlocutor, pois tinha receio de fazer recortes que talvez pudessem intimidar ou quebrar o desencadeamento da história de vida desses informantes e abortar eventos e imagens-chave.

As histórias de vida sempre tiveram um papel formador na conduta do indivíduo ao longo dos tempos. As populares histórias dos santos na Idade Média, ou a história de figuras públicas nos nossos dias desempenham uma poderosa função como

⁵⁰ A referir, os depoimentos coletados, via entrevista, durante a realização de pesquisa de campo, ressalto que a grafia das palavras obedece a forma verbal dos interlocutores, correspondendo à linguagem coloquial.

⁵¹ Sobre a técnica dos depoimentos gravados consultar: DEBERT, Guita G. “Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral” IN CARDOSO, Ruth (Org.). *A Aventura Antropológica*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986, pp. 141-156.

modelos de comportamento.⁵² Numa sociedade onde as ideologias e os valores podem estar em crise, a vida concreta tende a ser assumida como a única coisa em que se pode confiar.

A vivência do outro é muito diferente da nossa, portanto, uma investigação mais rigorosa torna-se necessária para compreendê-la. Considerando a diversidade cultural, dar voz aos informantes é um meio de trazer à luz a vida desses atores, suas concepções de mundo e suas histórias. O conteúdo das entrevistas é fundamental para descobrir e desmistificar suposições, a fim de conhecer como são pensadas e vividas as práticas de infidelidade. Muitas vezes a história relatada traz a presença de outras pessoas que acabam fazendo parte da entrevista, através do relato, como relações entre pais, amigos, parentes, vizinhos, namorado(a), namorado(a) de amigos, provocando que o interlocutor manifeste seu olhar sobre a realidade dessas pessoas.

Após minha aproximação do informante, eu apresentava ou acrescentava maiores informações acerca dos objetivos do estudo e da entrevista. Na explicação sobre a pesquisa, resaltei a importância de saber a opinião das pessoas em relação a questões sobre família, paixão, amor, amizade, namoro, sexo e posteriormente pedi que cada um relatasse histórias de relacionamentos amorosos. Para, a partir de então, tratar o tema infidelidade. Admito que esta foi uma estratégia de campo, para deixar os informantes à vontade e também por receio de não consentirem em dar uma entrevista, quando eu apresentasse o tema sem rodeios, ou fora do contexto das relações sociais.

Respeitando tais princípios, elaborei um roteiro de entrevista que poderia ou não ser usado, complementei a tarefa através de escuta não diretiva, a partir da segunda entrevista realizada, esta caracterizada como uma entrevista semi-estruturada.

A utilização do recurso técnico do gravador surpreendeu-me, pois em nenhum momento houve dificuldade em aceitar a gravação, pelo contrário, algumas vezes a ferramenta servia para registrar detalhes que o interlocutor fazia questão de ressaltar, quando se dirigia ao gravador, repetindo e soletrando frases para que a informação não deixasse de ser

⁵² Cf. LEVI, Giovanni. “Usos da Biografia” IN FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998, pp. 165-182.

registrada. No caso de Ismael,⁵³ quando expõe sua opinião em relação à conduta de mulheres infiéis: “... são vagabundas, registra isso aí [aponta para o gravador, se aproxima do aparelho e repete soletrando a frase] va-ga-bun-da!”

Embora não tenha tido dificuldades no uso do gravador, alguns interlocutores, homens, sentiram-se inibidos ao falar sobre infidelidade, deixavam claro quando queriam mudar de assunto. Nesses momentos, como aprendiz em Antropologia, tive que manter paciência e dirigir o assunto para outros campos até retornar ao ponto que interessava ao estudo. Quanto às mulheres, mostraram disponibilidade para falar do assunto, que quase sempre é mantido oculto.

Segundo Giddens (1992), as mulheres ficaram especialistas nas técnicas de intimidade enquanto os homens se especializaram nas técnicas de sedução. Muito mais que os homens, elas falam de sua vida sexual, amorosa e dos problemas envolvendo os parceiros. Percebi que as mulheres valorizam, muito mais que os homens, as conversas íntimas, sendo mais narrativas e detalhistas em suas histórias. É possível também que o fato delas serem abertas ao tema seja a vontade de compartilhar experiências tristes ou não.⁵⁴

Diante dessas dificuldades, desses silêncios masculinos, reflito que a minha posição, lugar de onde eu falo, é também construído neste percurso, o fato de ser uma mulher pesquisando; o lugar da mulher, cientista social, mestranda, com o olhar treinado e voltado para os acontecimentos que me cercam, talvez pudessem inibir o outro. Pois, ali estava

⁵³ Ismael, 35 anos, branco, com quatro relacionamentos, os quais qualifica como “fixos”. Atualmente está namorando há três anos com a mesma pessoa, tem um filho de um relacionamento anterior, mora com os pais e os irmãos, é o antepenúltimo filho de treze irmãos, tem curso superior em Economia e está concluindo curso de Especialização em Gerenciamento de Renda e Emprego, em uma instituição de ensino, trabalha como administrador e empresário, além de ser funcionário público federal. É independente economicamente desde os 18 anos. Entrevista realizada em 13/09/2004.

⁵⁴ Segundo Giddens (1992) os homens construíram a sua identidade através do trabalho e em relação às mulheres, não no amor em si, mas enfatizando as habilidades e técnicas da conquista; isto fez com que se distanciassem da intimidade conhecida pelas mulheres. Em vários outros estudos as mulheres estão presentes querendo discutir suas histórias. Sobre o assunto, consultar: GIDDENS, Anthony. *A Transformação da Intimidade*. São Paulo, UNESP, 1992; GOLDENBERG, Mirian. *A Outra: Um estudo antropológico sobre a identidade da amante do homem casado*. Rio de Janeiro, Editora Revan, 1990 e *Ser homem, Ser mulher dentro e fora do casamento*. Rio de Janeiro, Revan, 1991; SINGLY, François. “O nascimento do ‘indivíduo individualizado’ e seus efeitos na vida conjugal e familiar” IN PEIXOTO, Clarice *et alli*. *Família e Individualização*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2000, pp. 13-19 e BOZON, Michel. *Sociologia da Sexualidade*. Rio de Janeiro, FGV, 2004.

invadindo um espaço tradicionalmente masculino, querendo remexer sua privacidade, com o objetivo de desnudar a vida íntima de um homem.⁵⁵

Mesmo “impondo” o poder da importância científica, creio que em alguns casos não obtive êxito diante dos informantes. As reações ao fato de estarem sendo pesquisados por uma mulher foram variadas. Alguns continuavam a querer seduzir a mulher investigadora com convites e histórias dramáticas, nas quais eles eram as vítimas centrais, havendo casos em que a entrevista transcorria num clima de sedução, de forma sutil, e outras diretas. Inclusive em alguns momentos tive que utilizar o *status* de mulher casada. Esta condução me salvou, em alguns momentos, dos assédios que uma mulher sofre ao pesquisar homens, pelo menos, ser aprendiz de antropóloga foi utilizado como uma arma para mal entendidos ocorridos, uma vez que precisava olhar para esses homens, e olhar fixamente, esta postura em nossa cultura significa “quase” um flerte, o interesse por outrem.

Talvez por esta pesquisa tratar da questão da infidelidade, os mesmos não reconheciam meu trabalho como algo ligado à ciência. Tratava-se de elemento presente não apenas nos momentos de interação com os entrevistados, mas também na relação com meus pares, dentro e fora da academia, em que eram comuns comentários jocosos do tipo: “E aí estás fazendo pesquisa participante para saber o que é infidelidade?” Ou ainda, “qual é a metodologia da tua pesquisa?” Quando não, era motivo de brincadeiras, piadas que traduzem o imaginário acerca da relação entre mulher e homem.

Quando se realiza investigação em sociedades contemporâneas, Cicourel (1990) pressupõe que é oportuno, e até algumas vezes essencial, fazer contatos iniciais com os interlocutores.⁵⁶ Adotando o ensinamento, manteve um breve contato anterior, o que facilitou

⁵⁵ As reflexões de ordem metodológica que nortearam esta pesquisa me colocaram em situação semelhante à de Roseli Buffon, que realizou pesquisa entre um grupo de homens de camadas médias intelectualizadas, na faixa etária dos 30 anos, que moram sozinhos. Os quais mostraram-se dispostos a dar-lhe um depoimento, mas que ao discorrer sobre questões acerca da sexualidade e afetividade comportaram-se de maneira reticente e lacônicos. Sobre o assunto, consultar: BUFFON, Roseli. “Encontrando uma tribo masculina de camadas médias” IN GROSSI, Miriam Pillar (Org.). *Trabalho de Campo e Subjetividade*. Florianópolis, Publicação do Grupo de Estudos de Gênero & Subjetividade, Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 1992, pp. 53-70.

⁵⁶ Cicourel aborda os problemas metodológicos que pesquisadores da área das Ciências Sociais se defrontam, ressaltando a relevância da pesquisa de campo, incluindo tanto a observação participante quanto a entrevista, é um método no qual as atividades do pesquisador exercem um papel crucial na obtenção dos dados. O autor alerta para pontos importantes sobre como estabelecer contato com os informantes, o estabelecimento das

a interação entre pesquisadora e informantes. Fiz onze entrevistas. Oito mulheres e cinco homens. Quase todos os depoimentos foram gravados, com exceção de dois, que foram conversas informais. Tiveram a duração de duas a quatro horas, foram transcritas por mim, para evitar que outra pessoa tivesse acesso ao material. Quase todos os depoimentos foram coletados na residência dos entrevistados, por sugestão dos mesmos, que julgavam ser o ambiente mais confortável, para mim e para eles. Apenas duas entrevistas foram feitas em ambiente público, pois assim os interlocutores preferiram. Ressalto que o depoimento coletado dos dois casais que participaram da pesquisa, foi realizado com a presença de ambos, os quais, algumas vezes compartilharam e discordaram de opiniões.

Depois de obter o consentimento dos informantes, parti para a segunda etapa do processo de campo, relacionado ao meu compromisso com o sigilo para utilização dos dados. Os nomes utilizados são fictícios para preservar a identidade das pessoas envolvidas na pesquisa, os mesmos exigiram que o item profissão também fosse caracterizado por atividade fictícia, exigência atendida, sendo que atribuo profissões que tenham proximidade com a situação real do interlocutor. Retirei, pelas mesmas razões, todos os elementos que pudessem identificar o entrevistado e outras pessoas, citadas e/ou envolvidas, que emergem dos depoimentos.

Para desenvolver a etnografia é necessário estabelecer relações com informantes e realizar entrevistas-em-profundidade, para conhecer a história de cada interlocutor e recolher dados sobre sua rotina diária, sua história sentimental e sexual e suas concepções de amor, infidelidade e intimidade, fez-se necessário organizar um diário de campo; cadernos de anotação; buscar trabalhos desenvolvidos acerca da temática e estar atenta às orientações para garantir o processo de investigação. Pois, segundo Cardoso (1986), a coleta de dados não é apenas fase de acumulação de informação, é um tempo útil para reformulação de hipóteses, a partir dos dados revelados e para elaboração de novas

relações sociais, o exagero no envolvimento com as pessoas, o registro dos dados, a verificação dos dados, e assim por diante. Sobre o assunto, consultar: CICOUREL, Aaron. “Teoria e método em pesquisa de campo” IN GUIMARÃES, Alba Zaluar (Org.). *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro, Francisco Alves S/A, 1990, pp. 87-121.

entrevistas. O pesquisador assume a posição de mediador entre a análise e a produção de informação.⁵⁷

Remeter-me à descrição densa, observação direta, entrevistas ou à observação participante, é estar diante de um impasse, pois o método é amplo e as fronteiras permeáveis, o pesquisador, conforme suas condições de campo, lança mão de todos os instrumentos de pesquisa e eles, em alguns momentos, adquirem a mesma relevância.

Aleatoriedade: um campo de possibilidades

Falar de relações amorosas não é tão simples como visto em novelas ou lido em romances e revistas. Para a pesquisa acadêmica é necessário indicar o recorte, delimitar o objeto de pesquisa e levantar questões que irão ser de fundamental importância para o desenvolvimento do estudo exploratório.

Gilberto Velho (1986)⁵⁸ nos mostra que a escolha dos informantes não acontece de forma aleatória. Os atores desta pesquisa não foram “selecionados” a partir de um lugar específico, como, por exemplo, um bairro, uma igreja, uma instituição, e, sim, definidos a partir da colaboração dos interlocutores na pesquisa, tomando como ponto de partida o *locus* que trabalhei antes, entretanto não posso falar dos colaboradores como grupo por razões que passo a discutir. A partir disso não defino critério de seleção, então optei por não restringir faixa etária, escolaridade e camada social.

Sabe-se que para a construção da pesquisa algumas escolhas são necessárias. Portanto, a opção em selecionar interlocutores foi não estabelecer homogeneidade, e sim heterogeneidade, a partir das variantes: idade, gênero, classe e escolaridade. Através das informações obtidas, pude perceber e observar as relações tecidas pelos interlocutores com amigos e parentes. Eles discutem, conversam, estudam, estabelecem relações, concebem e

⁵⁷ Cf. CARDOSO, Ruth. “Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método” IN CARDOSO, Ruth (Org.). *A Aventura Antropológica*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986, pp. 95-106.

⁵⁸ Cf. VELHO, Gilberto. “Histórias de vida: Resumos e Reflexões” IN *Subjetividade e Sociedade. Uma experiência de geração*. Rio de Janeiro, Zahar, 1986, pp. 28-32.

vivenciam as práticas amorosas. A questão do espaço poderá surgir a partir do depoimento oferecido pelos informantes, de onde se encontram ou onde podem ser encontrados.

Vários são os tipos de relacionamentos afetivo-sexuais na sociedade e, inúmeras são as definições, mas para não correr o risco de ficar sem objeto definido, o relacionamento conjugal que pretendo trabalhar é o que refere as relações entre casais heterossexuais.⁵⁹ O estudo se volta para jovens e adultos, casais de namorados, noivos, marido e mulher, e/ou separados, privilegiando depoimentos sobre infidelidade, a partir dos quais foi possível enxergar e trabalhar diversas situações ao mesmo tempo, que possibilitou a observação de como as pessoas se relacionam, que elementos as aproximam, o que pensam e fazem em relação à afetividade, como se dão as relações amorosas em família e os momentos de sociabilidade.

Os espaços escolhidos para a pesquisa foram delineados de acordo com as relações sociais estabelecidas pelos informantes, não esquecendo que trabalho com pessoas que se dispuseram a revelar um pouco de suas vidas, portanto, me aproximei de pessoas de idade diversas e posições sociais diferenciadas, pois as representações sobre infidelidade circulam⁶⁰ socialmente manipuladas pelos envolvidos no assunto. Por se tratar do tema infidelidade, assunto delicado, polêmico e, um tanto espinhoso, não posso isolar pessoas e atribuir-lhes tal prática, pois assim estaria imputando às pessoas condutas condenadas socialmente, em lugar de fazer Antropologia.

Minha intenção ao trazer os atores à cena é ampliar o espectro e focalizar as representações dos envolvidos sobre infidelidade que, segundo acredito, não atinge apenas uma camada social, buscando os sentidos e significados articulados pelos informantes, que de uma forma ou outra, se dispuseram a participar da pesquisa, compartilhando comigo suas histórias de vida, às vezes alegres, outras nem tanto.

⁵⁹ Optei por trabalhar com casais heterossexuais, embora evidentemente, existam outras formas que também são designadas como união. É importante ressaltar que a categoria heterossexual é de acordo como o informante se auto denomina, vivenciando relações heterossexuais, não se referindo a nenhum outro tipo de relacionamento afetivo.

⁶⁰ Não é preciso ser de uma classe social para pensar de acordo com seus preceitos e visões de mundo, as idéias circulam entre categorias e gerações distintas. Dessa forma, a pesquisa pretende formular um texto que demonstre quão importante e real é a circularidade de idéias entre as culturas e nas sociedades. Sobre o assunto, consultar: GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

Opto pela diferenciação etária para verificar se os momentos históricos de diferentes formas de socialização apresentam variação, que signifique modos de compreensão da realidade na diversidade conforme a época em que foi vivida e a experiência extraconjugal. Segundo Goldani (1990),⁶¹ do ponto de vista demográfico a diferença de idades não causa mudanças, mas na medida em que há diversidade de idades, pode possibilitar uma intermediação no processo de transformação, podendo exercer uma mediação entre o processo de mudança e as condutas desses indivíduos. De todo modo, os alcances serão limitados, pois o número de entrevistados não é muito grande, mas satisfatório para os objetivos propostos.

A partir daí, busco contrastes, diferenças e semelhanças que constituem os relacionamentos expressos nessas emoções. A solicitação de relatos sobre relacionamentos afetivos e sexuais pode incorporar, segundo a relevância do entrevistado, elementos que o informante considera significativo para explicação de sua história. São experiências concretas dos interlocutores, vivências, “... percepções pessoais, sentimentos íntimos que marcaram experiências ou acontecimentos vividos no contexto de sua trajetória de vida” (CHIZZOTTI, 1991, p. 95), que estão em primeira instância construídos socialmente, segundo as normas vigentes, mesmo que vivenciadas com nuances diferentes pelos entrevistados.⁶²

De acordo com Heilborn (1999)⁶³, o depoimento sobre experiências e circunstâncias traduzem roteiros onde se combinam distintas marcas sociais que delimitam o campo de possibilidade das pessoas: origem, história familiar, etapa do ciclo de vida em que se encontram, as relações de gênero estatuídas no universo em que habitam, são os elementos que tentam mostrar o sentido do “eu”.

Sigo os passos de Moutinho (2004),⁶⁴ ao adotar à aleatoriedade na seleção dos informantes, permitindo ampliar o quadro investigativo em distintas camadas sociais, com

⁶¹ Cf. GOLDANI, Ana Maria. “Família, Trajetórias Individuais e Mudanças Demográficas” IN *Anuais da ABEP*. VII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Vol. I, Caxambu, out/1990, pp. 55-99.

⁶² Cf. CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. São Paulo, Cortez, 1991.

⁶³ Cf. HEILBORN, Maria Luiza. “Construção de si, gênero e sexualidade”. IN HEILBORN, Maria Luiza (Org.). *Sexualidade. O olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro, Zahar, 1999, pp. 40-58.

⁶⁴ Moutinho traz em sua obra a abordagem de um novo olhar sobre a complexa relação racial e sexual no Brasil, comparando-a com a sociedade sul-africana, enfocando maneiras que os relacionamentos afetivos, sexuais e inter-raciais são estruturados e pensados nas distintas sociedades. Nesse sentido, a autora dialoga com diferentes camadas sociais, com níveis educacionais distintos, pois cabe lembrar que categorias, como sexualidade, não são fixas. Sobre o assunto, consultar: MOUTINHO, Laura. *Razão, “cor” e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais “inter-raciais” no Brasil e na África do Sul*. São Paulo, UNESP, 2004.

níveis educacionais diferenciados, pois as representações sobre infidelidade não são fixas. Creio que o contexto social tenha fundamental importância, mas é necessário ir além desses contextos. O mérito desse procedimento é poder cotejar trajetórias e cenários distintos, seja pelo prisma de classe, seja pelo gênero.

Considerar os diferentes contextos culturais possibilita recuperar um percurso de experiências no âmbito dos afetos e contatos físicos, designados pelas representações masculinas e femininas de uma sociedade complexa e heterogênea.

Ao descrever os informantes é necessário apontar que todos pertencem a camadas sociais diferenciadas, que vão de camadas médias a populares. (Quadro 1) Três informantes são ou foram militantes políticos de esquerda. Quatro têm curso superior, sendo que um está fazendo estudos de pós-graduação. Oito pessoas não têm curso superior, dois possuem curso técnico profissionalizante; três possuem curso fundamental e quatro possuem nível médio. Uma mulher faz o curso pré-vestibular. Nove dos informantes são de família católica, mas cinco se declaram não praticantes. Apenas duas mulheres confessam-se evangélicas e uma segue a doutrina Testemunha de Jeová. Todos moram na capital, Belém. São três mulheres e dois homens com relacionamento de namoro “fixo”,⁶⁵ três mulheres casadas, dois casais e um homem divorciado, mas que está namorando “fixo”.

⁶⁵ A denominação “fixo” foi dada pelos interlocutores, para distinguir dos relacionamentos conhecidos como “ficar” ou “paquera”. O “ficar” surgiu no final da década de 90 substituindo a “paquera”, que predominava nas décadas anteriores, conhecida também como “xaveco”. O “ficar” é visto como característica marcante do comportamento juvenil, entre 12 a 17 anos, que em festas podem até ficar com inúmeros parceiros, podendo indicar conotação sexual ou não, mas sem maiores conseqüências. O “ficar”, a “amizade colorida”, a “paquera”, entre outros termos, compõem um quadro de palavras que veiculam significados diferentes de modos de relacionamentos afetivos. Sobre o assunto, consultar: CAVALCANTE, Adriana. “Geração Beijo na Boca” IN *Revista Isto é*. n° 1538, 24/05/1999, pp. 62-64.

Quadro 1

Mulheres e Homens entrevistados

NOME	IDADE	BAIRRO	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	COR ⁶⁶	RELIGIÃO	RESIDE	ESTADO CIVIL	FILHOS
Janete	25	Marambaia	Nível Médio	Designer de moda	Morena*	Católica	Com amigas	2 anos de namoro	—
Leila	33	Tapanã	Nível Técnico	Enfermeira	Negra	Evangélica	sozinha	2 anos de namoro	—
Nazaré	24	Coqueiro	Ensino Fundamental	Manicure e Pedicure	Branca	Católica	Com o marido	2 anos de casada	01
Lorena	32	Terra Firme	Nível Técnico	Esteticista	Branca	Evangélica	Com marido	5 anos de casada	02
Cibele	25	Guamá	Nível Médio	Auxiliar Administrativa	Branca	Testemunha de Jeová	Com os pais/irmãs	4 anos de casada	01
Lúcia	36	Pedreira	Nível Superior	Psicóloga	Branca	Católica	Com os pais/irmãs	5 anos de namoro	—
Ricardo	21	Cidade Velha	Nível Superior	Engenheiro	Branco	Católico	Com os pais/irmã	2 meses de namoro	—
Ismael	35	Condor	Nível Superior	Administrador e Empresário	Moreno	Católico	Com os pais/irmãos	3 anos de namoro	01
Eduardo	55	Marco	Nível Superior	Contador	Branco	—	sozinho	Divorciado	03
Maria Bento	44 48	Jurunas	Ensino Fundamental Ensino Fundamental	Servente Marceneiro	Negra Negro	Católicos	Com os filhos	25 anos de casados	04
Vilma Marlon	56 52	Jurunas	Nível Médio Nível Médio	Professora Comerciário	Branca Branco	Católicos	Com os filhos	24 anos de casado	03

⁶⁶ A anotação é fruto de auto-identificação surgida em meio às narrativas coletadas, conservei o termo usado pelo interlocutor.

A formação acadêmica de quatro dos interlocutores corresponde as seguintes áreas Psicologia, Engenharia, Administração e Contabilidade. A formação técnica de dois dos interlocutores compreende o campo da Enfermagem e da Estética. A formação profissional dos demais corresponde a Artesanato, Manicure e Pedicure, Auxiliar Administrativa, Serviços Gerais, Marcenaria, Docente do ensino médio e comerciário.

São, uma professora; uma psicóloga; um engenheiro; um administrador; um contador; uma artesã e estudante de curso pré-vestibular; uma enfermeira; uma manicure e pedicure, uma esteticista, uma auxiliar de escritório, uma servente; um marceneiro e um comerciário.

Diria se tratar de um conjunto de pessoas com características significativas, com distintos estilos de vida, afirmando com clareza, ser heterogêneo, e cuja discussão ou diálogo com a bibliografia devem ajudar a explicar.

Tecendo por trás dos panos

Para alcançar o objetivo proposto, ou seja, as representações sobre infidelidade, é importante saber lidar com métodos e técnicas necessárias ao desenvolvimento da pesquisa. Segundo Geertz (1997), o antropólogo não precisa tornar-se nativo para conseguir realizar uma pesquisa e, ao voltar do trabalho de campo, assumir outra postura, a de pesquisador, pois ninguém é “semicamaleão” que troca a postura no momento que queira. Portanto, pretendo adotar dois conceitos essenciais que me auxiliarão em momentos distintos da investigação, a experiência próxima e a experiência distante.

O conceito de experiência próxima permitirá o acesso aos conceitos apreendidos dos nativos e, quanto à experiência distante, terei os conceitos do pesquisador. Através dessas experiências busco dialogar com a teoria e a prática, objetivando a produção de um texto instruído academicamente sem, no entanto, ocultar o depoimento dos interlocutores.

De acordo com Geertz (1997), a melhor maneira de conduzir a análise antropológica e estruturar os resultados é tornar o significado de “ver as coisas do ponto de vista dos nativos” menos exótico, e não esquecer que todos somos nativos de alguma sociedade.⁶⁷

Percorrendo as obras de Malinowski,⁶⁸ Mauss,⁶⁹ e lendo os etnógrafos aprende-se, com a tradição empiricista que o antropólogo deve realizar uma imersão no cotidiano de outra cultura, para traduzir seu agir humano, o etnógrafo não vai encontrar os fatos arrolados em “códigos de leis escritos ou explicitamente expressos”, a estrutura de uma sociedade encontra-se incorporada no mais evasivo de todos os materiais: o ser humano.⁷⁰ Logo, o método etnográfico torna-se instrumento eficaz de inteligibilidade das vidas humanas. De acordo com Geertz (1997), esse método é uma tentativa não de exaltar a diversidade, mas de descrição analítica e reflexão interpretativa. Sendo importante ressaltar ainda, que nenhuma etnografia por mais detalhada que seja, é apenas descrição, ela apresenta-se como uma reflexão mais geral que auxilia a pensar situações semelhantes.

A pesquisa empírica pautou-se em observação minuciosa, fruto de escuta atenta, complementada pela análise de depoimentos relacionados às representações de práticas consideradas desarmoniosas ou não, pelo casal, num relacionamento amoroso, que podem afetar a estrutura monogâmica ou reinventá-la. Compreender essas relações é também compreender o “prazer” e a “dor”.⁷¹ Os relacionamentos extraconjugais esporádicos ou a variação de parceiros sexuais poderão ser tratados, mas não serão o ponto privilegiado do estudo, a forma como são vivenciadas essas práticas é que são o centro da análise.

Escutar, descrever e interpretar o que os “nativos” dizem sobre determinados comportamentos, observações e práticas sociais são de fundamental importância para

⁶⁷ Cf. GEERTZ, Clifford. *O Saber Local: novos ensaios de antropologia interpretativa*. Petrópolis, Vozes, 1997.

⁶⁸ Cf. MALINOWSKI, Bronislaw. *Um diário no sentido estrito do termo*. Rio de Janeiro, Record, 1997; e KUPPER, Adam. *Antropólogos e Antropologia*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.

⁶⁹ Cf. MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, EPU/EDUSP, 1974; e SIGAUD, Lygia. “As vicissitudes do Ensaio sobre o Dom” IN *Revista Mana* v. 5 n° 2, Rio de Janeiro, out/1999, pp. 89-123.

⁷⁰ Cf. GUIMARÃES, Alba Zaluar (Org.). “Introdução” IN *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro, Francisco Alves S/A, 1990, pp. 09-35.

⁷¹ Remeto-me aqui às categorias nativas que emergem dos depoimentos obtidos.

elaboração da discussão da pesquisa que ora desenvolvo.⁷² Segundo Kofes (2001),⁷³ para compreender a fala dos atores envolvidos e suas ações, é necessário não apenas escuta-las, e sim “vê-las”, “presenciá-las”. E não apenas o pesquisador, mas o leitor quando estiver à frente da pesquisa concluída, no estudo o sentido da recomendação é figurado, pois só vi e presenciei os fatos a partir das narrativas, por motivos óbvios.

O instrumental metodológico apoia-se no pressuposto de que os indivíduos pertencem a redes de sociabilidade, de status e classes sociais distintos. Portanto sua maneira de agir, ser e pensar respalda-se na intersubjetividade específica dessa realidade objetiva. A posição de cada um se expressa de múltiplas maneiras, conforme a estrutura social em que está inserido.

O estudo não se detém a lugares sociais específicos. Refiro-me a relações de amor, casamento, família e sociabilidade, desenvolvidas a partir da cidade, sendo importante observar como se constroem as representações sociais de cada informante. Para compreender essas representações é necessário conhecer o lugar onde estão inseridas socialmente. Esses aspectos são explorados, também, através de entrevistas.

Segundo Durham (1986), a pesquisa antropológica com populações urbanas é rica por sua capacidade de detectar abordagens distintas e interpretações alternativas, apresentando material de análise estimulante para refletir sobre a realidade social.⁷⁴ A cidade funciona como espaço ativo, que interage e é apropriado pelos indivíduos que nela estão presentes, além de ser compreendida como espaço onde os processos sociais se desenrolam. Procurarei adotar a perspectiva de Velho e Machado “... situações que ocorrem em cidades sem que tenhamos forçosamente, de explicá-los pelo fato de estarem ocorrendo naquele quadro especial. Estaremos fazendo ciência social na cidade e não da cidade” (1977: 71).⁷⁵

⁷² Geertz afirma que é perda de tempo ficar especulando ou traçando idéias preconcebidas sobre determinados assuntos na sociedade, o importante é compreender as representações do nativo. Sobre o assunto, consultar: GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

⁷³ Cf. KOFFES, Suely. *Mulher, Mulheres. Identidade, Diferença e Desigualdade na relação entre patroas e empregadas*. Campinas, São Paulo, Editora da Unicamp, 2001.

⁷⁴ Cf. DURHAM, Eunice R. “A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas” IN CARDOSO, Ruth (Org.). *A Aventura Antropológica*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986, pp. 17-38.

⁷⁵ Cf. VELHO, Gilberto & MACHADO, Luís Antônio. “Organização social do meio urbano” IN *Anuário Antropológico 76*. Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro, 1977, pp. 71-82.

Ao partir do Jurunas,⁷⁶ no espaço urbano de Belém, tenho a cidade, apenas, como uma espécie de "vitrine" da diversidade, com múltiplas faces e local onde vivem os informantes, portanto, os depoimentos se reportam ao espaço da cidade. Que são usados para encobrir os relacionamentos classificados pelos informantes como infidelidade, expressões através de termos que vão de “arranhões” à “puladas de cerca” gerando outras categorias nativas de classificação para mulheres e homens.

Para auxiliar o desenvolvimento da pesquisa, busco inspiração em romances da literatura nacional⁷⁷ e universal,⁷⁸ além de poesias, músicas que contenham sentimentos, amores, sexualidade, situações de adultério e o que mais retrate o tema, pois acredito ser possível fazer um paralelo com as representações colhidas junto aos interlocutores, sem descuidar, como diz Ginzburg, “... dos limites entre ficção e realidade” (2001: 41).

A forma que escolhi para apresentar a dissertação é o método etnográfico. Segundo Lévi-Strauss (1975), essa forma constitui-se na observação e análise de grupos humanos e suas particularidades, objetivando a possibilidade de reconstituição fiel da realidade social pesquisada.⁷⁹ Em Mauss (1974), o método etnográfico é uma forma de apreensão do fenômeno social como total, posto que recompõe o social integrado num sistema com significado, segundo seu conceito de fato social total.

Destacados os aspectos metodológicos da pesquisa, neste capítulo introdutório, parto para a apresentação das seguintes etapas do estudo. No segundo capítulo trabalharei com as representações de infidelidade entre mulheres e homens no âmbito afetivo: conjugais e extraconjugais, buscando os critérios que os casais, entrevistados, usam para defini-la. Além de revelar a variedade de discursos que se apresentam de diversas formas entre os entrevistados, revelando a subjetividade de cada um e suas contradições.

⁷⁶ Bairro que foi o ponto de partida da pesquisa anterior, com casais católicos, e que resgato, ao iniciar o estudo presente.

⁷⁷ Cf. ASSIS, Machado. *Dom Casimiro*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1994; AZEVEDO, Aluísio de. *Livro de uma Sogra*. Rio de Janeiro, Ediouro, 1991.

⁷⁸ Cf. FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. São Paulo, Nova Alexandria, 1981; e KUNDERA, Milan. *A insustentável leveza do ser*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

⁷⁹ Cf. LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975.

As representações mostrarão como a infidelidade feminina e masculina é vista por mulheres e homens e pela sociedade. O que revela as relações assimétricas, pois quando são abordados temas como amor, sexo, traição, fidelidade conjugal, honra e monogamia os valores atribuídos à conduta masculina ou feminina são distintos.

Abordo no terceiro capítulo, a infidelidade, como estratégia do jogo amoroso; resultante de dificuldades ou não no relacionamento afetivo-sexual, ou pela ausência do amor. Trabalharei neste momento com os níveis de infidelidade classificados pelos interlocutores, além de verificar as concepções de “ficar”, paixão, amor, sexo, namoro e casamento.

Através dos objetivos propostos pretendo apresentar ao leitor esse universo ímpar. As páginas a seguir tentam desvendar significados dessas representações e a reflexão sobre as diversas maneiras e particularidades da experiência afetiva e sexual dos interlocutores. Mulheres e homens desenvolvem diferentes estratégias para lidar com o problema da sobrevivência da conjugalidade. Elas e eles narram histórias que revelam convicções e contradições sobre infidelidade, que muitas vezes os próprios interlocutores desconhecem ou fingem desconhecer suas razões.

De posse de referências e questões, a partir de agora, convido o leitor a me acompanhar na análise do tema, infidelidade e de sentimentos diversos que se configuraram a partir das narrativas, creio que a produção resultante de exercício do pensar, o polêmico tema surge de forma delicada, marcadamente sedutora, e por que não dizer fecunda?

Agora, a cena investigada será ocupada pelos personagens principais, as pessoas com as quais eu encontrei e que revelaram, um pouco, de suas experiências de vida amorosa, partilhando comigo representações sobre o tema: Infidelidade.

II. Infidelidades: novas posturas ou velhos valores?

*...a infidelidade atraente
um capítulo à parte
quase vírus ardente...*⁸⁰

Quando o assunto é infidelidade as pessoas tendem a oscilar sobre o que seja correto ou errado, para se valorizar ou para se proteger. Duas pesquisas feitas recentemente no Brasil, sobre infidelidade, revelam que ambos os sexos não se mantêm fiéis aos parceiros afetivos e sexuais, mas divergem sobre o número de mulheres que são infiéis⁸¹ ou, pelo menos, informam trair. Calcular dados sobre infidelidade é tarefa árdua. Se já é difícil admitir a prática infiel, que dirá confessar que cometeu infidelidade. Mas o objetivo aqui não é verificar quem é mais infiel, mulheres ou homens, e sim as representações que ambos têm acerca do tema, pois as pesquisas citadas revelam que o ideal de relacionamento monogâmico parece não se sustentar, pois um dos percentuais mais altos de respostas à pesquisa, acima referida, diz respeito à vontade dos entrevistados de ter um romance fora do relacionamento a dois.⁸²

As representações sociais têm sido abordadas com frequência em trabalhos científicos de diversas áreas, o que desperta muitas vezes a curiosidade sobre o que será, afinal, que tanto se fala. Com efeito, representação é um tema que atravessa as ciências humanas, não sendo patrimônio de uma área apenas. Tem suas raízes fundadas na sociologia, e uma presença marcante na antropologia e na História e na Psicologia.

O aumento do interesse em estudar os fenômenos do domínio do simbólico fez desabrochar, a partir dos anos 60, a preocupação para explicar às noções de memória social e imaginário, que irão receber mais atenção a partir dos anos 80. O conceito de

⁸⁰Cf. TATIT, Luiz. "Capitu" IN Álbum: *Na Ozzétti-Estopim*. Rio de Janeiro, Som Livre, fevereiro/1998.

⁸¹ Pesquisas realizadas pela antropóloga Miriam Goldenberg, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ouviu 1300 pessoas, entre 20 e 50 anos. O resultado de seu levantamento mostra que 47% das mulheres e 60% dos homens são infiéis. Outra pesquisadora, a psiquiatra Carmita Abdo, do Hospital das Clínicas de São Paulo, entrevistou 3000 pessoas na mesma faixa etária e constatou que 67% dos homens e 23% das mulheres já traíram o parceiro. A pesquisa conclui que é difícil verificar, se quem responde à pesquisa está dizendo a verdade. Também não há como garantir que a presença do entrevistador não influencie a resposta do entrevistado, portanto, alguns especialistas acreditam que os percentuais sejam muito maiores. Sobre o assunto, consultar: <http://www.psico-online.net/informacao.htm> Acessado em 22/09/2003.

⁸² Cerca de 60% dos homens e 55% das mulheres. Sobre o assunto, consultar o site referido anteriormente.

representação social apesar de ser oriundo da sociologia de Emile Durkheim⁸³ também ganhou teorização na psicologia social, desenvolvida por Serge Moscovici⁸⁴ e aprofundada por Denise Jodelet, teoria que passa a servir de ferramenta para outros campos de estudo como: saúde, educação, didática, meio ambiente, apresentando propostas teóricas diversificadas.⁸⁵

A partir de Durkheim buscarei entender como o ser humano articula sua realidade social no espaço das representações sobre o dizer e o fazer social. Desse modo ao discutir o imaginário social enquanto categorias verbais, poderei compreender o modo pelo qual os pesquisados em questão compreendem, e conseqüentemente, representam o mundo, às maneiras de pensar que estão associadas às práticas sociais. Um dos fenômenos que permite acessar as representações sociais em diferentes sociedades é a análise de condutas sociais.

Durkheim interessa-se particularmente, pelas representações coletivas, aquelas aceitas, preservadas, valorizadas, sacralizadas e reproduzidas pelos grupos que, através delas se expressam. Para o autor o homem é duplo, individual e coletivo. Não questiona oposição entre indivíduo e sociedade, mas compreende que as subjetividades sendo construídas socialmente, é o próprio indivíduo que passa a identificar-se e a desejar o que a sociedade estabelece como valor. Os conhecimentos racionais, lógicos, e as manifestações afetivas são gerais porque coletivas. Portanto para o autor, a razão orienta as representações e guia as condutas.⁸⁶

O estudo de representação, aqui, tem como objeto a relação indivíduo e sociedade, refletindo sobre como os indivíduos, enquanto sujeitos sociais organizam seu conhecimento a partir da interação social e cultural para construir relacionamentos amorosos.

⁸³ Durkheim era visto, sobretudo como um sociólogo, mas deu a antropologia status de disciplina acadêmica, e procurou deixar claro as diferenças entre sociologia, psicologia e filosofia. Sobre o assunto, consultar: KUPPER, Adam. *Antropólogos e Antropologia*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.

⁸⁴ A obra *La Psychanalyse, son image, son public*, que discute a matriz da teoria, surge em 1961 na França despertando interesses dos intelectuais, mas permaneceu limitada no Laboratório de Psicologia Social da École de Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris e dispersa em outros lugares da Europa. A teoria ganha força no início dos anos 80. Sobre o assunto, consultar: MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Rio de Janeiro, Vozes, 2003.

⁸⁵ Denise Jodelet, juntamente com Moscovici, ajudou a construir o campo de estudos das representações sociais, que embora tenha se iniciado na área da Psicologia Social, hoje constitui um campo interdisciplinar de pesquisas e de construção teórica, ao qual se associam pesquisadores das áreas das Ciências Sociais e Humanas: sociólogos, antropólogos, historiadores, cientistas políticos psicólogos e psicanalistas, filósofos, economistas, educadores, assistentes sociais e outros. Sobre o assunto, consultar: JODELET, Denise. *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro, UERJ, 2001.

⁸⁶ Cf. DURKHEIM, Emile. *Sociologia e Filosofia*. São Paulo, Ícone, 1994.

Entende-se por representação, processo de reelaboração subjetiva da realidade concreta de cada indivíduo. As representações são, por conseguinte, os meios pelos quais alocamos significados ao mundo das coisas e dos seres, cada membro de uma sociedade se representa a partir dos critérios classificatórios a seu dispor.⁸⁷ O estudo mostra as representações como possibilidade de ilustrar relações marcadas pela obrigatoriedade, formalidade e interesse, e também relações marcadas pelas emoções, amor e prazer. As representações, portanto, serão analisadas do ponto de vista científico antropológico e sociológico, expondo os conflitos entre o que foi dito e o efetivamente compreendido. Em nenhuma hipótese estarei realizando julgamento moral, no sentido de criticar, condenar ou absolver as pessoas envolvidas na pesquisa.

Para falar de infidelidade necessário se faz compreender as representações de fidelidade estabelecidas socialmente. Para alguns entrevistados fidelidade implica em companheirismo, conquista de ideais pelo casal e, principalmente, respeito. Ser fiel remete a noções de amor, respeito, consideração, companheirismo e outros vínculos e sentimentos próprios de relacionamentos afetivos, que são exclusivos do casal. Vamos conhecer algumas delas.

Partilhando histórias, dramas, impasses e (in)satisfações

Leila, fiel, fiel em tudo

Leila,⁸⁸ negra, de 33 anos, estatura média, não tem filhos, formada técnico de Enfermagem. É funcionária municipal, evangélica, mora com uma amiga. Minha aproximação da informante não foi difícil, pois integra meu círculo de vizinhança, onde fiquei sabendo através de algumas histórias corriqueiras, ou como costumam chamar, fofocas, um pouco de sua história afetiva. Como já nos conhecíamos de cumprimentos não tive dificuldade de pedir-lhe um depoimento sobre afetividade, amor, namoro e claro, infidelidade.

⁸⁷ Cf. MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, EPU/EDUSP, 1974.

⁸⁸ Entrevista realizada em 09/09/2004.

Ela está com o atual parceiro há dois anos. É seu segundo relacionamento fixo.⁸⁹ Viveu durante dois anos, anteriormente, com um rapaz mais novo, experiência que findou deixando sofrimento e mágoa para a informante. Ela relata que o cotidiano desgastou a relação, ambos se afastaram, e quando percebeu, ele estava envolvido com outra pessoa, mais nova e inclusive até, de casamento marcado. Depois de brigas e agressões verbais e físicas resolveram se separar.

Leila diz que custou a aceitar a separação, teve sentimentos de vingança e raiva, perseguição, mas hoje se diz indiferente à lembrança do “ex” companheiro, mas ainda guarda o único presente dado por ele durante o tempo em que estiveram juntos: duas camisas do PT (Partido dos Trabalhadores), as quais segundo ela, serviram para matar as saudades e enxugar as lágrimas causadas pela decepção. Hoje ela afirma estar descrente no amor.

“... eu te digo assim, eu não sei nem dizer o que é o amor, nós mesmos nem sabemos o significado da palavra ‘amor’, porque todo mundo abre a boca e diz que ama, é ‘eu te amo’, ‘eu te amo’, acho que amor não sai da boca de qualquer um, porque eu acredito que não exista amor nessa vida. ‘Amor’ pra mim a definição é só a de Deus. Pode existir um amor num plano muito firme, isso em algumas relações. É tipo assim... uma paixão, porque uma paixão sempre acaba, não que eu queira que um dia ela acabe, mas é uma troca de conhecimentos de pessoa pra pessoa, e eu acredito que isso um dia acabe, eu pelo menos por todas as experiências que já passei a palavra amor foi em vão, porque em nenhuma delas foi amor, porque o amor não passa....”

Percebe-se através do depoimento que a descrença no amor é decorrente do insucesso com o parceiro anterior, usando esse sentimento até para se proteger de decepções amorosas no futuro.

“... foi só decepção, foi daí que eu tirei a conclusão que amor não existe, amar um ser humano do sexo oposto não existe, porque eu pensei que um dia eu tivesse conhecido o amor com essa pessoa, e eu vi que eu tive grandes decepções com ela e foi daí que eu tirei essa conclusão...”

Hoje com o atual companheiro Leila tenta se proteger de deslizos infelizes que o relacionamento a dois pode trazer. Ela diz gostar do namorado e coloca o amor como um sentimento inalcançável, mas é contraditória quando fala de amor e paixão.

⁸⁹ A categoria “fixo” utilizada na escrita é determinada pelos informantes para classificar os relacionamentos “duradouros” e “estáveis”.

“... hoje atualmente eu tenho uma pessoa... eu não vou dizer que eu gosto, que eu amo essa pessoa, porque... eu posso dizer assim, agora atualmente eu posso dizer que eu nem esteja apaixonada por ela, e antes eu era louca, apaixonada, colocava o amor como paixão, assim prá não usar amor, a palavra ‘amor’, aos poucos isso vai se esgotando um pouco mais na vida atual, agora com essa pessoa atual, porque a gente vai se desgastando devido aos problemas que acontecem na relação, quando chega um dia a gente cai na real, quer dizer se me perguntam ‘tu és apaixonada por ele?’, eu digo ‘não, eu não sou mais apaixonada por ele’, eu gosto dele, tenho uma... uma... um respeito muito grande, e atualmente ele me respeita, eu respeito ele, e eu estou bem eu não estou apaixonada, isso mostra que isso passa, isso vai passando, é como se a gente assim... como eu posso dizer, é como mostrasse que nada é eterno, tudo passa...”

Leila deixa claro que para o relacionamento se solidificar nem sempre é necessário que exista amor. Aparentemente, ela parece preocupar-se muito que ambos mantenham relações de respeito e confiança, pois trata-se de valores que a mesma atribui para o sucesso do relacionamento, juntamente com o elemento da fidelidade, destacando que se depender da fidelidade dela tem tudo para dar certo.

“... olha se depender de mim ele vai durar um pouco sim, porque eu sou uma pessoa que eu tenho assim... eu sou muito fiel, quer dizer... o relacionamento pode estar meio frio porque algumas vezes pode ficar abalado, mas eu acredito que eu não vá parar de gostar dele, as vezes tu gostas daquela pessoa mas não tem nenhum sentimento por ela, e outras vezes com o tempo a pessoa vai te cativando, eu acho assim que por mim vai durar, eu respeito quando eu gosto...”

A entrevistada afirma com veemência ser fiel em seus relacionamentos, tomando para si esta qualidade como uma virtude a ser seguida, abaixo veremos com mais nitidez suas representações a favor da fidelidade conjugal.

“... a fidelidade no namoro, no casamento é o respeito, se as pessoas forem honestas umas com as outras, o casal tem tudo para ser perfeito... Ah, porque eu sou a única e insubstituível em fidelidade, eu não conheço mais ninguém nessa vida assim que seja fiel, tenho testemunhas que dizem isso [risos], como por exemplo eu já ouvi falarem ‘essa aqui, pode aparecer o príncipe Charles quando ela está amando e ela não olha pra ninguém’, então eu acho que isso basta, ser fiel pra mim é não trair, não só nos relacionamentos mas em tudo, com meus amigos, nas minhas amizades, quando eu gosto eu não sei ser falsa, eu sou aquela pessoa que eu sou fiel em tudo...”

O relato mostra a postura da informante diante do tema, infidelidade, compreendendo-o ou apresentando-o como um comportamento inadequado. Para Leila, as características ‘respeito’ e ‘honestidade’ no compromisso afetivo e sexual são essenciais para

que não haja tentações à infidelidades. E se formos considerar seu segmento religioso, o evangélico, ser infiel é ser um pecador, pois a Igreja continua a presidir regras para todas as outras variações de relacionamento.⁹⁰ Segundo Bozon (2004), a religião tem efeito inibidor. Alguns grupos religiosos, desejosos de afirmarem-se através das especificidades de seus costumes, conseguem exercer um forte controle na conduta de jovens e adultos.⁹¹ Isso aliado ao mundo público, dominado por noções de pecado e normalidade, torna então a temática questionável e problemática.⁹² As representações de fidelidade de Leila são elaboradas a partir de sua formação social, cultural e religiosa.

Lúcia, fidelidade tem que ser recíproca senão...

Lúcia,⁹³ branca, de 30 anos, estatura média, intelectualizada, teve três relacionamentos, os quais qualifica como “fixos”, não tem filhos, mora com os pais e com irmãos, é a filha mais velha de seis irmãos, tem formação em dois cursos superiores, frequentou duas faculdades diferentes, particular e pública, trabalha como Psicóloga, além de ser funcionária pública federal, é católica de formação, mas afirma não ser praticante, é independente economicamente desde os 21 anos.

Posso dizer que a história de Lúcia foi presenciada por mim, pois a mesma pertence ao meu grupo de amigos, fato que muitas vezes tive receio se poderia pedir-lhe um depoimento ou não, pois sempre notava que o assunto lhe incomodava. Depois de muitas conversas, acho que Lúcia sentiu a necessidade de falar sobre sua história, e revelou-me que até naquele momento jamais havia mencionado o fato a ninguém, nem a amigos e nem a familiares.

⁹⁰ Cf. ALMEIDA, Ângela Mendes. *O gosto do pecado: casamento e sexualidade nos manuais de confesores dos séculos XVI e XVII*. Rio de Janeiro, Rocco, 1993.

⁹¹ Bozon aborda na sociedade individualista contemporânea, as mudanças que a sexualidade sofreu, desde os anos 60, paralelamente a outras transformações da sociedade como a família, os desejos e os relacionamentos. Sobre o assunto, consultar: BOZON, 2004.

⁹² O antropólogo Richard Parker em sua obra aborda o lado oculto das práticas sexuais no Brasil, situadas no contexto de uma ordem social patriarcal e, ainda, dominada pela religião. Entrelaçando teoria e testemunhos o autor constata discursos contraditórios e diversos significados que estruturam a vida sexual brasileira. Sobre o assunto, consultar: PARKER, Richard. *Corpos, Prazeres e Paixões*. São Paulo, Best Seller, 1991.

⁹³ Entrevista realizada em 20/09/2003.

A informante manteve um relacionamento afetivo com um homem casado por oito anos, Paulo⁹⁴ com quem se relacionou afetiva e sexualmente. Lúcia conheceu Paulo, quando estava concluindo o segundo curso superior. O contato entre os dois iniciou no ambiente de trabalho, pois ambos exerciam a mesma função e trabalhavam no mesmo local, mas foi a partir da iniciativa dele que os laços se estreitaram, pois procurou saber com uma amiga da informante como poderia encontrá-la, e obtendo endereço e telefone iniciou a corte.

Tempo transcorrido, depois de convites para ir ao cinema e jantar fora, o romance teve início. Durante algum tempo pareceu um “conto de fadas”, parecia-lhe que tinha encontrado o par perfeito.

“... ele era muito cheio de cuidados, carinhoso, era aquele tipo que não se vê mais, aquele de abrir a porta do carro, de puxar a cadeira prá gente sentar, de não esquecer das datas importantes, ele era perfeito nesses cuidados, fazia a mulher se sentir a mais importante do mundo...”

Mas algumas desconfianças acabaram surgindo, histórias mal contadas, ausências sem explicações, “sumiços”, não demorou para que Lúcia tivesse dúvidas da condição civil do namorado.

Depois de muitas brigas, muitas idas e voltas, a meio verdade vem à tona, e Paulo admite que já havia tido um casamento e que naquele momento, em que estava envolvido afetivamente e sexualmente com a informante, estava separado. A revelação trouxe estabilidade as desconfianças de Lúcia. Quando o casal completara quatro anos de namoro, a descoberta real vem como uma bomba, ele ainda era “casado” e vivia com a esposa. Lúcia era a “outra” mulher na vida de Paulo, a amante. O relacionamento era fruto de infidelidade.

O envolvimento afetivo, sexual e emocional de Lúcia foi maior. Sem que tivesse consciência disso, a relação que era secundária passou a ocupar o lugar principal em sua vida, apesar de descobrir a situação civil do companheiro, a mesma, apaixonada, aceitou e deu continuidade ao relacionamento, por mais três anos, achando que agora que sabia da real condição civil, as pressões pudessem fazer a situação inverter a seu favor.

⁹⁴ Paulo tem 48 anos, tem formação superior em Psicologia e Medicina. É casado e tem dois filhos adolescentes.

Mais três anos passaram, devido a indecisão de Paulo em assumir um compromisso que validasse a posição da informante como sua companheira, enlace que não precisava estar pautado na instituição casamento, como informa Lúcia, mas na união de duas pessoas que visem compartilhar os mesmos ideais de futuro, o relacionamento acaba se desgastando. Mágoas e brigas foi o que restou de oito anos de relacionamento.

Segundo Lins (2004)⁹⁵ quando duas pessoas iniciam um namoro ou se casam, defendem a idéia de quem ama deve contar tudo ao outro, mas segundo o depoimento da informante não existia o “confessionário”.⁹⁶

“... pra mim ser fiel é respeitar o parceiro, respeitar seu amor, ter responsabilidade pelo compromisso firmado, mas esse respeito, essa dedicação e zelo tem de ser recíproco, tem que haver reciprocidade do sentimento, senão não vale à pena...”

No trecho selecionado acima, retirado do depoimento de Lúcia e com o relato de Leila, visto anteriormente, percebe-se o valor da fidelidade relacionando à infidelidade a falta de verdade, a falta de retidão, a ausência de compromisso no relacionamento a dois. Segundo Matarazzo (2001) a fidelidade é uma característica da paixão, e não do ser humano, logo, quando a pessoa está apaixonada nutre um sentimento de plenitude que não dá espaço para outros desejos, devido a isso, nada e ninguém mais, importa ao seu redor. Mas, segundo a autora, muitas vezes quando a paixão acaba e se transforma em amor, os olhares ganham mais liberdade, e para garantir a fidelidade é necessário reprimir os impulsos.⁹⁷

Tais concepções de fidelidade, postas aqui, como cumprimento do dever e respeito são considerações elaboradas a partir das experiências de vida das entrevistadas, refletem uma visão de mundo que não está presa apenas a um contexto cultural.

⁹⁵ Cf. LINS, Regina Navarro. “Adultério” IN <http://www.adultério.hpg.ig.com.br/regina1.html> Acessado em 16/07/2004

⁹⁶ Segundo Azevedo o namoro faz parte de um sistema complexo, de regras e valores que visa encaminhar, e facilitar a escolha adequada dos cônjuges, garantindo a monogamia, além de ser encarado como uma etapa que deveria ser sucedida, necessariamente pelo noivado e pelo casamento. O namoro de Lúcia e Paulo é uma fase importante na medida em que marca o início de uma relação, mas que não teve prosseguimento, pela dificuldade em conviver com um homem que pertencia à outra mulher, o que inviabilizaria as chances sequenciais das etapas descritas como ideais pela sociedade. Foucault considera a presença do outro, a face a face, a vida lado a lado, não apresentados simplesmente como deveres, mas como uma aspiração característica do vínculo que deve reunir os cônjuges. Eles podem ter cada qual o seu papel, mas não podem privar-se um do outro. Sobre o assunto, consultar: AZEVEDO, Thales de. *As regras do namoro à antiga*. São Paulo, Ática, 1986 e FOUCAULT, Michel. “O vínculo conjugal” IN *História da Sexualidade 3. O cuidado de si*. Rio de Janeiro, Graal, 1985, pp. 152-165.

⁹⁷ Cf. MATARAZZO, Maria Helena. *Namorantes*. São Paulo, Mandarin, 2001.

A partir da história de Leila e Lúcia pode se pensar na forte incidência da definição de infidelidade como desrespeito ao outro. Significaria a mentira, o rompimento da confiança e não está necessariamente ligada a relação sexual com outra pessoa, e sim a falta de afeto. Segundo Badinter (1986) o amor ideal é entendido como um diálogo permanente entre o casal, baseado no respeito e igualdade dos parceiros. A quebra da reciprocidade entre duas pessoas envolvidas em um relacionamento é vivenciada como falta de consideração ou indiferença quando uma das partes mente ou desrespeita a outra.⁹⁸

Mulheres infiéis, homens nem tanto...

Verificar as representações sobre infidelidade entre mulheres e homens no âmbito afetivo e sexual, tem como marco simbólico, um divisor de relações afetivas, ou seja, as conjugais e as extraconjugais, buscando-se os critérios que os casais, entrevistados, usam para defini-las. Os estudos relacionados ao gênero enriquecem a pesquisa para compreender como mulheres e homens vêem a infidelidade dentro do relacionamento amoroso e sexual, e os valores que atribuem a essas práticas.

Ao abordar representações femininas e masculinas sobre infidelidade, sobre a ligação entre amor e sexualidade dentro do relacionamento afetivo e sexual, emergiram do depoimento dos entrevistados, classificações e maneiras variadas de conceber as noções de infidelidade nas uniões vivenciadas, pois é a partir das relações concretas que o sujeito cria categorias para descrever experiências amorosas, o amor é, portanto, construído enquanto valor tanto para mulheres como para homens.

Infidelidade Feminina: narrativas

Madame Bovary,⁹⁹ Capitu,¹⁰⁰ Anna Karenina,¹⁰¹ personagens da literatura que provocam o imaginário via enredos repletos de sedução, mistério e sofrimento.

⁹⁸ Cf. BADINTER, Elisabeth. *Um é outro*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

⁹⁹ Emma Bovary é a personagem do romance de Auguste Flaubert. "Madame Bovary" é a trágica história de uma jovem que, aos treze anos, é levada pelo pai para ser criada em um convento, a cabeça recheada de belas

Romances que relatam a história de mulheres sobre as quais pairava a marca da infidelidade, tema que sempre despertou a inspiração de artistas e também motivou a ira dos conservadores.

À mulher nunca foi permitido trair. Nem pela sociedade nem por ela mesma. Mas, a dinâmica das relações sociais, as conseqüências das transformações de comportamento nos últimos anos, permitiram que muitas amarras que aprisionavam o sexo feminino fossem desfeitas, sendo que outras ainda estão em processo de ruptura.¹⁰²

No passado a mulher era educada para o casamento, em condição de submissão ao sexo masculino com a finalidade de procriação após o casamento. Segundo Leite e Massaini (1989)¹⁰³ a partir da primeira metade do século XX os padrões de comportamento tornaram-se mais flexíveis, e os amores adúlteros, que provavelmente já deviam existir, entram facilmente em cena. Logo, através da pesquisa aqui desenvolvida há indícios de que mulheres e homens estão redefinindo suas noções, questionando e reinventando as representações dos padrões sociais de comportamento.¹⁰⁴ Os padrões de

histórias lidas em romances de amor. Ao casar, Ema, ainda pensava que a vida podia ser uma aventura tais como nas obras históricas e romances. Sem o amor que esperava, o tédio e a frieza começam a tomar conta de seu relacionamento com o marido. Mas, o ideal de Charles Bovary é bem outro, ele nem sequer poderia imaginar - da enorme fantasia e subsequente insatisfação de sua mulher. O passo para o adultério é bem curto. Os homens com os quais se relaciona, porém, fazem parte dessa mesma sociedade prepotente e hipócrita, são covardes e aproveitadores. Apaixonada, Ema se disporia a desfazer o casamento para seguir seus desejos, mas sua proposta é rejeitada e, por fim, ela é abandonada. Sobre o assunto, consultar: FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. São Paulo, Nova Alexandria, 1981.

¹⁰⁰ Personagem do romance *Dom Casmurro*. Capitu era mulher de Bento Santiago, o solitário narrador que relata suas dúvidas quanto a fidelidade de sua amada, supondo que Capitu o tivesse traído efetivamente com o seu melhor amigo. Sobre o assunto, consultar: ASSIS, Machado. *Dom Casmurro Obra Completa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1994.

¹⁰¹ Personagem do romance *Anna Karenina*. Na Rússia do século XIX, uma bela mulher casada arrisca tudo por uma paixão proibida, envolve-se com Vronsky, objeto de sua paixão arrebatadora. Ele a persegue até conseguir tirá-la de seu marido e de seu filho. Ambos pagam o preço do escárnio social. Juntos fogem para Itália, mas posteriormente voltam para Moscou. Na volta, Karenina se torna uma reclusa já que ninguém a recebe socialmente. Vronsky é recebido e considerado um homem livre. Karenina se torna para ele um constrangimento e outras mulheres passam a ser o objeto de suas atenções. Com o suicídio dela, Vronsky volta a desejá-la, em meio ao seu sentimento de culpa. Só se deseja o que ainda não se tem ou o que já se perdeu. O romance de Tolstoi também reflete sobre o desejo, embora tenha passado para a história como uma advertência para as mulheres sobre os riscos de ceder aos seus impulsos eróticos e amorosos contra a ordem estabelecida. Sobre o assunto, consultar: TOLSTOI, Leon. *Anna Karenina*. São Paulo, Editora Abril, 1994.

¹⁰² Cf. BRISSAC, Chantal e PADILLA, Ivan. "Quando elas traem: mulheres infiéis sentem menos culpa ao se lançar em suas aventuras extraconjugais" IN *Revista Isto é*. São Paulo, Editora Três, nº 1452, 30/07/1997, pp. 62-68.

¹⁰³ Cf. LEITE, Miriam Moreira & MASSAINI, Márcia. "Representações do amor e da família" IN D'INCAO, Maria Ângela (Org.). *Amor e Família no Brasil*. São Paulo, Contexto, 1989, pp. 72-87.

¹⁰⁴ Literatura expressiva tem mostrado grandes mudanças no século XX, destacando-se as relações entre os gêneros, como: entrada das mulheres no mercado de trabalho; maior escolarização; direito ao voto feminino; separação entre sexualidade e reprodução; transformação no âmbito da sexualidade (em particular a feminina).

comportamento permitiram ampla liberação da sexualidade feminina e masculina, em contradição aos padrões tradicionais dominantes.

As mulheres há muito tempo buscam seu espaço, vagas nas universidades, nas diretorias das grandes empresas e até postos ocupados exclusivamente por homens. O sucesso profissional se reflete no comportamento e, conseqüentemente, nos relacionamentos. Segundo Matarazzo (1997) quando o assunto é infidelidade, os homens ainda largam na frente, eles traem por diversão, para dar e receber prazer, embora o número de mulheres infiéis mereça atenção, no entanto a fidelidade continua tendo seu valor.

Quando fala-se em infidelidade é preciso considerar que o ser humano é muitas vezes mutável, pois o que desejava ontem, possivelmente não desejará mais amanhã, mas isso pode ser obra da gama de ofertas a que somos expostos diuturnamente, quando aceitar outra opção pode parecer natural.

Janete, infidelidade é “escolha”

Janete,¹⁰⁵ morena, de 25 anos, estatura média, trabalha como designer de moda e artesã, alega não ter religião, mora sozinha com amigas. Conheci sua história através de amiga comum, que intermediou o contato, revelando a Janete o objetivo da pesquisa, fato que deixou-a curiosa e a fez concordar em compartilhar sua história.

“... a pessoa só vai ser infiel quando está se envolvendo sentimentalmente com outra pessoa, quando está colocando em xeque os teus sentimentos, porque enquanto é uma atração física é infidelidade também, mas não dói tanto quanto a outra porque tu estás colocando em risco os teus sentimentos, a tua... Sei lá, as coisas que tu construístes, é muito ruim... quando uma pessoa se envolve com outra e coloca sentimento, de se apaixonar, eu acho que aí sim vai ser uma infidelidade de fato, porque vai estar misturando os sentimentos e vai colocar em risco a relação, se continuar se envolvendo vai chegar numa hora que vai ter que se fazer uma escolha, entre ficar com um ou outro, porque eu acredito que levar uma vida dupla deve ser muito emocionante, mas ao mesmo tempo muito estressante...”

Sobre o assunto, consultar: HEILBORN, Maria Luiza. (Org.). *Sexualidade. O olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro, Zahar, 1999.

¹⁰⁵ Entrevista realizada em 16/09/2004.

O trecho do depoimento mostra que a infidelidade pode ser escolha pessoal, supostamente livre, e consciente, mas é uma “escolha” que exige cuidado para não ultrapassar a barreira do sentimento físico, da atração transformando-se em o envolvimento emocional, pois aí reside o perigo. Para Janete, é possível se permitir viver um caso paralelo movido pela atração física, assim se consegue até manter uma vida secreta, mas bem longe do namorado e algumas vezes até da família inteira, isto parece ser um excelente remédio para uma acomodada vida a dois, mas quando descoberta, a infidelidade tende a ser conflituosa.

Tanto homens quanto mulheres tendem a ficar mais incomodados com os aspectos emocionais que com aspectos sexuais da infidelidade, pois consideram que a infidelidade física é menos grave por não envolver sentimentos, é como se pudesse dividir a cama e não as emoções.¹⁰⁶ É preciso ter sentimento de estar sendo fiel a si mesma e não confundir as emoções.¹⁰⁷

Nazaré, uma escapada!

Nazaré,¹⁰⁸ branca, de 24 anos, estatura baixa, loira, bronzeada de sol, corpo bem delineado, o que explora através das roupas que usa, estando quase sempre de mini-saia e blusas justas, trabalha como manicure e pedicure em um pequeno salão de beleza, segue a religião católica, mas não praticante, tem um filho, do relacionamento anterior, que mora com os avós maternos, exigência do atual parceiro, que não pretende ter filhos com a informante. Ela está no segundo casamento. Seu atual parceiro trabalha como camelô no centro comercial da cidade, vendendo artigos diversos. Nazaré diz estar feliz com o relacionamento, mas reclama que o marido é grosso, a humilha, e a agride fisicamente quando está alcoolizado, fazendo-a passar constrangimentos, muitas vezes em áreas públicas. A informante relata que nessas horas não reage, fica sem ação, por não ver o motivo da agressão. Por não querer voltar a morar na casa dos pais, a mesma não cogita a hipótese de separação, ela nutre a idéia

¹⁰⁶ Cf. BÉJIN, André. “O casamento extraconjugal nos dias de hoje” IN ARIÉS, Phillip & BÉJIN, André (Orgs.). *Sexualidades ocidentais*. São Paulo, Brasiliense, 1987, pp. 183-193.

¹⁰⁷ Cf. “Casais têm mais ciúme de traição emocional que sexual, diz estudo” IN *Folha On line – Reuters*, <http://www.folha.uol.com.br/folha/reuters> Acessado em 20/05/2004.

¹⁰⁸ Registro selecionado do caderno de campo, pois as condições de obtenção da entrevista, conversa informal, entre uma sessão e outra de ida da pesquisadora ao salão para cuidar das unhas, não permitiram maior formalidade. Informações colhidas no dia 17/08/2005.

de ganhar na mega sena¹⁰⁹ ou jogo do bicho,¹¹⁰ e ficar rica. Tendo dinheiro, ela diz que pretende ajudar a todos os familiares, até mesmo o irmão que diz não gostar dela.

A função que desempenha no salão, de manicure e pedicure, não é levada a sério por ela, pois às vezes destrata os clientes, e na maioria dos dias de trabalho está sempre de cara emburrada. Em algumas ocasiões, até mesmo me tratou mal, quando fui fazer as unhas, sendo que deixou-me de mãos e pés de molho na água e sumiu. Quando voltou, eu estava com todos os dedos irritados e enrugados, mas o que não se faz por algumas informações. Mas tudo bem, como já havíamos conversado outras vezes, e Nazaré sempre contava histórias de sua vida sentimental, achei importante arriscar e tentar aprofundar mais a questão. Logo a conversa estava fluindo, eu sem indagar muitas coisas para não intimidá-la e até mesmo travar o assunto. Num determinado momento ela começou a falar, da vida com o marido sem mostrar inibição, disse que mesmo vivendo com ele, ela saía com um outro homem, como diz “é um pedaço”, “um moreno”. Ele também, o outro, é comprometido, tem namorada fixa, mora sozinho, e deve trabalhar pelas redondezas do salão, pois frequenta o lugar, onde inclusive, se conheceram. Ela diz não ter ciúmes da namorada dele e afirma que ele, também, não sente nada “é apenas uma escapada, para fugir da rotina, e olha é bom!” Exclamou!

Nazaré diz que faz algum tempo que não fala com o amante, pois no último encontro apesar de ter sido muito bom, quase o marido descobre. Ela relatou como foi o susto. No salão de beleza onde trabalha cada funcionária tem direito a um dia da semana de folga, então no dia de sua folga, ela saiu de casa e foi para a casa do amante, que fica nas proximidades de sua casa, no horário vespertino. E lá ficaram até aproximadamente entre 18h e 18h30, perto de 19h ela saiu. Quando chegou em sua casa o marido que deveria chegar por volta das 20h, já estava em casa, neste dia sabendo da folga da esposa voltou três horas mais cedo, e ficou procurando-a pelas redondezas da vizinhança e não a encontrou. Quando Nazaré chegou na sua casa, os ares do marido já estavam alterados, discutiram e, segundo ela, ele

¹⁰⁹ Jogo que dá prêmios duas vezes por semana, às quartas e aos sábados, são pagos milhões de reais para quem acerta os seis números sorteados. E também há premiação para aqueles que acertarem quatro ou cinco números.

¹¹⁰ O jogo do bicho é um jogo de apostas baseado nos 25 bichos. Cada bicho tem um número e corresponde também a 4 dezenas (de 01 a 00) e a algumas centenas e milhares. As apostas são feitas a partir de combinações entre os animais, seus números e as dezenas ou milhares a eles relacionados. Os sorteios são feitos duas vezes ao dia pelos bicheiros de cada banca e nas quartas e sábados seguem os resultados da loteria federal. Não há limites para as apostas, mas os bicheiros podem recusar jogos se perceberem que não poderão pagar o prêmio.

pareceu ter se acalmado. Depois desse dia os amantes não se viram mais, estão dando um tempo, mas a informante afirma que isso só aumenta a saudade.

Ela diz que em nenhum momento essas experiências resultam de dificuldades no relacionamento com o marido, e nem mexem com seu casamento, ela diz que sexo com ambos, o marido e o amante, é “muito bom”, não há desvantagem entre um e outro, o diferencial é que “sai um pouco da rotina” deixando sua vida mais excitante. A informante afirma que não chega a ser uma infidelidade pois “os sentimentos não estão em jogo”. Recentemente ela descobriu que o amante não estava mais com a namorada, tinham terminado, fato que a preocupa, esboçando ver isso como um problema, pois alegou não querer “ninguém pegando no seu pé”, bastando o que ela já tem em casa.

A história de Nazaré, mostra que ter outra pessoa fora do seu vínculo afetivo e sexual é uma maneira de deixar o cotidiano mais excitante. A adrenalina do perigo de manter um relacionamento clandestino é uma das maneiras de fugir dos problemas do dia-a-dia. Quando afirma que não há diferenças sexuais entre o amante e o marido, é possível perceber que o envolvimento extraconjugal é nutrido apenas para acrescentar brilho em sua vida estável. A mesma também não vê este envolvimento como uma infidelidade, pois o emocional é nutrido apenas para marido.

Lorena, e seus dois irmãos

Lorena,¹¹¹ branca, de 32 anos, alta, loira, bronzada do sol, um pouco acima do peso, mas ainda mantém formas. Trabalha como esteticista em um pequeno salão de beleza, é evangélica e têm dois filhos, uma menina de 15 anos e um menino de 10 anos, frutos de relacionamentos diferentes, sendo que apenas a menina vive com Lorena, enquanto que o menino mora com o pai, pois a informante “acha melhor”. Ela está no segundo casamento, se diz satisfeita, mas reclama que o marido é grosso e frio. Ele trabalha como funcionário de um jornal da cidade, durante o horário noturno.

¹¹¹ Informações registradas no caderno de campo, pois a informante aceitou apenas manter conversa informal. Entrevista concedida em 25/08/2005.

Conheci a história de Lorena e seus “dois irmãos” quando fui fazer uma limpeza de pele no salão de beleza onde trabalha, ainda não nos conhecíamos, mas na hora de iniciar o processo de limpeza iniciamos uma conversa amistosa, pelo menos para mim, o mesmo não parecia para ela, pois, em alguns momentos senti que seus olhos fechavam e as mãos paravam. Diante disso, comentei que ela parecia estar muito cansada e que o dia parecia ter sido estressante. Ela esboçou um sorriso e disse que iria buscar uma coca-cola para espantar o sono. Quando voltou, veio com um sorriso maroto dizendo que estava “enrolada”, eu com toda a minha intromissão, questionei se isso era bom ou ruim, e para minha surpresa consegui mais um relato, parece que a temática de alguma forma estava me seguindo.

Sua história extraconjugal teve início no mês de junho deste ano. Quando seu cunhado, irmão de seu marido, por ter brigado com a esposa por ela tê-lo traído, saiu de casa e foi morar na casa do irmão. Logo, Lorena, sua filha, o marido e o cunhado estavam morando na mesma casa. Quando chegou o mês de julho, mês tradicional das férias escolares, Lorena teve uma semana de folga do salão de beleza, aproveitou a oportunidade e alugou uma casa, antecipadamente, na ilha do Mosqueiro e viajou com a filha para saborear seus dias de folga e esperar o marido que iria no final de semana. Seu marido preocupado em não deixá-la sozinha durante a semana pediu ao irmão que fosse junto com ela para protegê-la de algum transtorno que pudesse vir a acontecer.

E assim seguiram rumo à bucólica. Lorena confessa que gosta muito de bebidas alcoólicas, e que quando bebe vira “cão”,¹¹² não se responsabiliza pela fidelidade se o marido não estiver por perto. Quando chegou na Ilha o divertimento começou regado a muita música, praia, sol e muita bebida. Segundo a informante essa mistura foi “tentadora”, e depois de já estar de “cabeça cheia” começou a flertar com o cunhado, que também respondeu aos olhares. Não demorou muito para que ambos ficassem juntos, cenas que foram presenciadas pela filha de Lorena. Talvez pelo excesso de bebida alcoólica ela não tenha se preocupado em esconder.

Quando chegava o final de semana, a presença do marido era constante e “tudo ficava na maior paz” e ninguém comentava nada. Segundo Lorena, dias antes do

¹¹² Quando ingere álcool Lorena assume posição de “virar cão” que pode designá-la genericamente de mulher ousada, disposta, esperta, mulher que se entrega a outro, e quebra o pacto de fidelidade conjugal.

marido chegar à ilha, ela ligava no meio da semana para demonstrar sua preocupação por ele estar sozinho na cidade, deixando claro que estava com muitas saudades.

O mês de julho acabou, mas o romance continuou. Os três continuaram vivendo sob o mesmo teto, quando o marido sai de casa para trabalhar, ela passa as noites em claro com o cunhado, este era o motivo do sono de Lorena. A mesma diz que o cunhado faz carinhos que o marido nunca fizera, como esfolar os pés¹¹³ dela quando chega cansada do trabalho, e fica impressionada ao observar o quanto o marido é grosso e o cunhado carinhoso. Ela confessa que algumas vezes sente-se arrependida, mas não por estar tendo relações com outro homem, mas por esse homem ser irmão de seu marido. Os laços de parentesco são complicados. Afirma que sua relação com o cunhado é apenas sexo, atração física, e quem realmente ama é o marido, pois ele apesar de “ter jeito rude e frio” é o que “dá as coisas pra ela”.

De acordo com Lorena o sexo quer dizer muitas coisas, denota que ela ainda é amada, desejada. Aqui, as representações de infidelidade, interpretadas nos casos relatados acima mostram que o envolvimento extraconjugal nem sempre é decorrente de queixa em relação a vida sexual com o marido. O que noto é que foram envolvimento decorrentes de oportunidades criadas no cotidiano feminino, dependendo do momento e dos sentimentos envolvidos, o que parece refletir o medo do estigma social.¹¹⁴ Ter relações extraconjugais parece ter ficado mais fácil em razão das mudanças estruturais na rotina das mulheres. Incluem-se aí fatores como a convivência com mais homens no ambiente de trabalho, o anonimato dos contatos na internet ou a vida profissional atribulada com ausências que nem sempre despertam desconfianças.¹¹⁵

Verifica-se através dos depoimentos que mesmo aqueles que comungam de relacionamento durável, como Nazaré e Lorena, não limitam suas atividades sexuais à conjugalidade. O nó que se desata no terreno da infidelidade feminina, é que as mulheres

¹¹³ Uma parte importante do nosso corpo que funciona como sua base de sustentação, porém é muitas vezes esquecida ou desprezada. A função de Lorena no Salão exige que fique em pé quase que o dia todo. Portanto, quando chega em casa, depois de um dia movimentado e cansativo, geralmente seus pés estão inchados e doloridos. O esfoliante, é um creme hidratante que devolve a umidade natural da pele e ajuda a mantê-la macia.

¹¹⁴ Cf. GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.

¹¹⁵ Cf. PINHEIRO, Daniela. “Infidelidade: eu traio, tu traís, ela também” IN *Revista Veja*. São Paulo, Editora Abril, n 1875, 2004, pp. 84-91.

começaram a se destituir da culpa de trair, isso faz crer que estão se “aproximando” de uma postura masculina. Então, esse perfil parece estar em mudança. De acordo com Bozon, no século XVIII o lado feminino raramente podia conduzir a vida amorosa de maneira independente, desejosas de organizar seus prazeres. (Bozon, 2004) Portanto, hoje a mulher se permite viver uma relação paralela movida pela atração física, mas com características femininas, como maneira de exercitar a sedução e a procura por um brilho a mais no dia-a-dia.

O significado da infidelidade dentro do relacionamento amoroso pode ser assumida em dois espaços: o externo e o interno. São espaços opostos que se complementam a “casa” e a “rua”.¹¹⁶ A rua é o cenário povoado pelos dois sexos, onde o público e o privado se confundem. Para DaMatta “... a casa e a rua interagem e se complementam num ciclo que é cumprido diariamente por homens e mulheres... Rua é o lugar do movimento em contraste com a calma e a tranqüilidade da casa, o lar a morada” (1999: 23). Segundo Silva (2002),¹¹⁷ no espaço externo, o indivíduo tem relações com práticas diferenciadas. A rua representa a liberdade individual, bem como a tentação e o perigo. O conceito de infidelidade pode estar impregnado de elementos da cultura que moldam os padrões de relacionamento, determinando as formas de como os envolvimento acontecem dentro e fora da conjugalidade afetiva.

Infidelidade Masculina...

A infidelidade masculina já foi considerada justa pela sociedade regida pelos homens, pautado no modelo patriarcal, mas que persiste, ainda, mas em menor grau nos dias atuais. Neste sentido o homem casava-se com uma mulher destinada a procriação, desprovida de sensualidade, e o mesmo resolvia o conflito de seus impulsos sexuais fora de casa. As esposas dessa época eram obrigadas a aceitar e compreender esse comportamento masculino. Elas também não podiam se afastar da conduta que era esperada de uma esposa, pois as conseqüências seriam drásticas, poderia acontecer desde ser assassinada pelo marido, que ficava impune ou permanecer à deriva da sociedade pelo resto da vida.¹¹⁸

¹¹⁶ Cf. DaMATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro, Rocco, 1999.

¹¹⁷ Cf. SILVA, Cristiane Gonçalves Meireles. “O significado da fidelidade e as estratégias para prevenção da AIDS entre homens casados” IN *Revista Saúde Pública*, vol. 36, nº 4, ago/2002, pp. 40-49.

¹¹⁸ Cf. BUENO TRIGO, 1989.

Certamente a questão da autoridade patriarcal tem notada ênfase da família patriarcal na história do Brasil, tanto em sua organização social, como na construção ideológica.¹¹⁹ Um sistema de representações que ainda continua a influenciar a forma como a sociedade brasileira contemporânea compreende, interpreta e estrutura suas relações sociais.

Na sociedade patriarcal e machista, os homens são educados para não desperdiçar nenhuma oportunidade de demonstrar sua masculinidade e sexualidade. Mas também já se percebe que nem o homem experimenta tanta liberdade de outrora e nem a mulher é tão submissa e castrada como em épocas passadas, pois a expansão da identidade feminina para além os domínios privados, as fantasias também passaram a ser admitidas nas esferas femininas. (Goldenberg, 1990)

Ismael, infidelidade não, aventuras!

Ismael,¹²⁰ branco, de 35 anos, teve quatro relacionamentos, os quais qualifica como “fixos”, tem um filho, mora com os pais e os irmãos, é o antepenúltimo filho de treze irmãos, tem curso superior em Economia, está concluindo curso de especialização em gerenciamento de renda e emprego, em uma instituição de ensino superior federal, trabalha como administrador e empresário, além de ser funcionário público federal. É independente economicamente desde os 18 anos.

Conheci Ismael numa roda de amigos, a primeira vista o assunto ali naquele momento era para mim banal, não me interessava, naquele momento se discutia sobre gestão empresarial, sobre relações de poder entre patrão e empregado, para a pesquisadora ali, nada daquilo era relevante, até que o mesmo relatou que já tivera sido envolvido em um boato de infidelidade, e é claro minha atenção foi logo despertada, ouvi atentamente seu relato, e claro, que quando a reunião de amigos findou, chamei-o para um canto da sala e lhe perguntei se

¹¹⁹ O escritor Gilberto Freyre propôs o modelo clássico da família patriarcal originada do período colonial, seu núcleo era composto pelo patriarca e sua mulher, assim como pelos filhos legítimos, todos morando juntos sob o mesmo teto da casa-grande da fazenda. Na periferia desse núcleo, existia o grupo constituído dos vários vínculos do patriarca com suas amantes e seus filhos ilegítimos. Sobre o assunto, consultar: FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1983.

¹²⁰ Entrevista realizada em 13/09/2004.

aquele relato poderia ser gravado em forma de entrevista, deixando claro que isso faria parte de uma pesquisa e, para meu contentamento, ele aceitou. Vejamos o que ele diz sobre a questão da infidelidade num relacionamento afetivo e sexual.

“... acho que é uma coisa que independente que a gente queira negar hoje em dia, por exemplo, é tão presente isso sabe, lamentavelmente presente, eu acho que você tá numa roda de amigos ou de amigas sempre rola esse papo de que “já teve não sei com quem”, “vai ter não sei com quem” mesmo que as pessoas queiram negar, mas ainda é muito presente isso, ainda é muito presente, mesmo que as pessoas neguem ainda é muito presente, é aquela história sabe, faz o que eu digo, mas não faz o que eu faço, sabe, é muito assim na fala das pessoas é isso sabe, mas os atos... Na fala é lindo, mas nos atos... Porque eu acho que é uma coisa que... Se você opta por estar com alguém, você deve estar com esse alguém, mas [risos], é engraçado né, eu me pergunto até que ponto é errado né...”

Ismael, afirma que as pessoas infelizmente não praticam o que pregam, dizem-se fiéis, mas não exercitam este comportamento. Ele mostra-se pessimista com esse tipo de comportamento. O interlocutor demonstra claramente sua posição contrária diante da infidelidade dentro de um relacionamento afetivo, sendo enfático quando afirma que envolvimento extraconjugais são “lamentáveis”, “errados”, mas acaba refletindo e fica sem argumento ao pensar qual o limite desse comportamento considerado por ele “errado”.

Para Silva (2002), a construção da fidelidade parte de uma visão cultural do masculino e do feminino que é reelaborada pela incorporação de novos elementos e símbolos disponíveis no repertório social, introduzindo novas formas de entender as uniões, mesmo que as estruturas de dominação ainda se mantenham.

Quando a discussão é sobre amor, sexo, infidelidade conjugal, honra e monogamia os valores atribuídos à conduta masculina ou feminina são distintos. Embora a representação de infidelidade do informante denota que é um comportamento errado, seu argumento não se sustenta. O depoimento obtido via entrevista, apresentado abaixo, é contraditório, pois sua relação com a realidade é assumidamente ambígua, pois quando entro na questão infidelidade, Ismael foi logo dizendo que jamais teve esse comportamento, mas que tinha sim, tido “algumas aventuras”. Não pretendo aqui confrontar práticas e discursos, mas a relevância de que, nem sempre o que é dito, o que é desejado nos relacionamentos a dois é praticado.

“... mas a minha vida já teve com certeza aventuras e mais aventuras. Eu não fico com outra pessoa prá satisfazer o meu ego, é realmente porque eu quero ficar, é porque eu tenho interesse, vontade mesmo, enfim, sentimento mesmo. Ocorreram algumas vezes circunstâncias, sentimento rolou, foram atrações momentâneas, mas não fui em busca de alguma coisa, nunca, mas eu não evitei outras coisas que poderia ter evitado... [pausa] porque rolou sentimento, atração, alguma coisa assim. Às vezes sinto culpa, outras não...”

Então, o que existe no depoimento de Ismael é a colonização do real pelo imaginário por meio de truques discursivos. De acordo com Moraes (1994), percebe-se que o informante vê a vida convertida em imagens de representações, mas é um jogo ilusório, pois há uma lógica nessa encenação, os fatos reproduzidos são tecnicamente consumados como real, mas é apenas uma performance, uma estilização do cotidiano, convertida em uma segunda natureza de significação.¹²¹ A retórica do informante não atribui importância ao envolvimento extraconjugal, pois diz não passar de uma aventura sem maiores conseqüências, usando o fato para legitimar o desejo considerado justo e claudicante. Então o que seria infidelidade?

Eduardo, insatisfação amorosa e sexual

Eduardo,¹²² branco, de 55 anos, foi casado durante 13 anos, tem três filhos frutos desse casamento, divorciado, está no seu terceiro relacionamento fixo, tem formação superior em Contabilidade, possui um escritório com equipe de profissionais do mesmo ramo, informa não seguir religião alguma, é praticante de esportes e se diz avesso às badalações.

A escolha de Eduardo para participar da pesquisa foi engraçada, pois há muito tempo que eu o observava, às vezes até me sentia uma *voyeur*, minhas observações foram desencadeadas pelos comentários da vizinhança, das adolescentes que costumavam a conversar com ele, à noite, na porta de sua casa, onde o mesmo coloca uma cadeira e logo se aproxima uma companhia feminina, o que desperta interesse dos demais que ali circulam, pois como todos costumam comentar, a casa do informante é um “bordel”, pois há “grande” circularidade de mulheres. Com todo esse histórico fiquei com receio de pedir-lhe um relato, por não ser levada a sério, e quem sabe ele pensar que eu quisesse fazer parte de suas

¹²¹ Cf. MORAES, Denis de. *O Imaginário vigiado*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1994.

¹²² Entrevista realizada em 08/05/2005.

“meninas”, apesar de tudo, tentada em saber o que ele teria a contar, lancei-me em busca de seu depoimento, sem medo de levar um “não”. A aproximação foi permitida por intermédio de Graça que mora às proximidades de minha casa, e que mantém laço de amizade com o informante.

Quando se trata da temática infidelidade o mesmo é enfático e diz:

“... acredito que a partir do momento em que a pessoa se interessa por outra, olha para outra, é porque há insatisfação, pois nós seres humanos nunca estamos satisfeitos com nada em nossa vida, tratando-se de infidelidade posso dizer que as pessoas não estão se importando com o respeito do outro, consideram-se individualistas, e ser infiel é uma forma de tentar satisfazer suas necessidades, seja elas amorosas ou sexuais...”

O que se percebe, através do relato é que a infidelidade é sinônimo de insatisfação. Se o relacionamento afetivo ou sexual não caminha bem, torna-se inevitável olhar para os lados. Logo as pessoas são infiéis quando não vêem satisfeitos seus desejos ou suas expectativas com o parceiro, transferindo essa expectativa para outra pessoa, em outro relacionamento.

Está busca parece ser uma opção, aparentemente, mais fácil. Mas, o que ocorre é a exclusão, por vários motivos, a possibilidade de aceitar o outro como ele é, e não de que ele seja aquele que se deseja. Os homens idealizam a relação perfeita, reivindicam-se muito do outro, o que gera muitas frustrações, abrindo-se caminho para a infidelidade.¹²³

Ricardo, sem coragem para ser “artista”

Ricardo,¹²⁴ branco, de 22 anos, está no seu segundo relacionamentos fixo, mora com os pais e com um irmã de 17 anos, católico, é estudante concluinte do curso de Engenharia Civil em uma instituição de ensino superior particular. Apesar de estar concluindo o curso superior, o informante não pensa em dar início à pós-graduação, como ele alega, pretende “mesmo é trabalhar”, alega gostar de estar trabalhando com as coisas, com os

¹²³ Cf. TESSARI, Olga. “Por que as pessoas traem” IN *Revista Eletrônica: O toque feminino que faltava na internet*. <http://www.toquefeminino.com.br> Acessado em 13/07/2004.

¹²⁴ Entrevista realizada em 11/05/2005.

equipamentos, e se diz não muito adepto de ficar “muito” na frente de um computador, gosta de “ficar com a mão na massa mesmo”.

Meu contato com Ricardo, aconteceu de forma inversa, ou seja, foi o informante quem procurou a pesquisadora. Quando ele soube por um amigo em comum sobre o objetivo da pesquisa, interessou-se em dar um depoimento, sem ao menos ter sido ainda convidado. Como até naquele momento, havia carência de relatos masculinos, ou seja, eram escassos, aceitei de bom grado, mas com receio de talvez não conseguir informações relevantes, pois como diz o ditado popular: “quando a esmola é grande o santo desconfia”.

Seu depoimento tem um diferencial dos demais informantes, pois foi o único que manifestou vontade de falar da família, e não de si. Vamos conhecer um pouco de sua vida para poder entender o porquê da necessidade de oferecer o relato.

Ricardo tem quatro irmãos por parte de pai e uma irmã por parte de pai e mãe, que já são adultos, ele é o penúltimo filho de seu pai. Como ele diz:

“... nós todos nos damos bem, apenas não temos essa convivência assim diária, mas todos se dão bem, as vezes a gente sai, vai pra um aniversário, é bacana, é um convívio assim... eu gostaria que fosse mais presente, mas infelizmente não dá, porque eles trabalham, cada um tem seu tempo, então a gente não se vê tanto assim como eu gostaria, mas eu penso também que eles pensam da mesma maneira, mas a gente se entende bem...”

Seu pai tem 60 anos de idade e sua mãe 50 anos, estão juntos há 30 anos. Ricardo diz que seu pai é ‘danado’, um ‘artista’, pois ele casou uma vez e teve dois filhos, depois se ‘juntou’ com outra pessoa e teve outro filho, tempos depois ‘arranjou’ outra pessoa e teve outro filho, e depois conheceu sua mãe e teve mais dois filhos. Ele diz que a mãe aceita bem os outros filhos do marido, afirma ser “... um relacionamento bacana, assim tranquilo”.

Mas quando lhe pergunto se herdou do pai a veia de ‘artista’ me responde o seguinte:

“... nesse aspecto não, não puxei não, eu acredito que não, sabe, porque coisas assim que eu vejo, que eu presenciei, eu não me sentiria bem fazendo, tipo trair, sei lá, eu acho que eu não me sentiria bem. Olha, a convivência deles assim, sempre alternou

momentos bons e ruins, eu convivi muito com isso, eu acho que por isso me fez pensar diferente com relação a infidelidade, ... eles não tem essa convivência de marido e mulher, deles saírem só os dois, pra namorar, eles não tem mais isso, infelizmente, e isso eu não quero pra mim sabe, desde pequeno meus pais brigavam muito, por causa das puladas de cerca dele, eles passavam momentos bons, brigavam, mas nunca separavam, e sei lá, não sei se eles tivessem se separado não sei se teria sido melhor, acho que eu, por exemplo, acho que sentiria muito a falta de um de outro, sabe, então acho que eles foram levando, levando, eu acho que se acostumaram um com outro...”

Devido ao comportamento infiel do pai,¹²⁵ Ricardo diz que o mesmo algumas vezes acusa a esposa de traição, o que gera troca de acusações, desconfianças, dúvidas, receios de que sua mãe queira um dia, quem sabe, ter também um envolvimento extraconjugal,

“... olha, acho que pelo fato do meu pai ter feito algumas coisas, acho que ele tem medo de sofrer as coisas que ele fez, tipo, ficar com muitas pessoas, ter muitas pessoas, então, eu acho que ele tem a preocupação, assim, da minha mãe fazer com ele o que ele fez com ela, e sabe besteira, eu tenho certeza que a minha mãe nunca... e ele sempre teve essa desconfiança assim, besteira, não sei porque...”

Mesmo afirmando a fidelidade de sua mãe, Ricardo admite que um relacionamento longo, aparentemente duradouro, pode acarretar problemas, pois acomodar-se não é regra, uma vez que ela não é feliz junto ao marido.

“... eu acredito que ela gosta dele, mas ela sente falta disso, eu acredito que ela sente falta assim de ter uma pessoa mais próxima dela, que realmente possa conversar com mais calma, porque com o meu pai não dá prá conversar, a mamãe fala com ele e ele fica ouvindo, às vezes eles conversam, mas não é sempre, então ela sente falta disso, mas como eu te disse, eu acho que eles se acostumaram um com o outro, isso me entristece, porque eu gostaria que meus pais fossem mais próximos, mais unidos assim tipo homem e mulher...”

Apesar de sentir que sua mãe não vive momentos felizes no casamento, Ricardo acredita em sua fidelidade, tem conhecimento de seu sofrimento, é consciente que para ela deve ser difícil esquecer as mágoas causadas no passado, mas além da insatisfação, há uma história familiar, a qual ambos tem que preservar. Mesmo com as dificuldades do casal, o informante alenta o desejo de ambos voltarem a fazer programas a dois, a namorar, a renovar a relação.

¹²⁵ O relato de Ricardo me suscita a mitologia grega citando Zeus, Deus do Olimpo que casara com Hera, Deusa do Olimpo e protetora das mulheres e do casamento. Zeus era um homem libertino, promiscuo e infiel, praticamente nenhum de seus filhos foram concebidos dentro dos limites de seu casamento oficial. Hera foi extremamente humilhada com as aventuras de Zeus. “Ambos viviam em pé de guerra” dentro do Olimpo. Sobre o assunto, consultar: BRANDÃO, Juanito de Souza. *Mitologia Grega*. Petrópolis, Vozes, 1996.

Infidelidade é algo muito complicado, enquanto não se vive uma. O interlocutor não teve uma experiência muito boa, cresceu vendo e ouvindo os pais desentenderem-se por causa dos envolvimento extraconjugais do pai, portanto sua experiência traz o peso valorativo da fidelidade como garantia de vida ‘limpa’, do comprometimento do sentimento que nutre pelo parceiro afetivo e sexual.

“... eu não concordo com essa questão, eu te digo falando isso por mim, tinha momentos assim que eu estava sem ela e batia uma tentação assim, mas eu pensava duas vezes, aí eu pensava ‘não pôxa, não é porque eu não estou bem com ela, que eu vou fazer uma coisa dessas [infidelidade], porque eu não vou querer que fizessem isso comigo’, eu já tive chances, já tive oportunidades no tempo que estava com ela, mas não fiz, eu pensava muito isso, que com ela podia passar uma imagem que eu não tinha feito nada, mas o negócio é comigo, eu não ia me sentir bem comigo...”

O depoimento de Ricardo é o mais distinto. O interlocutor trouxe a cena o relacionamento conflituoso de seus pais, o que pode parecer estranho, já que fala de acusações, suspeitas e relacionamentos extraconjugais na família, conflitos que geralmente são motivos de silêncio. Seguramente os modos de pensar e agir de cada um dos entrevistados refletem suas representações sobre infidelidade, que correspondem ao que a sociedade legitima e a experiência própria que cada um tem ao longo de sua trajetória. Portanto, a representação não é individual, produzida por uma consciência particular, é essencialmente social.¹²⁶

Monogamia: ideal desejado

Ao descrever as representações mantidas pelos informantes, foi possível apontar os caminhos da infidelidade alardeada ou mantida encerrada pelo segredo das convenções monogâmicas. Segundo Lévi-Strauss (1966)¹²⁷, nas sociedades modernas razões de ordem econômica, moral e religiosa oficializaram as uniões monogâmicas. A monogamia é essencial à sociedade capitalista, cuja base de sustentação econômica é a propriedade privada. Nesse aspecto qualquer coisa que abale o sistema monogâmico é visto com reservas e poderá ser passível de punição.

¹²⁶ Cf. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. “As categorias do entendimento na formação da Antropologia” IN *Série Antropologia n° 29*. Brasília, UnB, 1982, pp. 1-30.

¹²⁷ Cf. LÉVI-STRAUSS, 1966.

Pensando com Becker (1977)¹²⁸ os pontos de vista das pessoas que participam de tal conduta são muito diferentes dos que as condenam. Muitas explicações surgem para justificar a infidelidade, e o ideal desejado de monogamia parece ser um comportamento raro. A infidelidade amorosa é abordada nas novelas, nos romances como se fosse algo inevitável para mulheres e homens apaixonados ou não, alguns podem afirmar que traem por amor ou pela ausência dele. O que se sabe é que na grande maioria das vezes pode ser uma experiência dolorosa. Outras, parecem ser prazerosa, mas envolve ricos.

Figueira (1985)¹²⁹ afirma que as pessoas oscilam entre os modelos de relacionamento social, fato que reforça a idéia de que as pessoas devem optar, escolher estilos de vida e relacionamento. Segundo Goldenberg (1991) na vida compartilhada, o respeito às mudanças individuais e a necessidade do crescimento a dois, provoca tensões e conflitos, que muitas vezes podem parecer impossíveis de ser solucionados.

Os dados coletados mostram a infidelidade pensada e vivida de forma diversa por mulheres e homens. Supõem-se genericamente que o homem se envolve com outra pessoa, fora do círculo amoroso, independente de amor; a mulher não. Tradicionalmente, na construção de gênero, associa-se à mulher aos “valores do coração”, que estão relacionados à casa e à família. Na mulher, estaria depositada a honra masculina e, até mesmo, da própria família. Mas o argumento parece não ter sustentação, pois de acordo com alguns dos depoimentos a prática extraconjugal não está se mantendo apenas como “prazer” para os homens. Percebe-se que a mulher, tem chances de se relacionar “sem amor”, fora do vínculo afetivo. Neste caso o envolvimento é marcado pela atração física momentânea o “tesão”, conforme diz Janete, e pode ou não envolver relação sexual.

Ismael procura dar explicações para justificar infidelidade, e aponta a monogamia como um comportamento raro.

“... então é muito difícil e muito raro, fundamentalmente, no que diz respeito aos homens, muito raro mesmo os homens que são fiéis. Lamentável porque não é certo

¹²⁸ Cf. BECKER, Howard. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.

¹²⁹ Cf. FIGUEIRA, Sérulo Augusto. “No reino da opção” IN *Jornal do Brasil – Caderno Especial*, Rio de Janeiro, 14/07/1985.

né, não é justo, e considerando que eu acho que a maior parte, também, dos homens, a maior parte, passa a cultivar mais... não é justo mesmo porque é errado...”¹³⁰

A construção do masculino molda o homem como ser sexual que “por necessidade”, busca constante satisfação, tanto em casa, quanto na rua. Este comportamento se remete ao “mito do homem conquistador”¹³¹ que, de acordo com Marinho (2003), quase sempre resulta na infidelidade. Para Trevisan (1998),¹³² o dom-juanismo – busca obcecada de novas aventuras – é o fato que gera a “infidelidade típica do macho”. Ismael atribui maior responsabilidade, sobre as práticas infíeis, aos homens.

“...os homens são traidores porque são traidores, eles são traidores por natureza entendeu como é... as mulheres não...”¹³³

Na sociedade em que vivemos sabemos o quão é distinto a criação da menina e do menino. E aí pergunta-se: o que isso tem a ver com o desenvolvimento sexual? Tem tudo a ver. Desde cedo os meninos são estimulados a desenvolver sua sexualidade, a cultura valoriza e estimula o homem a ser sexualmente ativo.¹³⁴ Desde pequeno, o menino é orientado a paquerar as meninas na escola, com essas mensagens que a sociedade impõe, o sexo masculino aprende que é assim que tem que ser. O que na maioria das vezes, essa exacerbação de estímulos pode provocar a desvalorização de vínculos afetivos, como respeito aos seus sentimentos e aos dos outros.¹³⁵

Assim vemos, que apesar dos conceitos sociais estarem em constante debate, ainda vivemos numa sociedade na qual o que é valorizado para os homens é desvalorizado para as mulheres.¹³⁶ Ele pode ser infiel, ter aventuras e ser o bom. Mas, à mulher, que se envolve em relações de infidelidade, a sociedade reserva “rótulo” depreciador, expresso por inúmeros adjetivos que indicam o peso do fato. Os interlocutores utilizam uma variada

¹³⁰ Entrevista realizada em 13/09/2004.

¹³¹ Esse mito consiste no fato do homem se relacionar com alguém, porém, para satisfação de seu ego, sente a necessidade de usar meios sedutores para mostrar seu lado conquistador, lançando-se sobre outras mulheres. Sobre o assunto, consultar: NOLASCO, Sócrates. *Mito da Masculinidade*. Rio de Janeiro, Rocco, 1993.

¹³² Cf. TREVISAN, João Silvério. *Seis balas num buraco só*. Rio de Janeiro, Record, 1998.

¹³³ Entrevista realizada em 13/09/2004.

¹³⁴ Cf. LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, Vozes, 1997.

¹³⁵ Cf. SOUZA, Claudécya. *Representação Social e Desenvolvimento Sexual*. São Paulo, PaiLegal, 1999.

¹³⁶ Cf. NOLASCO, Sócrates. “O Peso da Cultura” IN Revista *Maria Maria*. <http://www.undp.org.br/unifem/mariamaria> Acessado em 12/04/2005.

coleção de epítetos, arrolados no Quadro 2, mas as imprecações são nuançadas de acordo com os atores e a proximidade destes como os meus interlocutores, como arrolei no Quadro 3.

Quadro 2

Expressões usadas pelos informantes ao referir-se à conduta infiel de mulheres e homens

As mulheres são	Os homens são
Criatura	Ruim
Louca	Mau-Caráter
Mulher à toa	Filho da puta
A outra	Malvado
A vilã	Safado
Tentação	Corneador
Vagabunda	Danado
Traidoras	Artista
Patifa	Traidores por natureza
Meninas dadas	
O problema	

Quadro 3

Expressões usadas pelos informantes para referir quem um dia foi traído, ou quem sabe, poderá ser...

Mulheres são	Trecho do Depoimento	Homens são	Trecho do Depoimento
Bobas Burra Idiota	“... toda mulher quando esta sendo traída esta sendo boba, burra, idiota, porque ela está sabendo de tudo...” (Janete)	_____	_____
Santa Corneada [corná]	“... depois de velho meu pai começou a cornear a mamãe, coitada ela é uma santa...” (Leila)	Corno Chifre [chifrudo]	“... eu disse pra ela que ela tem que aprender com isso, e aprender a colocar o chifre nele, se ela pode, porque ele não pode ser também corno...” (Leila)
_____	_____	Otário	“... a gente procura pessoas de longe para poder sair [realizar as fantasias sexuais] pra evitar o tipo de comentário: ‘olha lá aquele otário, eu já fiz de tudo com a mulher dele’” (Cibeli)
Derrota	“... acho que não seria grandiosa, nesse caso até seria uma derrota...” (Ismael)	_____	_____
Heroína	“... a minha sogra é uma heroína, porque ela ficou com oito filhos, graças à Deus todos estão vivos, quando meu sogro saiu de casa, ela era muito nova, ela só tinha 35 anos e a minha sogra nunca reclamou dele, nunca, nunca...” (Vilma)	_____	_____

A fala dos entrevistados revela concepções diferenciadas, a diversidade dos depoimentos expressam ambigüidades que mulheres e homens vivem no âmbito afetivo e sexual, mostrando o que está ocorrendo nos relacionamentos heterossexuais, possibilitando revelar a subjetividade de cada um via contradições e peculiaridades. Além de possibilitar identificar indícios de como o relacionamento entre mulheres e homens se estrutura assentado em relações assimétricas, ainda hoje, em pleno século XXI.

Relações Assimétricas

*Tudo passa menos a infiel.
Nos botecos e nos velórios,
Na esquina e nas farmácias,
Há sempre alguém falando
Nas senhoras que traem.
O amor bem sucedido,
Não interessa a ninguém.¹³⁷*

A infidelidade feminina ou masculina, seja ela aceita ou não, é uma das mais difíceis situações que os casais enfrentam. Silva (1989),¹³⁸ discute que quando se trata de infidelidade a figura masculina se destaca, enquanto que a infidelidade feminina é vista com intolerância, sendo considerada um desacato. O julgamento masculino em relação à infidelidade feminina decorre da condescendência social com a infidelidade masculina. Apesar de estarmos em uma sociedade com discurso e prática “liberais”, no qual há abertura para um franco diálogo entre os sexos, o valor da honra, deve ser resguardado e preservado.

A história de Lúcia é um exemplo claro da representação de intolerância, quando esta em jogo a fidelidade no âmbito afetivo e sexual. Vamos conhecer sua história. O depoimento privilegia o relato da dor da descoberta de ter sido enganada e do sofrimento que teve de enfrentar ao ser julgada pela família, devido sua postura infiel.

Diante da falta de perspectiva no relacionamento amoroso, a informante começou a distanciar-se de Paulo, o que antes era amor se transformara em mágoa e ressentimento, nesse contexto, surge Flávio¹³⁹, com quem inicia um romance paralelo. A partir deste momento a indiferença de Lúcia com o antigo namorado faz com que ele perceba que esta perdendo domínio, o que desencadeia promessas de casamento. Mas o rompimento foi inevitável, trazendo muitos conflitos para o triângulo amoroso envolvido e o núcleo familiar da informante.

¹³⁷ Cf. RODRIGUES, Nelson. *Flor de Obsessão*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997, p. 11.

¹³⁸ Cf. SILVA, Cristiane Gonçalves Meireles. *Mulheres: casamento, Aids e doenças sexualmente transmissíveis*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Antropologia da Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1989. (mimeo)

¹³⁹ Flávio tem 28 anos, negro, trabalha em um restaurante. Lúcia o conheceu quando passou a frequentar o mesmo ambiente a convite de algumas amigas.

“... a nossa relação já estava desgastada, tudo que ele falava já não fazia mais sentido, já não acreditava mais, até um dia em que ia trabalhar, e não sei se foi sorte ou azar naquele momento, eu vi ele beijando, dentro do carro dele, a tal da esposa que ele dizia estar separado, eu estava num táxi que por coincidência parou no mesmo sinal fechado, isso foi o fim, a partir daí fiz outra busca sem ele saber, e descobri tudo, descobri que eles nunca se separaram, e que ela sempre soube de mim ... a relação estava indo de mal a pior, aí ele já admitia que era casado mas que vivia separado da esposa, já falava dos filhos, que era um casal. Mas, a relação há muito tempo já não era mais a mesma, com o tempo ele passou a ficar mais comigo do que lá com a outra, mas ele nunca se decidiu, e isso acabou desgastando o relacionamento, foi aí que o Flávio apareceu. Eu comecei a me distanciar do Paulo, o sentimento não era mais o mesmo, e ele percebeu, e desconfiou que eu tinha outra pessoa...”¹⁴⁰

O relacionamento se desgastou, ficou abalado até chegarem às vias da separação, cujo estopim foi o envolvimento de Lúcia com outra pessoa. Ela conta como o namorado teve certeza da infidelidade e como a família tomou conhecimento do fato:

“... quando ele viu que eu estava solta, livre do domínio dele, aí ele impregnou, inventou que queria casar comigo, que tudo ia mudar, que eu era a mulher da vida dele, mas isso já não fazia diferença pra mim, eu não conseguia sentir mais o que sentia antes, ele comprou um sítio, um apartamento, mobília e tudo, mas nós nem dormíamos mais juntos, quando nós íamos pro sítio eu dormia na rede e ele na cama, isso no mesmo quarto, achava difícil tudo voltar a ser o que era. Foi nessa fase que eu conheci o Flávio ... ele descobriu porque colocou um detetive particular atrás de mim, e aí ele começou a mudar, me prometeu fundos e mundos, comprou um sítio, apartamento, tentou mudar minha escolha, mas não adiantou, eu já estava decidida. Depois que ele percebeu que não tinha mais volta, chamou meus pais e tentou passar uma imagem que ele é que era o bonzinho e eu que não prestava, eu fiquei apenas calada, todos ficaram com raiva de mim, pensando que eu tinha trocado algo certo por um duvidoso, mas eles nem imaginavam que até aquele momento ele ainda vivia com a esposa, porque eu sempre escondi isso deles...”¹⁴¹

No início do relacionamento de Lúcia e Paulo, os pais da informante não viam o relacionamento com aprovação devido à diferença de idade, “... a mamãe quando descobriu passou dias sem falar comigo, o papai é mais na dele, mas se a mamãe não gosta, ele também não se manifesta contrário”. O namoro firmou-se como compromisso definitivo, a aceitação dos dois é a regra fundamental, apesar de algumas vezes o círculo familiar ser contra. Em alguns casos a família prefere manter o namoro à distância como forma de não

¹⁴⁰ Entrevista realizada em 20/09/2003.

¹⁴¹ Entrevista realizada em 20/09/2003.

incentivar o relacionamento, não favorecendo a presença da(o) namorada(o) em sua casa.¹⁴² Mas a partir dos quatro anos de namoro, a família de Lúcia começou a flexibilizar seus pontos de vista.

Para a família de Lúcia a união era uma escolha conveniente, poderia ser um grau de ascensão social, as relações eram manipuladas para favorecê-lo, também sendo valorizado e desejado enquanto símbolo de estabilidade. Segundo Ameno (1999)¹⁴³ a escolha representava estar na esfera do social, ou seja, era a oportunidade de ingressar no espaço público. A necessidade de casar para que através do marido assegurasse uma posição social, escapando a situação de “mulher solteira”.¹⁴⁴

Os pais de Lúcia estão casados há 40 anos e o rompimento da relação da filha com Paulo balançou suas expectativas. A família de Lúcia é predominantemente católica, cujos valores estão ligados ao “amor conjugal”, onde o amor é permitido e incentivado, mantendo a fidelidade das uniões monogâmicas indissolúveis.¹⁴⁵ O segredo do estado civil do parceiro implica que a informante mantém como ideal um determinado tipo de família e relacionamento amoroso, isso pode implicar que os valores sociais e culturais do ambiente familiar se fazem presentes nas escolhas de parceiro.

Uma das características universais dos enlaces é que o fato é originado não pelos indivíduos, mas pelos grupos interessados, como a família.¹⁴⁶ De acordo com Gilberto Velho (1983)¹⁴⁷ a dimensão da aliança é enfatizada em diversos momentos, estando em jogo

¹⁴² Sobre tipos de namoro consultar: LAGO, Syane de Paula. *Namoro pra casar? Namoro pra escolher (com quem casar): idéias e práticas de namoro entre jovens em Belém/PA*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Belém, DEAN/UFGPA 2002. (mimeo)

¹⁴³ Cf. AMENO, Agenita. *A função social dos amantes: Na preservação do casamento monogâmico*. Belo Horizonte, Autêntica, 1999.

¹⁴⁴ Segundo Ameno (1999) os chamados “solteirões” e “solteironas” são aqueles que passaram do tempo de ficar solteiro e correm o risco de serem alvos de chacotas e desconfianças. Sendo que o termo é mais pejorativo em relação às mulheres, pois a sociedade pressupõe um tempo ideal para os relacionamentos amorosos. Decorrido o tempo sem a concretização do vínculo, a mulher é considerada “abandonada à própria sorte”.

¹⁴⁵ Sobre discurso católico consultar: RIBEIRO, Ivete. “O amor dos cônjuges” IN D’INCAO, Maria Ângela (Org.). *Amor e Família no Brasil*. São Paulo, Contexto, 1989, pp. 129-153.

¹⁴⁶ O modelo monogâmico pressupõe que exista uma mulher apenas para cada homem. Sobre o assunto, consultar: LÉVI-STRAUSS, 1966, anteriormente referido.

¹⁴⁷ Delineia-se um conjunto novo, reunindo parentes e amigos dos dois membros do casal, estabelecendo rede de relações sociais, com novos papéis, tipos de solidariedade e situações de sociabilidade. Sobre o assunto, consultar: VELHO, Gilberto. “Aliança e Casamento na sociedade moderna: separação e amizade em camadas

identidades, interesses e valores de grupos que se vinculam através de dois de seus membros. O status social define comportamentos, estabelece compromissos, obrigações, fidelidades, considerações, existindo relacionamento sexual ou não.¹⁴⁸

Quando os familiares descobriram a conduta de Lúcia, através de Paulo, de mulher infiel, os laços de parentesco foram complicadores na relação, pois todos os familiares envolveram-se de alguma forma no caso: alguns romperam definitivamente com ela, outros fingiram nada saber e continuaram próximos. A relação familiar tornou-se “pesada” com brigas, cobranças, choros e dor. A revelação do fato trouxe situações constrangedoras e humilhantes para a informante diante de seu círculo familiar, o depoimento é revelador porque explicita a dor moral que a informante sofreu.

A família teve conhecimento da postura da filha “infiel”, mas desconhecia a condição de casado do futuro “genro”, pois Lúcia silenciou o fato. A informante acostumada a buscar segurança emotiva na família, logo foi excluída do grupo devido a sua prática infiel e por optar em não dar continuidade ao relacionamento afetivo com Paulo. Lúcia é “acusada”, torna-se “vilã”, o fato demonstra um elemento novo: a violência sofrida pela violação da intimidade, no lar e na família.

“... ah, todos ficaram contra mim, tive que passar um tempo fora de casa, pois não agüentava o clima, o papai e a mamãe foram muito duros, mas eu até entendo a posição deles, afinal de contas eles desconhecem a verdadeira história. Até hoje eles idolatram o Paulo...”¹⁴⁹

Através da postura da família da informante percebe-se a valorização dos vínculos obrigatórios, a estabilidade, segurança, confiança, sinceridade, honestidade nos relacionamentos conjugais. Além das acusações e discriminações, em especial feita pelos familiares, Lúcia também sofreu preconceitos nas relações de trabalho, já que ambos trabalhavam no mesmo ambiente profissional.

médias urbanas” IN *Subjetividade e Sociedade: uma experiência de geração*. Rio de Janeiro, Zahar, 1983, pp.23-36.

¹⁴⁸ Cf. AZEVEDO, (1986).

¹⁴⁹ Entrevista realizada em 20/09/2003.

“... tem pessoas que deixaram de falar comigo por causa disso, outras me destratam, eu só sei que tudo que eu precise, não importa se é material ou outro tipo de serviço, tudo é mais difícil quando as pessoas descobrem que sou eu que solicito, mas também tem muita gente boa que gosta de mim e me ajuda lá. Quando eu estava com ele, gente que nunca me cumprimentava, passou a cumprimentar, todos, me respeitavam muito, comecei a ter algumas regalias, como sair nos horários que queria, eu comecei a ter status devido estar namorando com ele, isso possibilitou que eu arranjasse alguns empregos pra alguns conhecidos lá dentro por intermédio dele, foi uma fase de poder, tudo que eu queria ele dava um jeito de arranjar...”¹⁵⁰

O fato de esconder dos familiares e de amigos a condição de casado do companheiro, de acordo com Goldenberg (1990) pode ter ocorrido devido a autopercepção de Lúcia como desviante.¹⁵¹ Percebe-se no discurso da informante a tensão e preocupação em não perder o amor e a aceitação dos pais e das pessoas que a cercam e fugir do estigma de “amante”.¹⁵² Portanto, por não estar preparada para assumir as conseqüências de “estar” envolvida com um homem casado, manteve isso em segredo para não correr risco de romper os laços com a família.¹⁵³

Os protagonistas de um triângulo amoroso, geralmente arcam com o ônus de exclusão social. A eles fica reservado o lugar das sombras, afastado do círculo social da família. De acordo com Foucault (1985),¹⁵⁴ Lúcia transgrediu o princípio da fidelidade, pois o prazer sexual não poderia ser admitido fora do vínculo amoroso, fora da conjugalidade, o que trouxe o comprometimento de seu status social e honra. Mas é importante não esquecer que seu parceiro, Paulo, já o havia transgredido, já que constituía uma relação afetiva e sexual fora de seu casamento com a informante, mas inversamente, para ele a sociedade fecha os olhos. É importante ressaltar que essas formas de relacionamento entre os sexos manifestam a incidência constante de violência nas relações interpessoais. (Silva, 1989)

¹⁵⁰ Entrevista realizada em 20/09/2003.

¹⁵¹ Sobre comportamentos desviantes consultar: VELHO, Gilberto. *Desvio e Divergência: Uma crítica a patologia social*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981 e GOLDENBERG, Mirian. *A outra: um estudo antropológico sobre a identidade da amante do homem casado*. Rio de Janeiro, Revan, 1990.

¹⁵² Lúcia aos olhos da sociedade desempenhava o papel da “outra”, comportamento que a sociedade impõe como errado, imoral, ilegal. Sobre o assunto, consultar: GOLDENBERG, 1990.

¹⁵³ A família teve função específica no passado, mas tem sido modificada juntamente com as transformações da sociedade. A família “nova” se distingue da “antiga”, mas distúrbios amorosos ainda significam a transgressão da ordem, e transgredir pode ser doloroso. Sobre o assunto, consultar: D’INCAO, Maria Ângela. “Amor romântico e a Família burguesa” IN D’INCAO, Maria Ângela (Org.). *Amor e Família no Brasil*. São Paulo, Contexto, 1989, pp. 57-71.

¹⁵⁴ Cf. FOUCAULT, Michel. “A questão do monopólio” IN *História da Sexualidade 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro, Graal, 1985, pp. 166-176.

“... depois que eu disse que não queria mais nada com ele, que estava apaixonada por outro, ele disse que a vontade que ele tinha era comprar um 38 [revólver] e me matar, que eu não prestava, não valia nada, e que ele não ia sujar as mãos comigo, me disse coisas horríveis, que eu tinha sujado a imagem dele me envolvendo com um preto, e outras coisas que não quero nem lembrar, mas quando era no outro dia, ele ligava chorando pedindo pra voltar, pra que eu aceitasse-o, ele até disse que aceitaria continuar comigo mesmo eu estando com o Flávio, isso era posse, ele não admitia que tinha perdido...”¹⁵⁵

O moralismo presente na reprodução do depoimento de Paulo, aparece não somente na fala, mas no tom da voz da informante. É visível a construção do discurso masculino com a intenção de subordinar a mulher e desvalorizar a esfera do feminino. A ideologia masculina exposta no fragmento situa cotidianamente jogos de poder, que muitas vezes legitimam a ordem social.

Segundo Gregori (1992)¹⁵⁶ a violência conjugal é a expressão radical da relação hierárquica entre os sexos. Nessa relação assimétrica, o homem ocupa posição de mando para punir, exigir, e por vezes agredir a parceira, como se a mulher estivesse subordinada aos desígnios do homem.

A infidelidade de Lúcia, rompendo sua relação cotidiana, poderia ter sido motivo de crime, ponto de partida para violência e agressões, que é realidade social nas delegacias da mulher. Segundo Saffioti (1994),¹⁵⁷ a violência masculina contra a mulher perpassa todas as camadas sociais. As ameaças de Paulo, não cessaram, inconformado com a separação, deu início à perseguição:

“... eu terminei, ele passou dias semanas, meses, me ligando prá voltar, fazia mil juras, mas eu estava cansada, não confiava mais, o nosso relacionamento há muito tempo tinha perdido o respeito. Depois que ele viu que as investidas não estavam surtindo efeito ele partiu prá parte da perseguição, o restaurante onde o Flávio trabalha era constantemente visitado por alguns amigos influentes dele [Paulo] procurando algo de errado, isso era tudo ele que planejava...”¹⁵⁸

¹⁵⁵ Entrevista realizada em 20/09/2003.

¹⁵⁶ Cf. GREGORI, Maria Filomena. *Cenas e Queixas: Um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista*. Rio de Janeiro, Paz e Terra; São Paulo, ANPOCS, 1993.

¹⁵⁷ Cf. SAFFIOTI, Heleieth. “Violência de gênero no Brasil contemporâneo” IN SAFFIOTI, Heleieth; MUÑOZ VARGAS, M. (orgs.) *Mulher Brasileira é assim*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1994.

¹⁵⁸ Entrevista realizada em 20/09/2003.

Segundo Eluf (2003),¹⁵⁹ a questão da traição conta muito para o homem, ele se sente ofendido em sua masculinidade, em sua imagem pessoal. Se por um lado a sociedade julga mais a mulher, por outro a traição é mais difícil de ser encarada pelos homens. O crime com base na legítima defesa da honra pressupõe desigualdade na relação homem e mulher, e a Constituição Federal não admite discriminação e preconceito de qualquer natureza. A ameaça de Paulo em querer comprar uma arma e matar Lúcia, indica uma situação violenta que pode resultar em registro policial, definido por Conrado, como limite de, "... uma situação intolerável que motiva a vítima a registrar ocorrência" (1998: 7).¹⁶⁰ Segundo a análise de Conrado, é interessante perceber que o motivo para o crime está "dinamizado" na fala de Lúcia ao reproduzir o que Paulo disse, mas é elemento fundamental para entender como essas pessoas concebem e percebem o mundo.

O motivo desencadeador do crime seria o ponto de partida para violência e agressões, que é a realidade social nas delegacias da mulher. O interessante da análise não é saber quem trai, mas sim os motivos que levam à traição e o sentimento diferente que ambos atribuem a este fato.

A história de Lúcia mostra que a fidelidade afetiva e sexual é desejada no plano ideal, é encarada como requisito importante na convivência diária dentro de um relacionamento. E caso, não seja observada, é tida como transgressão grave, o parceiro transgressor deve sofrer algum tipo de sanção.

Lidar com situações de infidelidade é trazer à tona valores que norteiam a educação de mulheres e homens. Ao gênero masculino é permitido comportamento infiel, enquanto que às mulheres são impostas inúmeras restrições.¹⁶¹ O depoimento de Lúcia mostra a busca por um companheiro, um namorado, alguém que possa dividir, compartilhar a vida.

¹⁵⁹ Cf. ELUF, Luiza Nagib. *A Paixão no Banco dos Réus: Casos Passionais*. São Paulo, Saraiva, 2002.

¹⁶⁰ Sobre violência conjugal consultar: CONRADO, Mônica Prates. "A fala das vítimas e indiciados em uma Delegacia da Mulher" IN *21ª Reunião da Associação Brasileira de Antropologia (ABA)*, Vitória, UFES, Abril/1998.

¹⁶¹ Observações sobre questões de infidelidade vinculadas a gênero consultar: AMARAL, Telma. *E o casamento como vai?* Dissertação de Mestrado em Antropologia. Belém, DEAN/UFPB, 1999. (mimeo) e QUINTEIRO, Maria da Conceição. *União conjugal: a grande busca*. Tese de Doutorado em Sociologia, São Paulo, USP, 1993. (mimeo)

Com o rompimento abre-se então a possibilidade de construção de uma identidade própria, sem ter como referência a identidade do parceiro.¹⁶²

Entender o silêncio de Lúcia, sobre a condição de “a outra” perante a família, é puxar os fios da vida e da dor. A verdade foi filtrada para a família pela vergonha e pelo medo de não ser aceita e compreendida. A dor de manter tudo em segredo foi uma experiência, exclusivamente, pessoal resistente a qualquer possibilidade de comunicação.

A incomunicabilidade de Lúcia é gerada pelo fato de acreditar que ninguém entenderia a história. Quem acreditaria em seu sofrimento moral? Quem acreditaria em seu silêncio? A questão não é simples, pois considerar a dor de outra pessoa significa compreender a lógica de sua existência. O que está em jogo é um misto de medo de ter a imagem denegrada, tornando-se “marginal” dada a desqualificação como pessoa. Pollak (1988)¹⁶³ indica que nas memórias subterrâneas, o silêncio é a forma de não trazer à tona situações constrangedoras, mundos obscuros, no caso, revelar diante da família a conduta de ser “a outra” é tornar visível o que estava guardado à sete-chaves.¹⁶⁴

Lúcia manteve o silêncio sobre a condição de casado do companheiro, escondeu de familiares e amigos. Segundo Goldenberg (1990), a autoconcepção da informante como desviante pode ser percebida através da ocultação do estado civil do parceiro. Percebe-se em seu depoimento a tensão e preocupação em não perder o amor e a aceitação dos pais e das pessoas que a cercam, fugindo do estigma de “amante” que a situação lhe imputa.

Segundo Goffman (1980)¹⁶⁵ as pessoas sofrem enquadramento social que constrói a identidade virtual e social. A história de vida, faz as pessoas estabelecerem pré-

¹⁶² Cf. GOLDENBERG, 1990.

¹⁶³ Cf. POLLAK, Michel. “Memória, Esquecimento, Silêncio” IN *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, Editora Revista dos Tribunais, 1988, pp. 12-15.

¹⁶⁴ Adentrar no mundo de Lúcia é induzi-la a falar dos possíveis conflitos que produzem momentos de silêncio. A verbalização de situações reprimidas demarca identidades feridas. Até o momento da coleta do depoimento da informante, a mesma informou que nunca tinha comentado sua história com ninguém, nem com irmãos ou amigos mais próximos, ela deixou que eles tivessem suas próprias interpretações. Portanto, o depoimento foi a maneira de romper o silêncio, foi a passagem do silêncio a palavra. Lúcia talvez precisasse falar da dor para poder dar sentido a sua escolha pelo silêncio. Sobre o assunto, consultar: POLLAK, Michel. *L'expérience concentrationnaire. Essai sur le maintien de l'identité sociale*. Paris, Métailié, 1990.

¹⁶⁵ Cf. GOFFMAN, 1980.

noções que acabam por fundar expectativas sobre a identidade, impedindo-as de enxergar outras características, pois no enquadramento estabelecido pela sociedade apenas os “iguais” devem se relacionar. Nesse caso, o silêncio tem razões bastante complexas. Para poder relatar seus sofrimentos, uma pessoa precisa, antes de mais nada, encontrar uma escuta. A memória subterrânea e envergonhada, de Lúcia, é guardada zelosamente, para permanecer despercebida dos demais. A tipologia do silêncio, localizada na fala de Lúcia, é moldada pela angústia de não encontrar escuta, de ser punida pelo que fez ou faz, é expor-se a mal-entendidos.

Portanto, por não estar preparada para assumir as conseqüências de “estar” envolvida com um homem casado, manteve o segredo para não correr risco de romper os laços de família. Buscou esconder o “estigma” para não contaminar outros domínios de sua vida, pois assumir a condição de “amante” é transgredir moralmente e sexualmente, o modo de vida do grupo familiar e da sociedade na qual se insere.

A infidelidade feminina não sugere a cumplicidade verificada quando a prática é masculina. Se por um lado a sociedade julga mais a mulher, por outro lado o comportamento infiel é mais difícil de ser encarado por eles por uma questão cultural. Segundo Abdo (2003), quando os homens descobrem a infidelidade da parceira a primeira coisa que pensam é que elas estavam insatisfeitas com o sexo, o que muitas vezes não é verdade. O caso de Lúcia demonstra claramente, a mesma buscou em outra relação atenção, carinho e companheirismo. Segundo Marinho (2003),¹⁶⁶ a mulher, hoje se impõe bem mais nos relacionamentos. É, portanto, necessário resgatar e entender que a mulher também possui representações e atitudes construídas e determinadas a partir das relações de gênero.

Quando menciono infidelidade feminina, Ismael é taxativo e diz,

“... infidelidade feminina como prática eu condeno, é vagabunda, se for por algum descontentamento no relacionamento, é mais aceitável, se for prática é vagabunda...”¹⁶⁷

¹⁶⁶ Cf. MARINHO, Carla Figueiredo. “Homens Fiéis?” Paper apresentado no *II Seminário Internacional Educação Intercultural e Movimentos Sociais*. Florianópolis, abril/2003. (mimeo)

¹⁶⁷ Entrevista realizada em 13/09/2004.

A representação de infidelidade feminina para o entrevistado é revelada através de depoimento de conteúdo moral e conservador, me surpreendendo a ênfase que dá ao comportamento da mulher infiel, associando-o nas entrelinhas ao “vulgar”. O preceito moral presente no depoimento aparece não somente na expressão que usa, mas no tom da voz, apreendendo a mulher de forma preconceituosa e estereotipada, julgando-a. Ismael fornece o modelo ideológico que exerce profunda influência sobre as maneiras como mulheres são conceituadas e classificadas. De acordo com Fonseca (1981),¹⁶⁸ o informante ao ridicularizar o comportamento feminino como desviante, ou atribuir-lhe certos desvios, o mesmo estaria evitando o reconhecimento de suas próprias pulsões. O preconceito gera o discurso moralista e conservador que faz parte da ideologia que desvaloriza a mulher e mantém a dominação masculina.¹⁶⁹ A visão de masculinidade que surge aqui é associada a poder, a ação, a virilidade. Enfim, são estruturas simbólicas que indicam o entendimento da construção do masculino na cena brasileira.

Para o interlocutor, a traição amorosa tal qual é abordada nas novelas e/ou nos romances, funciona, como algo inevitável, para mulheres, apaixonadas ou não. A ficção eleva a curiosidade e a tentação de experimentar o sabor da conquista. A análise se aproxima da afirmação de que as mulheres são infiéis pela influência das novelas semanais, transmitidas nos diversos veículos de comunicação, ou seja, que elas podem trair por amor ou pela ausência dele, e, portanto “... passaram a ser traidoras” como diz Ismael.

“... as mulheres passaram a ser traidoras. (...) a educação no Brasil mudou muito, e eu acho que o responsável fundamentalmente são as novelas. É mais a mulher, os homens não é a novela que influencia com certeza, os homens não assistem novela, começa por aí, a novela é o dia a dia, a mulher fica mais em casa, a novela que faz a cabeça do povo, influência muito as mulheres...”¹⁷⁰

É indiscutível que as telenovelas são os programas de maior audiência no Brasil. A importância cultural e política da teledramaturgia, cresce continuamente, porque deixam de ser apenas lazer, tornam-se espaço de invenção para discussão e introdução de

¹⁶⁸ Cf. FONSECA, Claudia. “Cavalo amarrado também pasta. Honra e humor em um grupo popular brasileiro” IN *Revista de Antropologia*. vol. 24, Universidade de São Paulo, 1981, pp. 109-121.

¹⁶⁹ Reich afirma que nunca se denunciara bastante a influência perniciosos dos preconceitos morais nessa área. Sobre o assunto, consultar: REICH, Willem. *Casamento indissolúvel ou relação sexual duradoura*. Portugal, H. A. Carneiro, 1974.

¹⁷⁰ Entrevista realizada em 13/09/2004.

hábitos e valores, pois apresenta um repertório de representações identitárias compartilhado por produtores e consumidores.¹⁷¹

De acordo com a pesquisa de Tonon (2004), mulheres e homens se interessam igualmente por novelas. Eles a assistem e consideram uma importante fonte de informação e discussão de temas sociais e do cotidiano familiar. Entretanto, a mulher recebe a novela de forma mais sentimental, envolvendo-se mais às tramas e conflitos vivenciados pelos personagens, enquanto que os homens detêm-se mais a questões racionais, mas isso não quer dizer que isso as faça ter comportamentos considerados desviantes.¹⁷²

As novelas mostram e abordam modelos de comportamento por meio das personagens que apresenta, tais personagens servem para rodas de debate, críticas, projeção e repúdio dos públicos. É importante ressaltar que independentemente do entendimento e da negociação dos sentidos que cada receptor, ou ainda, de cada grupo social faz do processo de mediação da recepção da telenovela, a maneira com que cada sujeito recebe e reelabora os significados, os sentidos e os conteúdos simbólicos culturais estão atrelados às experiências reais obtidas dentro de cultura e comunidade específicas, única e singular.¹⁷³

As representações sociais se expressam através de vários elementos, entre eles ideologias e utopias. Tais elementos, alguns em maior ou menor escala, plasman visões de mundo e modelam condutas e estilos de vida no sentido de preservar a ordem estabelecida. Através de múltiplas representações, a sociedade traduz visões que coexistem, sobrepõem-se

¹⁷¹ Cf. LOPES, Maria Immacolata V., BORELLI, Silvia Helena Simões & RESENDE, Vera da Rocha. *Vivendo com a telenovela: mediações, recepção televisualidade*. São Paulo, Summus, 2002.

¹⁷² Um dos pontos importantes do estudo de Tonon reside no entendimento da maneira com as representações e temáticas abordadas na novela são mediadas pelos telespectadores do universo feminino e masculino, pois acredita-se que o processo de recepção entre mulheres e homens não é semelhante devido à questão de gênero, modelos e valores instituídos pela cultura de uma sociedade, alterando, portanto, os modos de ver e de negociar os sentidos em cada grupo. Sobre o assunto, consultar: TONON, Joseana Burguez. *Telenovelas e representações sociais: um estudo de caso sobre "Mulheres Apaixonadas"*. Monografia apresentada à disciplina Mídia, Cultura e Sociedade do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Faculdade Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP, março/2004.

¹⁷³ Os temas ou até mesmo personagens de uma novela, podem nascer das observações e lembranças de seu autor, a qual pode espelhar a sociedade em que vive. Um dos autores que afirma escrever telenovelas baseadas em personagens que fazem parte de seu mundo real é o escritor Manoel Carlos. Suas novelas não discutem grandes questões sociais como a fome, miséria e corrupção, sua trama envolve realismo doméstico ou familiar da classe média alta da Zona Sul do Rio de Janeiro, discutindo com naturalidade temas espinhosos, como a infidelidade. Sobre o assunto, consultar: ROGAR, Silvia. "Manoel Carlos. Escrevo sobre o que conheço" IN *Revista Veja*. São Paulo, Abril, nº 1810, jul/2003, pp. 75-77.

ou excluem-se enquanto forças reguladoras do cotidiano, afim de moldar as relações vividas na sociedade.¹⁷⁴

Os depoimentos dos informantes faz transparecer discursos que são constitutivos dos processos de significação que constituem o imaginário pelo qual se rege a sociedade, ou seja como ela nos significa.¹⁷⁵ No entanto, as representações aqui firmadas e questionadas também revelam que algumas mudanças estão ocorrendo nas relações afetivas e sexuais, apesar de nos discursos estarem presentes valores que podem indicar permanências e mudanças sociais em relação à questão da infidelidade e a emergência de outros eixos interpretativos para a sexualidade. Mas, no presente contexto, ainda se faz presente a ideologia patriarcal no sentido da construção de gênero, nas interpretações de feminino e masculino e compreensão dos relacionamentos que deveriam existir entre mulheres e homens na vida social contemporânea. Mas, é preciso ir além dos estereótipos, ainda mais se estes não se apresentam como o “esperado” no imaginário social.¹⁷⁶

¹⁷⁴ Cf. MORAES, 1994.

¹⁷⁵ Cf. ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Terra à Vista: discurso do confronto: velho e novo mundo*. São Paulo, Cortez, Campinas/São Paulo, 1990.

¹⁷⁶ O trabalho desenvolvido por Marlise Matos tenta mostrar o surgimento de outras identidades de gênero e de vínculos amorosos na modernidade. A autora aborda a dimensão espaço-temporal do gênero e da sexualidade, e por extensão das relações conjugais. Sobre o assunto, consultar: MATOS, Marlise. *Reinvenções do vínculo amoroso: cultura e identidade de gênero na modernidade tardia*. Belo horizonte, UFMG, 2000.

III. Infidelidades: estratégias do jogo amoroso

*... Jurara, pois a mim mesma, e à
memória de meu marido, que minha filha
seria feliz.
Mas como realizar esse ideal?
Eis a questão. Vejamos:
Dar-lhe um marido, quando chegasse à
idade do amor?...
Mas, se o meu, que fora tão bom, tão
leal, e tão justo,
Não conseguira proporcionar-me a
felicidade?
Dar-lhe um amante?
Mas, sobre ser, debaixo do ponto de
vista social, imoralíssimo o fato,
em que poderiam afinal consistir as
vantagens de um amante sobre o
parceiro (a)?...¹⁷⁷*

Viver como casal¹⁷⁸ pode parecer um recurso importante de construção de felicidade ou de evitação de infelicidade para uma parcela de pessoas, seja para espelhar-se em gerações anteriores, pelo medo da solidão ou para dividir tarefas cotidianas. De acordo com Paterniani (1997), seja quais forem as razões, o fato é que o ser humano, quase sempre, busca viver em par. O que se vê é que as pessoas buscam objetivos ou a realização de objetivos que, nem, sempre, são atingidos. Na verdade o ideal de felicidade monogâmica para mulheres e homens nem sempre é alcançado.¹⁷⁹

Ser e viver como casal é, aparentemente, fácil, o que se imagina e vislumbra é que ambos se amam, desejam as mesmas coisas e se comprometem a seguir as regras monogâmicas impostas pela sociedade. Trilhar por este caminho parece ser possível, mas o percurso guarda perigos, ciladas, armadilhas ou estratégias, como as infidelidades, que

¹⁷⁷ Trecho extraído da obra de Aluísio de Azevedo. Sobre o assunto, consultar: AZEVEDO, Aluísio. *Livro de uma Sogra*. Rio de Janeiro, Ediouro, 1983, p. 12. [Grifo meu]

¹⁷⁸ Quando utilizo a expressão 'casal' estou me referindo ao par, independente de ser namoro ou casamento.

¹⁷⁹ Para uma leitura aprofundada do assunto, consultar: PATERNIANI, Ana Lúcia Stipp. "A aventura do casal contemporâneo" IN *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*. n.º 8, 1997, pp. 46-60. Na obra a autora desenvolve leitura crítica e comentada de diversos autores sobre o tema, procurando focar os aspectos sociais que influenciam a relação do casal.

nem sempre ocorrem por falta de amor, afeto ou prazer, mas como estratégia de manter aceso o jogo amoroso da vida a dois.

O que apresento a seguir é que apesar da idéia de amor romântico, a plenitude afetiva em relação ao outro, ao par, ao parceiro, ao cônjuge de serem apaixonados, não significa dizer que o parceiro não tenha mais interesse e desejo por outro. As expectativas e as idéias do amor romântico são vistas como única forma de amor, idealizando relacionamentos e condicionando-os à exclusividade. Muitas idéias circulam em torno do amor romântico, entre elas a noção de que as pessoas se completam e procuram por uma alma gêmea¹⁸⁰ e assim não sentem interesse por mais ninguém,¹⁸¹ auxiliando a manutenção das fantasias do par, o que soa como falso e equivocado.

A pesquisa ressalta que por mais que exista duas pessoas regidas pela exclusividade, afetiva ou sexual, e com direito a cobranças, ainda assim, existirão relações mais ou menos abertas.¹⁸² Quero deixar claro que aqui entre os pesquisados não foi constatado nenhum tipo de relacionamento que sigam este padrão ‘aberto’. Foram encontrados relações que são aparentemente fechadas, do jeito que a sociedade ajusta, mas o que desponta como mudança nesses relacionamentos é a busca de uma terceira pessoa para manter acesa a chama da conquista e da sedução no relacionamento estável. Isso mostra que está havendo afrouxamento nos comportamentos afetivos e sexuais, mas não significa dizer que as pessoas estão totalmente livres dos limites sociais e da censura.

¹⁸⁰ A idéia de “almas gêmeas” e da “cara metade” aparece quando Aristófanes recorre a mitologia para explicar o impulso amoroso. Segundo ele o ser humano era inicialmente um andrógino de duas cabeças, quatro pernas e quatro braços. Temendo que seu poder ameaçasse os deuses, Zeus dividira essa estranha criatura em duas, e desde então carrega-se a sensação de estar sempre incompleto, desejando a união com outro. Sobre o assunto, consultar: PLATÃO. *Diálogos: O Banquete*. São Paulo, Civita, 1983.

¹⁸¹ As idéias de amor romântico são passadas como uma única forma de amor, e aprende-se a sonhar e a buscar viver esse encantamento. No amor romântico idealiza-se a pessoa amada e projeta-se nela tudo que gostaríamos de ser ou como gostaríamos que ela fosse. Não há relacionamento com a pessoa real, mas com a inventada. Foi difundido e aceito em todo mundo, porque se apresentava como algo que não atendia exclusivamente ao interesse e às sensações do indivíduo. Enquanto que aqueles que fugiam a este padrão eram apresentados como desviantes, dissipados, libertinos, dentre outros tantos epítetos. Sobre amor romântico consultar: GIDDENS, Anthony. *A Transformação da Intimidade*. São Paulo, UNESP, 1992 e COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude, nem favor. Estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro, Rocco, 1999.

¹⁸² Relações que por mais que tenham vínculos de obrigatoriedade e exclusividade afetiva ou sexual, ainda assim, mantêm envolvimento extraconjugal, mas sem o parceiro tomar conhecimento. Informações verificadas no campo.

Retratos de infidelidades

Escolhi as narrativas de três informantes para demonstrar o jogo que se estabelece quando se pratica ou se pensa na possibilidade de não ser fiel.

“... é puramente desejo físico, tesão, nada mais além disso...”¹⁸³

Há nove anos, Janete namora com o homem que foi seu primeiro namorado. Ele trabalha como vendedor de uma multinacional, ambos se vêem todos os dias da semana, pois quando ele retorna do trabalho vai visitá-la, ficando, quase todos os dias da semana, para dormir no apartamento da namorada, onde ele também colabora no orçamento doméstico. Ela diz que a relação parece estar adormecida, e sem descobertas.

“... sintomas de paixão, no meu relacionamento com ele não tem mais, não há como voltar isso... essa paixão, essa coisa de querer ver, as vezes eu sinto isso quando a gente briga, quando a gente briga feio mesmo, que ele fica pra lá e eu fico pra cá...”

O que se percebe na fala de Janete é que a falta de paixão, significa ausência de emoções fortes, como o coração disparar quando o telefone toca, contar os dias para ver o namorado. Para Freud (1969), os impulsos da paixão nascem da intensidade do desejo, e essa emoção pode provocar deliciosas e inesperadas sensações.¹⁸⁴ Mas, como dizia Nelson Rodrigues, “... paixão que não acaba, não é paixão...”¹⁸⁵ Em tese, a paixão seria o primeiro estágio do sentimento de amor, logo sintomas de paixão constituem um estado e amar é um ato.¹⁸⁶ O cotidiano pode matar a paixão, portanto, depende do casal, pelo menos em parte, manter e prolongar os sintomas de euforia, de taquicardia que esse estado proporciona.

A perda do alto nível de paixão e desejo que existe no início do relacionamento afetivo pode resultar em tédio ou evoluir para um sentimento de apatia em

¹⁸³ Trecho extraído do depoimento de Janete. Entrevista realizada em 16/09/2004.

¹⁸⁴ Cf. FREUD, Sigmund. *Além do princípio de prazer*. Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda, 1969.

¹⁸⁵ Cf. RODRIGUES, 1997, p. 126.

¹⁸⁶ O livro de Comte-Sponville tem objetivo de analisar as virtudes. Entre as quais, o autor aborda, estão o amor e a fidelidade, discutindo o que são, o que deveriam ser e o que as torna necessárias para a sociedade. Sobre o assunto, consultar: COMTE-SPONVILLE, André. *Pequeno tratado das grandes virtudes*. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

relação ao parceiro. Esta perda aliada a outros fatores como problemas financeiros, mudança de emprego, podem levar ao desejo de redescobrir essa paixão no início de um novo relacionamento. Evitando que seu relacionamento afetivo caia na monotonia Janete algumas vezes investe em encontros casuais, movidos por atração física e desejos individuais, construindo a partir daí o tipo de relacionamento chamado de “ficar”.

“... ‘ficar’, por exemplo, a gente se conhece em uma festa e se beija, se abraça, mas sem sexo. Eu acredito que já ‘fiquei’ umas três vezes, mas só ‘ficar’, nunca transei com nenhum deles... é só desejo físico, às vezes tu olha uma pessoa e pensa ‘pô esse cara é bonito e tal e fica’... é uma pessoa que tu conheces a noite, sai pra uma festa, vocês flertam, ele chega junto pergunta se tá sozinha e aí ‘vamo ficar’, beija, abraça, umas carícias a mais, mas é puramente físico...”

No estudo pioneiro de Chaves (1995), a autora define esse tipo de envolvimento de “ficar com”, que se institui pela falta de compromisso, busca do prazer, ética do desejo, produz distanciamento das normas de compromisso.¹⁸⁷ Chaves sentencia que esse tipo de envolvimento tem tendência de crescer em uma sociedade urbana contemporânea, ilustrada pelo individualismo e pelo igualitarismo. Mas, ao mesmo tempo aponta para valores contraditórios existentes na sociedade brasileira, onde o tradicional, o hierárquico, e o moderno se chocam. Os princípios que constituem o “ficar com” proposto pela autora modelam a atitude do sujeito “ficante” como *blasé*. Segundo Simmel a atitude *blasé* é o comportamento contido em si, indiferente aos dramas pessoais e coletivos, sua ação é baseada no cálculo entre vantagens e desvantagens, nos prós e contras. Isto traduz relações puramente formais, limitadas, funcionais.¹⁸⁸

Deve haver muitas razões para a infidelidade, entre elas insatisfação e vazio emocional. Portanto, a busca por outras pessoas, mesmo sem envolvimento mais profundo, pode assumir o sentido de complementaridade. Como é verificado no depoimento abaixo, que ilustra a insatisfação da informante com o namorado.

¹⁸⁷ Em seu livro, a autora aborda as condições que propiciaram o surgimento do “ficar com” no Brasil, e como se configura esse código de relacionamento em jovens das classes médias e médias altas de grandes centros urbanos. Sobre o assunto, consultar: CHAVES, Jaqueline. Ficar com: um novo código entre jovens. Rio de Janeiro, Revan, 1997 e MESSEDER, Suely Aldir. “Namorei não, peguei: o pegar como uma forma de relacionamento amoroso-sexual entre jovens” IN *XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais*. Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil de 4 a 8 de novembro de 2002.

¹⁸⁸ Cf. SIMMEL, Georg. “A metrópole e a vida mental” IN VELHO, Otávio G. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.

“... se eu pudesse juntar, por exemplo, juntar o papo que aquele cara tinha, a cabeça dele com o jeito de levar a vida dessa outra pessoa [o namorado]... Às vezes a gente gosta muito de uma pessoa porque ela é inteligente, porque ela gosta dos mesmos livros que tu lestes, ela gosta das mesmas coisas que tu gostas... Por exemplo no meu caso ele não gosta de beber [namorado], não gosta de sair, quer ficar mais em casa, é introspectivo, então é difícil...”

Na realidade, parece que essa busca, além de ser induzida pelo desejo, também é motivada pelo aspecto emocional e intelectual, e não por motivos sexuais. Portanto, parece que, aqui, o atrativo da relação extraconjugal, não está direcionado para novas experiências sexuais, e sim para a falta do preenchimento de outros sentimentos. Como o casal não desfruta das mesmas preferências, na maioria das vezes Janete procura em salas de bate-papo conhecer alguém que corresponda a suas expectativas para manter um bom diálogo.

“... eu faço muito isso de bater papo, e converso, fico trocando mensagem, mas eu não acho que isso seja uma infidelidade, eu busco principalmente em sala de bate papo é conhecer homens que tenha um papo legal, e nesse caso assim eu busco isso muito fora, porque o Márcio não gosta de ler, não gosta das mesmas musicas que eu, não tem o mesmo nível de conversa que o meu... mas se ele fizesse isso e eu descobrisse, eu ficar com ódio, querendo matar. Eu ia achar que seria uma traição...”

Janete talvez busque em seu relacionamento elementos e qualidades como companheirismo, diálogos “cabeça”, amor e fidelidade, citando alguns exemplos, que obviamente parecem ser impossível de encontrar em uma única pessoa, embora o ser humano goste de delirar sobre a pessoa que escolheu.

A vida acontece na web, o fenômeno está provocando uma verdadeira revolução no modo como as pessoas se relacionam.¹⁸⁹ As salas de bate-papo na internet são

¹⁸⁹ Existem sites de relacionamento, nos quais é necessário fazer cadastro, descrevendo perfil pessoal e profissional desde idade, preferência sexual, gostos, hobby, esporte até a profissão que exerce, cargo, endereço, dentre outras coisas. Pode-se ainda montar um álbum de fotos pessoais, mandar recados, e-mails, postar comentários, depoimento sobre as pessoas. O objetivo é claro, com tantas informações pessoais é fácil relacionar-se com pessoas com o mesmo gosto. Mas a maioria dos sites de relacionamento precisam de convite para entrar, como é o caso do ORKUT. Os sites de relacionamento não servem apenas para arranjar namorado, encontrar velhos amigos ou fazer novas amizades, mas também para busca de emprego. Muitas empresas vêm adotando a norma de consultar o Orkut para vasculhar a vida pessoal dos aspirantes a empregos. Com esse procedimento, traçam um perfil mais preciso do candidato Sobre o assunto, consultar: <http://www.orkut.com> Acessado em 10/11/2005.

consideradas formas comuns de infidelidade, pois as pessoas estão ao alcance das mãos, e são cada vez mais motivos de estudos e de rompimentos amorosos. Através delas é possível conhecer muitas pessoas, algumas nunca passam do virtual, outros chegam a virar companheiros.¹⁹⁰ Janete não considera que seja um comportamento infiel, pois não há contato físico e, portanto, acha uma conduta inofensiva. De acordo com Bem-Ze'ev (2004) as relações virtuais desenvolvidas na internet, são conduzidas por pessoas de carne e osso, e embora envolvam o imaginário, as relações não são imaginárias. A internet facilita as relações, o vínculo se estabelece antes e, posteriormente, permite passar do sigilo virtual à realidade.

Entre os usuários das salas de bate-papo há um comportamento muito comum: o namoro, a cantada, a sedução e a curiosidade de saber quem está do outro lado da rede. É uma conduta associada ao comportamento de alguns usuários que acessam o *chat*¹⁹¹ com a intenção de estabelecer encontros amorosos. Mas Janete alega apenas procurar por um bom diálogo e não vê esse comportamento virtual como infiel, mas é contraditória em seu depoimento, quando não admite imaginar que seu namorado possa ser um usuário da rede, o que denota sua preocupação com a infidelidade do parceiro.¹⁹² Portanto, o que se vê é que a traição machuca do mesmo jeito, não é apenas o contato físico, mas a intimidade emocional, o sentimento de cumplicidade e desejos.

¹⁹⁰ Cf. "Salas de bate-papo na internet são forma comum de infidelidade" IN Folha On line <http://www1.folha.uol.com.br> Acessado em 20/05/2005; "O amor está na rede" IN Revista Galileu. São Paulo, Globo, nº 158, set/2004; DORNELLES, Jonatas. "Amigos virtuais: estudo antropológico sobre sociabilidade na Internet" IN <http://www.megabaitche.hpg.ig.com.br/amigosvirtuais> Acessado em 08/11/2005; BEN-ZE'EV, Aaron. *Amor Em linha: Emoções na Internet*. Cambridge, Cambridge Universidade Pressione, 2004.

¹⁹¹ *Chat* significa "conversa" em inglês. É o nome popular que foi dado para o encontro virtual onde pessoas podem se encontrar e conversar em tempo real através de mensagens escritas, tanto participando de discussões grupais, como conversando em particular com amigos e familiares. Sobre o assunto, consultar: "Aprenda internet sozinho" IN <http://www.aisa.com.br> Acessado em 10/11/2005.

¹⁹² Na era da tecnologia eletrônica, os serviços de bate-papo pelo computador, como e-mail, Messenger e Orkut, são novas portas para a infidelidade, é a "e-infidelidade". Além da existência do sexo virtual, existe a praticidade de conhecer alguém pela rede, marcar um encontro e trair. Começa com a troca de mensagens eletrônicas, o envolvimento cresce, estabelece-se um vínculo íntimo. Tem todos os ingredientes de um caso extraconjugal, mas, na algumas vezes, o contato físico pode nem ocorrer. Usa-se até um termo do vocabulário eletrônico, teclar, para descrever o contato. O acesso instantâneo a informações e contatos praticamente sem limites traz à tona uma torrente de desejos. Sobre o assunto, consultar: PINHEIRO, Daniela. "Trair e teclar, é só começar" IN *Revista Veja*. São Paulo, Editora Abril, nº 1940, 25/01/2006, pp. 73-86.

Mas, como todos os relacionamentos não estão isentos de conflitos, a relação afetiva e sexual de Janete teve cicatrizes, causadas pela descoberta da infidelidade do parceiro, que não veio da internet e sim pelo telefone celular.¹⁹³

“... ela mandava mensagem pro celular dele, e eu sou super xereta, eu mexo mesmo, celular, agenda, telefone, laptop... e ela mandava mensagens do tipo ‘ah, adorei nosso encontro...’ aí eu disse ‘amor o que significa isso?’ aí tu já viu né, homem é incrível, as desculpas são as mais esfarrapadas, e a gente acaba acreditando, ele disse ‘amor, essa menina está apaixonada por mim, eu não sei como ela conseguiu meu telefone, eu não nem sei quem ela é, nunca ouvi falar’, e ela ficava passando mensagens, ela descobriu o número do meu celular e mandava mensagens pra mim dizendo que ela estava com ele, que ela queria que eu deixasse ele, que ele não gostava mais de mim, e eu chegava pra ele e dizia ‘o que significa isso?’ e ele ficava me enganando, me enganando, até que teve um dia que ela ligou pro meu telefone e falou que eles estavam ficando... e quando eu cheguei prá conversar com ele a gente se deixou, ele falou que não dava mais certo...”¹⁹⁴

Via celular Janete descobriu uma página amarga de sua vida afetiva. O minúsculo aparelho capaz de alcançar as pessoas em qualquer lugar e horário, dependendo da rede, reservou surpresas desagradáveis para a informante, foi a perna curta da mentira, um verdadeiro denunciador dos rastros de um amor proibido.¹⁹⁵ Nas mensagens pareciam haver troca de confidências, cumplicidade e intensidade que há tempos ela e o namorado não tinham. Então namoro de nove anos sofreu impacto.

Para Janete era difícil imaginar que uma pessoa que conviveu com ela durante anos de repente alegava “que não dava mais certo”. Quando a informante diz que seu relacionamento estava adormecido, a mesma não se perguntou se para o parceiro também havia esse descontentamento, o fato dele ter se interessado por outra pessoa não significa desamor, sua motivação pode ter sido outra.

As justificativas para legitimar a infidelidade,

¹⁹³ Segundo Goldin (2004), apesar da internet e os meios de telecomunicações terem criado uma nova forma de ser infiel, não são as ferramentas que destroem os relacionamentos, podem potencializar o dano, mas o desejo está na cabeça do ser humano. Sobre o assunto, consultar: GOLDIN, Alberto *Histórias de Amor e Sexo*. São Paulo, Objetiva, 2004.

¹⁹⁴ Entrevista realizada em 16/09/2004.

¹⁹⁵ Cf. COSTA, Josué. “Celular, um aliado contra infidelidade” IN *Caderno Atualidades, O Liberal*. Belém, nº 30876, 2004.

“... ele falou prá mim que estava enjoado do nosso relacionamento, como sempre... os homens ainda têm a petulância de colocar a culpa nas mulheres, disse que era porque eu estava muito enjoada, que ele queria mais carinho e eu não dava, aquele papo ruim que tu não me deu dentro de casa e eu fui procurar fora, foi essa a reação dele... acho que foi falta de caráter mesmo... Não, não fui deficiente não, porque um namoro de oito anos... não tem como tu chegar e dizer ‘ah porque de repente eu mudei contigo’, não, oito anos são oito, os dois são as mesmas pessoas, vocês vivem as mesmas coisas...”¹⁹⁶

A justificativa usada pelo parceiro, da informante, indica que a infidelidade ocorre em momento de crise no relacionamento. Em tal argumento percebe-se que ele não se sente o agente dessa extraconjugalidade, colocando a responsabilidade do ato em outros fatores que não seus próprios desejos. A responsabilidade pela vontade de ser infiel é atribuída a carências na relação. Culpam-se as mulheres, e ambos tentam isentar-se dessa responsabilidade, não se assumindo como sujeitos da infidelidade.

Janete, ouviu a confissão do namorado, que descreveu:

“... me contou detalhes, que levou ela pro motel, disse que se apaixonou por ela, e foi horrível, porque na verdade eu senti a dor da traição em parcelas e foi mais forte por ele ter falado que se apaixonou por ela, que ele pensou seriamente em me deixar, mas ele reavaliou todo nosso relacionamento e resolveu ficar comigo, mas foi muito ruim, se ele chegasse e dissesse ‘não eu saí com ela, a gente transou, e foi legal’, mas não, porque pra mulher é uma coisa, para os homens vêem logo aquela coisa da moral ‘não é minha mulher nunca foi pra cama com outra pessoa, e pra mulher o que vale mais é o sentimento, ter o sentimento por uma outra pessoa que não seja o namorado, então foi muito ruim mesmo...”¹⁹⁷

O depoimento acima mostra que sexo e envolvimento afetivo tem pesos diferentes. O mais doloroso para Janete foi o envolvimento emocional do namorado. Para ela o fantasma de imaginar o parceiro fazendo carinho, cuidando de outra mulher é a constatação que foi substituída por outra. Para os homens torna-se mais grave quando há envolvimento sexual, surgindo o fantasma da comparação.¹⁹⁸

Saber a verdade, tomar conhecimento da traição é amedrontador. Muitas vezes as pessoas preferem não tomar conhecimento. Como é verificado no depoimento de Janete,

¹⁹⁶ Entrevista realizada em 16/09/2004.

¹⁹⁷ Entrevista realizada em 16/09/2004.

¹⁹⁸ Cf. PARKER, Richard. *Corpos, Prazeres e Paixões. A cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo, Nova Cultural, 1991.

“... eu acho que a dor da verdade é pior, mas não por não querer ter sabido a verdade, mas ela é muito ruim, muito ruim mesmo, ainda mais eu que ouvi da boca dele né, é horrível, é uma sensação que parece que alguém está tirando algum órgão teu e sem nenhuma anestesia, me senti horrível, eu fiquei mal, mal de verdade mesmo...”¹⁹⁹

A dor de dividir é um golpe na auto-estima e a falta de confiança no parceiro pode abalar as bases de uma relação. A ruptura da exclusividade e da cumplicidade envolve rejeição e competição, a terceira pessoa, algumas vezes, pode sair ganhando. Saber que foi enganado é quase sempre uma experiência dolorosa e até mesmo humilhante, já que se põe em jogo valores fundamentais da convivência a dois, confiança, respeito e sinceridade.

Consequências da infidelidade,

“... confiança eu dividir assim em departamentos, tenho confiança que ele está falando alguma coisa em relação ao que aconteceu por exemplo ‘olha amor acredita em mim’ essa confiança ainda existe, mas isso de dizer ‘olha amor eu estou aqui em tal lugar, com tal pessoa, assim e assado, vou chegar tal hora, eu não acredito...”²⁰⁰

Tentar compreender os sentimentos do parceiro, suportar o sofrimento e tentar dar a volta por cima foi uma atitude dolorosa. Ainda está em processo a qualidade do relacionamento, ou seja, é preciso um pouco mais de tempo para administrar os conflitos com o namorado, e quem sabe, reconquistar a confiança perdida.

Sintomas de que está sendo enganada,

“... porque mulher quando esta traindo é um amor, é uma flor, Deus o livre... toda mulher quando está sendo traída, a mulher sabe tudo, claro que sabe, era uma pessoa que convive contigo há oito anos, que fica todo estranho de uma hora pra outra, vocês vão transar, ele não quer transar, às vezes eu fico só esperando o dia que ele vai me trair de novo prá eu tomar todas as atitudes que eu gostaria de ter tomado...”²⁰¹

Janete atribuí à mudança de comportamento do namorado como um sintoma para desconfiar que algo estava indo errado na relação. Por certo, a mudança nem sempre é

¹⁹⁹ Entrevista realizada em 16/09/2004.

²⁰⁰ Entrevista realizada em 16/09/2004.

²⁰¹ Entrevista realizada em 16/09/2004.

sintoma de infidelidade, mas mostra que alguma coisa não está indo bem e, um dos dois, pode tornar-se infiel. O trecho traz nas entrelinhas, que as mulheres são mais cautelosas, pois os

homens costumam não ter maiores cuidados com as relações secretas. De acordo com pesquisa realizada por uma revista jornalística, de circulação nacional, a mulher parece ter mais cuidado em disfarçar, se falam que vão fazer compras, por exemplo, se preocupam em voltar com um ‘pacotinho’ pelo menos. Enquanto que os homens parecem ser mais distraídos.²⁰²

A informante queixa-se do comportamento infiel do namorado, mas admite tê-lo saído com outras pessoas, justificando-se ao dizer “não misturo as coisas”, deixa claro que o que a fez sair com outros homens é um desejo puramente físico, “tesão”, sem envolvimento mais profundo.

“... já fiquei com outras pessoas, e não bate nem remorso, sabe, não sinto remorso, eu gosto dele [do namorado]. Uma vez eu viajei para uma praia e fiquei com uma figura pra lá, quando eu voltei, meu namorado tava todo carinhoso ‘morrendo de saudades’, eu imaginei que quando eu voltasse, eu ia ficar assim... me sentindo um monstro, mas eu me senti normal, era como se eu pudesse... era como se ele [namorado] fosse uma coisa, e eu ter ficado com outra pessoa era completamente outro departamento. Eu conheci essa figura [outro] numa festa, ficamos, nos beijamos, nos abraçamos, mas não teve sexo, e foi só nesse dia, nunca transei com outro, só fiquei. Minha consciência nem dói, não misturo as coisas. Às vezes quando você encontra outra pessoa é puramente desejo físico, é tesão, nada mais, além disso...”²⁰³

Segundo Bueno Trigo (1989)²⁰⁴ o modelo de família patriarcal era centrado na relação conjugal, com raízes profundas no passado colonial. No qual a mulher era educada para o casamento, desde a infância e foi ensinada que deveria ter relacionamento, apenas com uma pessoa, seja namorado ou marido, não podiam afastar-se dessa conduta porque as conseqüências seriam drásticas. Isso fez com que se sentisse culpada ao perceber o desejo por outro homem. Janete deixa claro o sentimento de ausência de culpa por sair com outra pessoa, fora do vínculo afetivo, pois sua representação de infidelidade está associada a envolvimento sexual e emocional, o que pode deixar a situação “confusa”.

²⁰² Cf. PADILHA, Ivan. “A nau dos infiéis” IN *Revista Isto É*. nº São Paulo, Editora Três, 26 agos/1998, pp. 55-60.

²⁰³ Entrevista realizada em 16/09/2004.

²⁰⁴ Cf. BUENO TRIGO, Maria Helena. “Amor e Casamento no século XX” IN D’INCAO, Maria Ângela (Org.). *Amor e Família no Brasil*. São Paulo, Contexto, 1989, pp. 88-94.

Embora a informante condene a postura do parceiro, a mesma não se vê como infiel. A expressão popular que diz: ‘se o homem trai, a mulher também pode, e, se a mulher não trai, o homem não pode’, não é seguido no relacionamento de Janete. Ela não considera infidelidade seus envolvimento extraconjugais, pois sua busca é precedida pela falta de conversa, lazer, atenção e cumplicidade. Mas ao mesmo tempo demonstra que seu interesse pode ser movido pelo desejo físico, atração, mesmo sem sexo. Seu discurso deixa frestas para analisar que os prazeres ocasionais podem auxiliar, ajudando a informante a elaborar um mundo particular saudável que ajuda na manutenção do relacionamento estável. Muitas pessoas desenvolvem a individualidade por debaixo do pano, e a infidelidade é um dos frutos, por mais que os envolvidos na trama não admitam. Dessa forma, é possível viver num universo paralelo. para tornar harmônica a relação.

“... tem que inovar, não pode cair na rotina...”²⁰⁵

Cibeli, branca, de 25 anos, estatura mediana, com formação escolar de nível médio, trabalha como auxiliar administrativo de uma instituição estadual, casada há quatro anos com um contador, com uma filha pequena. Apesar de casada, ainda mora na casa dos pais. Sua família é Testemunha de Jeová, a qual a informante diz que vai esporadicamente.

Meu contato com a informante aconteceu recentemente, seu depoimento foi o último a ser coletado, praticamente já tinha encerrado a pesquisa de campo, mas pela sua história, não poderia desprezá-lo. Nossa aproximação aconteceu graças à amiga em comum, que ao comentar sobre a pesquisa com a informante deixou-a curiosa e inquieta, fato que a levou a oferecer-me um depoimento.

Apesar de casada há pouco tempo, Cibeli me diz que não pretendia se casar “tão cedo, nem com ele e nem com ninguém”, diz que não está arrependida, mas queria ficar apenas “namorando”. Afirma gostar muito do cônjuge, mas não pretendia tê-lo como marido, seu casamento foi decorrente de uma gravidez não planejada.

²⁰⁵ Trecho extraído do depoimento de Cibeli. Entrevista realizada em 30/11/2005.

“... eu queria apenas namorar, namorar, namorar, apesar da afinidade que tenho com ele, eu não queria casar, eu queria que ele fosse depois ver a criança, mas eu na minha casa e ele na casa dele, não queria a responsabilidade de um casamento...”

Como a informante ficou grávida, o enlace foi inevitável, pois a família de ambos não viam com bons olhos aquela situação de “mãe solteira” e pressionaram para que a união fosse oficializada. Encontramos um pouco desse contexto nos estudos de Thales de Azevedo (1986), o qual traça o histórico de muitas das uniões no Brasil, no final do século XIX e começo do século XX. Os arranjos feitos entre as famílias estabeleciam relações econômica, social, e estas se uniam pelo casamento de seus filhos. As uniões eram realizadas, principalmente, com o objetivo de perpetuação das obrigações morais e tradições familiares. As relações amorosas praticamente não eram levadas em consideração. O período de namoro e noivado era muito curto e os noivos não tinham, muitas vezes, antes do casamento, nenhum contato físico; podiam se casar sem nem mesmo se conhecerem e o sentimento amoroso de uma das partes, ou ambas, podia ocorrer ou não após o casamento, sendo este considerado indissolúvel.²⁰⁶

Esta forma de constituição da família foi se modificando paulatinamente e, em um primeiro momento, pode-se acreditar que o amor romântico se constituiu um aspecto forte o bastante para sedimentar esta nova transformação da constituição familiar.²⁰⁷ Com o consentimento individual no estabelecimento das relações as uniões passaram a considerar os valores afetivos. A escolha do parceiro, agora, pautada pela simpatia, atração física e correspondência afetiva. Mas, esses valores estão subordinados a regras sociais.

As formas de escolha do parceiro, nos relacionamentos e uniões, fizeram com que estas deixassem de ser, apenas, centradas em motivos financeiros e de posição social, antes, almejados pelos pais, responsáveis pelas atribulações e arranjos matrimoniais dos filhos. Hoje, emoções e possibilidades de escolha são mais amplas, mas ainda observam regras sociais.

²⁰⁶ Azevedo, em sua obra *As regras do namoro à antiga*, analisa o perfil do comportamento de determinados grupos sociais, principalmente a elite brasileira do início do século XX, quanto às regras que deviam ser seguidas para realizar a união de seus filhos segundo interesses econômicos, religiosos, morais e políticos da época. Sobre o assunto, consultar: AZEVEDO, Thales de. *As regras do namoro à Antiga*. São Paulo, Ática, 1986.

²⁰⁷ O amor romântico é responsável pelas mudanças nas relações amorosas, mas há outros elementos que também a propiciaram-na, como a Revolução Industrial, migração de famílias da zona rural para a vida urbana, o ingresso da mulher no mercado de trabalho e maior escolarização, o domínio do uso das formas de anticoncepção, tecnologia, o consumo moderno, fácil transito entre cidades, a modernização das formas de comunicação, dentre outras. Sobre o assunto, consultar: GIDDENS, 1992 e COSTA, 1999.

O período de namoro de Cibeli foi de um ano, com a gravidez inesperada, a fase posterior ao namoro, o noivado, foi deixada de lado. Ambos já tinham iniciado contatos sexuais durante o namoro, mas os pais da informante desconheciam ou fingiam desconhecer.²⁰⁸ Quando soube que estava grávida, Cibeli optou pelo casamento, com todas cerimônias que o ritual requer. Apesar de não ter idealizado o enlace, a interlocutora diz que não teve receio de fazer a opção, pois “o bom filho é um bom marido”, ou seja, “se ele [marido] trata a mãe bem, ele vai me tratar bem, também, ele foi escolhido a dedo”.

Percebe-se que Cibeli ao escolher o marido, usou o fundamento do “bom partido”, influenciado por requisitos pessoais. Portanto, as regras que estabeleceram novos parâmetros, não centrados nas escolhas dos padrões patriarcais, estão em prática. Não obstante, mesmo que namoros, uniões e casamentos atendam as escolhas individuais feitas segundo valores afetivos, que recaíram sobre o grupo a que pertencia o indivíduo, algumas regras tradicionais e preliminares ao namoro persistem, mesmo não obedecidas totalmente, como no caso da informante, manter em segredo a sexualidade do casal, antes do casamento.

Depois do casamento, muita coisa mudou, como diz Cibeli,

“... no namoro a gente não dormia junto todo dia, e agora também tem as obrigações sexuais, às vezes eu não estou afim e já faço porque ele está afim, hoje eu já não posso sair com tanta frequência com os amigos, mas ele não pega no meu pé, mas eu sei que não posso ficar saindo assim né?, Eu tenho que seguir a conduta, senão as pessoas vão falar...”

Cibeli tem consciência que depois do casamento a vida modificou. A sedução, o mistério da descoberta de um e outro, como na fase inicial do namoro, parece ter ficado para trás, o convívio diário recheado pelos deveres domésticos e obrigações do casal, algumas vezes, impedir que ambos invistam no relacionamento, deixando-o cair na monotonia. O lazer, as saídas para festas, que antes eram compartilhados com amigos, agora é algo raro de acontecer, pois mesmo que haja confiança recíproca entre o casal, a sociedade

²⁰⁸ No período colonial a virgindade feminina era considerada uma virtude, um fator de alta importância, e como tal, era guardada pelo patriarca e por outros membros da família. Nos dias atuais, para algumas famílias conservadoras, a virgindade ainda é valorizada. Ainda há o estigma social em torno dessa questão, demonstrando a persistência de preconceitos, mas é possível afirmar que o modelo patriarcal está se modificando, há uma nova realidade social, igualitária e progressista. Sobre o assunto, consultar: MACHADO, Odila de Melo. *Mulher: Códigos Legais e Códigos Sociais: o papel dos direitos e os direitos de papel*. Concurso de Monografias Jurídicas, OAB, 2001.

não vê com bons olhos a mulher casada saindo com pessoa que não seja seu cônjuge. De acordo com Amaral (1999) o casamento é uma instituição que possui um conjunto de leis, normas, valores, regras e lógicas que orientam o comportamento das pessoas na sociedade.²⁰⁹

Segundo Garcia (2004) o casamento em tese é fascinante, orientado por princípios de durabilidade e fidelidade. A lógica do relacionamento afetivo e sexual, induz as pessoas a pensarem-se como felizes ou infelizes.²¹⁰ Face ao cenário, as ansiedades resultantes de um cotidiano marcado por mudanças e limitações, passaram a constituir-se em um problema para Cibeli que buscou alívio afetivo junto à outra pessoa, que não o cônjuge.

“... já me interessei por outra pessoa, mas foi só beijo na boca, nada mais, porque eu não quis, isso não é minha praia, foi uma fase em que ele [marido] estava muito afastado de mim, preocupado com o trabalho, mas depois eu vi que era uma besteira, e me senti culpada, culpada por que a sociedade condena esse tipo de envolvimento, e depois ele não merecia, e eu ia magoar a minha família e a família dele, naquele momento foi bom porque fez bem ao meu ego, deu uma levantada, me senti assim desejada ainda...”

Cibeli afirma que foi infiel, devido a indiferença do cônjuge, o envolvimento extraconjugal trouxe à tona o romance, a adrenalina, os desejos e as emoções que não mais faziam parte da vida casada. Por ter sido uma experiência boa, o envolvimento era socialmente arriscado, e o sentimento de culpa não se fez esperar, pois o relacionamento conjugal requer a responsabilidade pessoal e social para com a família. Compromissos e obrigações familiares são baseados na confiança ativa e no reconhecimento de responsabilidade para com os demais integrantes do círculo familiar.

Com o surgimento de uma terceira pessoa, o casamento estabilizou. No depoimento de Cibeli percebe-se que o envolvimento extraconjugal não foi solução para as dificuldades cotidianas diárias, baseou-se em necessidades emocionais que não estavam sendo encontradas na conjugalidade. Segundo a informante, a infidelidade foi um caminho, uma fase de sua vida, que a fez refletir sobre o grau de expectativa que estava colocando no parceiro para se sentir plena. Apesar de admitir que, o casamento traz mudanças para o casal,

²⁰⁹ Cf. AMARAL, Telma. *E o casamento como vai?* Dissertação de Mestrado em Antropologia. Belém, DEAN/UFPA, 1999. (mimeo)

²¹⁰ A autora investiga em sua obra relações conjugais, abordando aspectos ou momentos específicos da vida dos casais, explorando as estratégias adotadas para manter o casamento. Sobre o assunto, consultar: GARCIA, Maria Lúcia Teixeira. *Problemas no Casamento: a presença utópica do amor romântico*. São Paulo, EDUSP, 2004.

estas nem sempre são boas, como o fim do “tesão”,²¹¹ a informante parece constatar que o fato de ter tido um caso fora do casamento, não é o caminho ideal.

“... depois que casa e tem filho, principalmente, o sexo muda, e se não tiver jogo de cintura, o casamento vai pro brejo. Quando a gente namora, transa com uma certa frequência, com uma certa intensidade, duas, três vezes numa noite, e depois que tu casas e tem filho, tu já vai ter que esperar o filho dormir, chega do trabalho cansada, tem filho pra dar banho, pra dar mingau, o filho não quer dormir cedo, e aí chega o outro dia e acorda cedo de novo, e aí o tempo vai passando e a relação vai esfriando que tu nem percebe e quando tu vê já passou uma semana sem fazer sexo, e antes tu fazia todos os dias, não tinha hora, não tinha ninguém para atrapalhar. A maior das verdades é que o casamento acaba com o tesão, e é por isso que tem muita gente que é infiel, eu não tenho necessidade nenhuma de trair ele, ele me dá de tudo, financeiramente, materialmente e emocional também...”

Como dizia Nelson Rodrigues “o marido traído não deve ser o último a saber, ele não deve saber nunca” (1997:10), até porque, no caso de Cibeli, ele é o provedor e os riscos não valem a pena. Portanto, apesar do marido de Cibeli desconhecer a infidelidade da esposa, depois da experiência extraconjugal dela, o casamento mudou, e como ela diz “mudou prá melhor”. O casamento traz a idéia de construção, que requer trabalho de cada um para sua manutenção. Então, passou a refletir melhor, sobre os cansaços, a falta de tempo, as dívidas, e achar soluções para esses desgastes. Hoje a harmonia do casal é fruto de longas conversas e de estratégias para apimentar a relação.

“... a gente conversa muito, tem muito diálogo, quando a gente vê que está caindo na rotina a gente pensa logo em fazer alguma coisa diferente, vai pro samba... você tem que inovar, não pode cair na rotina, a gente vai pra praia deserta, vai pro motel, tem que topar tudo, assistir junto filme pornô, realizar as fantasias de um e outro, como ter uma relação a três, ele comigo e mais uma mulher, ou, eu com ele, e outro homem, tem que se preocupar com as necessidades de um e de outro...”

A produção das fantasias sexuais pelo casal funciona como uma forma de sustentar a estabilidade da união. Entretanto, ao mencionar essas fantasias, fiquei imaginando o quão contraditório é o depoimento da informante. Então, perguntei se isso não seria um tipo de infidelidade, pois mesmo tendo o consentimento do marido, ainda assim, há um compartilhamento da parceira ou do parceiro com outras pessoas. Tal indagação me

²¹¹ Recentemente Lins afirmou que o casamento fechado, regido pela exclusividade, é uma tragédia, pois o casamento é o “lugar onde menos” se faz sexo, e portanto, a infidelidade, a troca de casais, o sexo a três estão se tornando envolvimento corriqueiros, despontando como uma mudança de comportamento. Sobre o assunto, consultar: LOBATO, Eliane. “O casamento acaba com o tesão” Entrevista com Regina Navarro Lins IN *Revista Isto é*. São Paulo, Editora Três, nº 1883, 16/11/2005, pp. 7-11.

perturbou, pois Cibeli pensativa respondeu “... é verdade, eu não tinha me dado conta disso...”. Depois da resposta e de minha perplexidade, pensei “pronto, acabei com o casamento”. Mas, depois analisando a história, refleti sobre a ausência de certeza sobre o que é ou não infidelidade? E descobri que pode ser uma forma de justificar conduta que se considera errada, ou a tentativa de classificar comportamentos que os informantes não aceitam.

De acordo com Bozon (2004) as fantasias sexuais de mulheres e homens denotam que ambos sonham, nas mesmas proporções, com parceiros e parceiras de fantasia com uma sexualidade transbordante ou, inversamente, de comportamento carinhoso e romântico. As investigações do autor, na França dos anos 90, mostra que esse tipo de fantasia corresponde a um fenômeno superficialmente ligado ao não-conformismo sexual dos casais, que se encontrariam para realizar experiências “libertinas”.²¹²

A sociedade estabelece exigência e regras induzindo obrigações aos indivíduos a fim que se preocupem com a coerência de seus comportamentos sexuais. Portanto, cabe aos próprios sujeitos estabelecer o significado de sua conduta sexual e resolver as contradições do pensar e do fazer na sexualidade contemporânea.

“... eu buscava ter fora o que não tinha em casa, carinho, atenção...”²¹³

Eduardo, está divorciado há cinco anos, desde então, reside sozinho,²¹⁴ durante dois anos, após a separação da “ex-esposa” teve somente relacionamentos passageiros, não assumiu nenhum compromisso que tivesse raízes profundas. Atualmente tem um relacionamento fixo há três anos com uma mulher de 36 anos. Quando o assunto é casamento, o informante é taxativo “... não caso mais, estou muito bem assim, namorando, e todos os dias a nossa conquista é diferente, e olha que agora eu sou direito”.

²¹² Cf. BOZON, Michel. *Sociologia da Sexualidade*. Rio de Janeiro, FGV, 2004.

²¹³ Trecho extraído do depoimento de Eduardo. Entrevista realizada em 08/05/2005.

²¹⁴ Viver sozinho na idade adulta, após ter saído de um casamento, pode corresponder a modos diferenciados de organização da vida afetiva e sentimental. Sobre o assunto, consultar: BOZON, 2004.

As pessoas são resultados de suas experiências. Portanto, percebe-se que o momento atual, de namoro, aparece delineado como uma oportunidade de conviver melhor, expressando a imagem desejada de convivência do casal feliz. Eduardo assume em seu depoimento que fidelidade era algo que não existia no seu casamento, e busca argumentações para justificar o comportamento infiel.

“... eu buscava ter fora o que não tinha em casa, carinho, atenção, alguém que me tratasse bem, então se era para viver de aparências, eu vivi o casal perfeito, mas era no fundo um inferno, pra mim casamento eu não acredito muito não...”

No casamento há uma troca simbólica,²¹⁵ troca-se o simbolismo de variedade por qualidade. Diante do “fracasso” do casamento, Eduardo decidiu investir na infidelidade. O casamento, que já durava dois anos, sobreviveu por mais 15 anos. E durante esse tempo, ele teve incontáveis casos “... alguns não passaram de aventura, mas a maioria eu namorava mesmo, e ela de uma forma ou de outra, sempre sabia” conta. O interlocutor teve uma formação rígida, seus pais continuam casados até hoje, esse cenário de estabilidade o fez e idealizar o casamento, e achava que ter uma aventura extraconjugal era errado.²¹⁶ Mas a realidade do convívio a dois desconstruiu o ideal desejado.

A causa da infidelidade no vínculo conjugal é apontada como resultante da insatisfação emocional e sexual, e por isso busca-se fora do casamento a satisfação dos desejos, de carinho, de sexo e outros sentimentos, o comportamento infiel parece ser a válvula que sustenta durante anos, a união dos informantes. A união sustentada por infidelidades guardadas a sete chaves ou bem escamoteadas parece alongar-se, indicando que denota que a conjugalidade se beneficiou e se transformou em algo melhor depois das infidelidades, também produzem bons frutos. Segundo Goldenberg (1991) num relacionamento a dois, mulheres e homens, muitas vezes ficam frustrados e carentes, pois esperam do parceiro o que

²¹⁵ Cf. LEVI-STRAUSS, 1966.

²¹⁶ Ao iniciar relacionamento afetivo, cada cônjuge traz consigo um número de expectativas decorrentes da história vivida em sua família de origem (pais e avós), caracterizando uma série de legados geracionais apreendidos na vivência do cotidiano e passados, com a força de heranças, de geração. Nesta bagagem que cada um leva de sua vida para a relação conjugal. Sobre o assunto, consultar: GALINA, Rosana. “A construção do espaço relacional: uma experiência de negociação afetiva” IN *Revista Catharsis* – <http://revistapsicologia.com.br> Acessado em 02/08/2005.

o outro não pode lhe dar.²¹⁷ Ao não ter o desejado, a infidelidade é, quase sempre, o caminho. Assim como a mulher, o homem ainda procura a fantasia, o olhar de desejo do outro e a afirmação de sua masculinidade. É por isso que, muitas vezes, não há culpa, mas um sentimento de estar sendo fiel a si, aos seus próprios sentimentos e emoções.

Alguns especialistas, como a terapeuta Anna Sharp (1994), afirmam que a complacência maior diante das infidelidades de um dos parceiros pode ser encarada, inclusive, como algo saudável para a vida a dois. Se houver sentimento, o casamento poderá se beneficiar e se transformar em algo bem melhor depois da aventura, a terapeuta acredita que as “fugidinhas” podem ser um excelente remédio para uma acomodada vida a dois.²¹⁸

A infidelidade é uma das principais causas do fim de uniões.²¹⁹ Descontentamento, sexo, prazer e vingança foram motivações de Eduardo para participar do jogo da infidelidade. A presença da insatisfação sexual é latente na fala do informante, sendo o fator desencadeador do desejo de separação.

“... pra mim sexo é muito importante, se não tiver sexo no relacionamento ou senão estiver indo bem, fatalmente a infidelidade vai acontecer, quando eu namorava, antes de casar, a gente se entendia mais ou menos, mas eu sempre achei que quando casasse o sexo fosse melhorar, mas eu me enganei, e aí eu acabava ficando com outras, algumas vezes traía até por vingança, pois ficava com raiva dela [esposa] e nunca me senti culpado, pois só trai porque meu casamento não ia bem, nós nunca nos demos bem realmente, ficamos por insistência e para manter as aparências, até a gente se separar...”²²⁰

Diferentes estudos realizados em culturas diversas ressaltam que o fato de os homens serem infiéis tem haver com o sentimento de identidade masculina relacionada à identidade sexual.²²¹ Para o homem trair é a possibilidade de provar sua masculinidade, porque a sociedade assim o educou. Assim, relacionamentos sexuais freqüentes com outras mulheres, fora do vínculo conjugal é um modo de afirmação de masculinidade. Segundo

²¹⁷ Cf. GOLDENBERG, Miriam. *Ser homem, Ser mulher dentro e fora do casamento*. Rio de Janeiro, Revan, 1991.

²¹⁸ Cf. SHARP, Anna. *Resgate de um casamento*. São Paulo, Rocco, 1994.

²¹⁹ Cf. WEIS, Bruno. “Na alegria e na tristeza” IN *Revista Isto é*. São Paulo, editora três, nº 1532, 10/02/1999. pp. 43-49.

²²⁰ Entrevista realizada em 08/05/2005.

²²¹ Cf. NOLASCO, Sócrates. *Um homem de verdade*. São Paulo, SENAC, 1998.

Goldenberg (2000),²²² na medida que a infidelidade masculina é mais aceita que a feminina, os homens conseguem lidar com o sentimento de culpa de modo mais tranquilo. O comportamento infiel sempre foi visto com olhar mais severo quando diz respeito às mulheres.²²³

A prática da infidelidade pode machucar muito e ironicamente, foi por causa dos relacionamentos extraconjugais que o casamento de alguns dos informantes, terminou. Não há dúvida de que a infidelidade é uma espécie de vitrine que deixa à mostra a fragilidade das relações amorosas.

Atualmente, Eduardo diz estar apaixonado e se mostra um exemplo de fidelidade, como ele diz está “direito”, pois seu relacionamento presente o completa, como ele diz, ambos partilham do mesmo desejo de manter relações sexuais, o que serve para afirmar o laço conjugal e a exclusividade sexual. De acordo com Bozon, a constituição de hábitos conjugais contribuem para a estabilidade da relação, mostrando-se bastante disponível para fidelidade.

²²² Cf. GOLDENBERG, Miriam. “O macho em crise” IN GOLDENBERG, Miriam (Org.). *Novos desejos*. São Paulo, Record, 2000, pp. 15-39.

²²³ Cf. BOZON, 2004.

IV. Nos espaços da vida: desejos, dramas e sentimentos

...A monogamia
é o mais difícil do
arranjos maritais
entre humanos...²²⁴

Colocar um ponto final no estudo é um misto de alívio e desconforto. Por um lado há satisfação em ter conseguido concluir a pesquisa, por outro a sensação de que deixei muita coisa do lado de fora, e que poderia ter dito e apresentado mais casos e analisado melhor as narrativas dos interlocutores.

Fico feliz pelo término da pesquisa, em parte, pois não pretendi esgotar a temática. Para quem um dia foi desencorajada a estudar os sentimentos e a afetividade, sinto-me sobrevivente por ter percorrido caminhos e encontrado pessoas que me propiciaram a realização do trabalho. As emoções que de tema de estudo dúbio, nas Ciências Sociais conquistaram nos anos 80 espaço de destaque, são antigas enquanto preocupação, pois Durkheim (1996)²²⁵ foi um dos primeiros a discutir a dimensão social das emoções, a partir dos estudos feitos sobre fenômenos religiosos. Simmel (1993)²²⁶ também abordou o caráter social dos sentimentos como a fidelidade e o amor. As emoções podem ser tratadas sociologicamente, pois estão articuladas às formas de relação social, podendo ser vistas como fato social total, analisadas enquanto linguagem oral e gestual por Marcel Mauss.²²⁷

Após percorrer o mapa de sentimentos vividos e narrados pelos entrevistados, chego ao final da jornada. Escutar pessoas narrarem suas histórias íntimas,

²²⁴ Cf. ZARMATZ, Leandro. “Monogamia, monogamia, monogamia, monotonia?” IN *Revista Superinteressante*. São Paulo, Editora Abril, nov/2001, pp. 41-44.

²²⁵ Do mesmo modo que toda sociedade tem representações coletivas que se impõem aos indivíduos e através das quais eles organizam suas experiências, ela também produz sentimentos coletivos, necessários para o consenso social. Sobre o assunto, consultar: DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo, Martins Fontes, 1996 e REZENDE, Claudia Barcellos. “Mágoas de amizade: um ensaio de antropologia das emoções” IN *Revista Mana*. out/2002, vol. 8, nº 2, pp. 69-89.

²²⁶ Cf. SIMMEL, Georg. *A Filosofia do Amor*. São Paulo, Martins Fontes, 1993.

²²⁷ Cf. MAUSS, Marcel. “A expressão obrigatória dos sentimentos” IN FIGUEIRA, Sérvulo Augusto. (Org.). *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora, 1981, pp. 56-63. No Brasil também encontramos estudos que lidam com as emoções em seguimentos sociais distintos, entre eles estão: DAUSTER, 1984; VELHO, 1981 e 1983. Anteriormente citados.

algumas vezes tristes, outras alegres, mas sempre cheias de riqueza e importância na memória subterrânea e social dos narradores, foi um presente, pois sei que muitas são desconhecidas até para amigos mais próximos desses interlocutores. A oportunidade de ouvir, falar, e também compartilhar minhas próprias histórias foi enriquecedor. Tenho consciência que para o nativo o pesquisador, quase sempre, é o outro, o mundo distante, uma outra forma de linguagem, mas a troca de informações e histórias diminuíram a distância entre pesquisador e nativo.

Não posso deixar de falar, neste momento, sobre o aspecto da coleta de dados, referente ao compromisso de preservar a identidade dos parceiros da pesquisa através da troca de informações, que possibilitaram compor o texto do presente estudo. Mulheres e homens tão diferentes entre si, acreditam em suas representações sociais, mesmo não praticando-as, razão porque vale a pena estudá-las.

Poderia, então, a partir daí afirmar que as representações humanas sobre infidelidade são ricas e constitui um universo de possibilidades. Trabalhar com o ser humano é buscar compreender a variedade de informações e possibilidades múltiplas, tornando-se, assim difícil construir tipologias. Entretanto, as representações são regidas, aparentemente, de forma simples e sem regras, mas na verdade estão construídas por uma série de preceitos sociais, e não são tão livres quanto o discurso pretende representar. Não imaginava eu que a diversidade de representações que iria encontrar, pois ainda não tinha exercitado o olhar de antropóloga. Como já mencionei em outro momento, para desenvolver a pesquisa meus preconceitos tiveram de ser controlados e revistos.

A complexidade das representações aqui apresentadas é essencial para explicar o porquê de focalizar a realidade não de um grupo ou comunidade particular, mas mostrar um espectro cultural mais amplo, em que os indivíduos utilizam para construir suas realidades. Como define Ginzburg,²²⁸ as idéias e práticas circulam na sociedade porque as mais diferentes categorias estão em contato entre si, possibilitando momentos de interação e de aprendizagem mútua. Mesmo que algumas representações tenham se apresentado de forma similar, mas o significativo é que mesmo assim mostraram um conteúdo variado, pois as realidades são distintas, construídas de forma diferente por membros de classes sociais

²²⁸ Cf. GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

diversas. As varias representações sobre infidelidade é possível devido a existência do amplo sistema cultural que molda a sociedade brasileira e a paraense em particular.²²⁹

O retrato resultante das representações sobre infidelidade visibilizam a variedade de leituras dos relacionamentos afetivos e sexuais que não é uma leitura simples, apresenta-se conflitante e, freqüentemente, contraditória. No entanto, se por um lado foi possível detectar ambivalência, por outro ficou evidente a inquietação, a repulsa, a indignação, o sentimento de vergonha e a sensualidade quando o assunto é infidelidade.

Nessa pesquisa pude constatar que, em parte, mulheres e homens vêem a infidelidade como a gratificação de um apetite, ou mais genericamente a satisfação de desejos. Embora pertençam a relações socialmente estabelecidas e pautadas pelo pacto de exclusividade, para os informantes atingirem essa satisfação, não precisa que haja relacionamentos em desgaste, ou seja, a infidelidade para esses colaboradores muitas vezes não é vista como uma prática ilícita, pois elas(es) não se percebem e não se assumem como sendo infiéis. A ausência de sentimentos de culpa é fator importante que justifica a não percepção de infidelidade, pois se verificou que infidelidade afetiva e sexual só ocorre caso haja envolvimento emocional. O desejo é o que determina o comportamento extraconjugal, não é emocional, não se trata de amor, mas de atração/desejo físico. Logo há uma diferença de enfoque, o que é infidelidade para uns pode não ser para outros.

A partir do objeto pesquisado, outra vertente de interlocutores se mostrou contrária às representações acima mencionadas. Expressaram a importância fundamental da fidelidade. A preservação do namoro, da sedução e o pacto de exclusividade entre o casal. Tanto para mulheres como para homens a satisfação amorosa e sexual tem que estar cercada de carinhos e cumplicidade, ambos precisam estar atraídos pelo parceiro como complemento de um ato de amor que, para eles, é fundamental. Mas a fidelidade é uma exigência externa e difícil de mantê-la.

²²⁹ O sistema de significação e interpretações com toda complexidade, ambigüidade e contradições focaliza coerentemente uma natureza fragmentada e multifacetada da realidade da vida contemporânea brasileira. Sobre o assunto, consultar: DaMATTA, 1978, FRY, 1982 e VELHO, 1981.

Através das histórias de vida narradas observei que a mulher está mais liberada em relação a sexualidade e busca maior igualdade afetiva e sexual, não esperam ser objetos de desejo apenas para seus parceiros, mas para outros homens também. Embora mantenham a conjugalidade alardeada em exclusividade, não se sentem mais propriedades, e buscam satisfação extraconjugal, seja em diálogos via internet, no “ficar”, em carícias sem compromisso e até na realização de fantasias sexuais. Mas, esperam que seja, fundamentalmente, alguém que as atraía sexualmente, que seja carinhoso e compreensivo, mas não quer dizer que precise necessariamente amá-las, ou seja, assimilam bem a idéia de sexo sem compromisso.

As diferenças de gênero são fundamentais para entender as representações de infidelidade entre mulheres e homens. Se para o homem infidelidade é um tipo de diversão, que proporciona dar e receber prazer, para uma parcela de mulheres aqui presentes, esse envolvimento deixou de ser movido pela busca de satisfação afetiva, romantismo, atenção, para representar a busca da realização de seus próprios desejos. Então, aqui seria equivocado generalizar e dizer que homens querem sexo e mulheres querem resolver problemas do coração. Há ainda, a parcela de mulheres e homens que querem ser amados, e quando o relacionamento não atinge suas expectativas, fatalmente a infidelidade entra em cena.²³⁰ E diferentemente do grupo anterior, busca continuidade, satisfação afetiva e satisfação sexual no relacionamento extraconjugal. Apontaram que para um relacionamento ter uma continuidade e que seja um relacionamento duradouro, um “namoro firme”, o componente principal deste é a fidelidade. Quando se referem à fidelidade como importante, muitas vezes ligam-na ao respeito mútuo que deve existir na mesma proporção.

Apesar das diferenças, os 13 informantes parecem acreditar que só há infidelidade quando além do envolvimento sexual, há comprometimento emocional, como se pode constatar no Quadro 4. Mulheres e homens advogam para si situações que eles classificariam como infidelidades, mas não “permitem” ao parceiro usufruir dos mesmos “prazeres”, salvo quatro interlocutores (duas mulheres e dois homens) e os dois casais entrevistados em conjunto, que não se manifestaram. A síntese pode ser vista no Quadro 5.

²³⁰ As mulheres buscam um homem que as apóie e ajude, enquanto que os homens idealizam a mulher perfeita, assim acabam confundindo união com felicidade. Reivindica-se muito do outro, o que gera frustrações, abrindo-se assim o caminho para infidelidades. Sobre o assunto, consultar: GOLDENBERG, 1990.

Quadro 4

Representações de Infidelidade

Informantes	É infidelidade quando há...	Narrou caso de infidelidade	Declarou-se fiel	Declarou-se tentado a trair, mas controlou-se	Homem declarou ter sido infiel	Mulher declarou ter sido infiel
Janete	Envolvimento emocional	X	_____	_____	_____	_____
Leila	Envolvimento emocional ou sexual	X	X	_____	_____	_____
Nazaré	Envolvimento emocional	X	X	_____	_____	_____
Lorena	Envolvimento emocional	X	X	_____	_____	_____
Cibeli	<ul style="list-style-type: none"> • Se pensa em outra pessoa com desejo e atração • Se realizar fantasia sexual a três sem o cônjuge 	X	X	_____	_____	_____
Lúcia	Envolvimento emocional ou sexual	X	_____	_____	_____	X
Ricardo	Envolvimento emocional ou sexual	X	X	X	_____	_____
Ismael	Envolvimento emocional ou sexual	X	X	_____	_____	_____
Eduardo	Envolvimento sexual	X	_____	_____	X	_____
Maria Bento	Envolvimento emocional ou sexual	X	_____	_____	X	_____
Vilma Marlon	Envolvimento emocional ou sexual	X	_____	_____	_____	_____

Quadro 5

Não faça o que eu faço...

Informantes	O que eu posso fazer, mas sou fiel	Mas ele(a) não pode
Janete	“Ficar” sem sexo Relacionamento virtual Ter desejo por outra pessoa	“Ficar” Relacionamento virtual Ter desejo por outra pessoa
Leila	_____	_____
Nazaré	Sexo com outra pessoa	Sexo com outra pessoa
Lorena	Sexo com outra pessoa	Sexo com outra pessoa
Cibele	Ter desejo por outra pessoa	Ter desejo por outra pessoa
Lúcia	_____	_____
Ricardo	_____	_____
Ismael	Ter aventuras Paquerar Sexo com outra pessoa	Ter aventuras Paquerar Sexo com outra pessoa
Eduardo	_____	_____
Maria Bento	_____	_____
Vilma Marlon	_____	_____

O contexto que informa ação dos interlocutores é pautado pela moralidade tradicional especialmente em relação à infidelidade feminina. A revelação veio via um olhar masculino manifestando que não se considera infiel, mas comete “aventuras”, mas ao falar sobre as “aventuras” de mulheres, a intolerância veio à tona não “desculpando” qualquer aventura, seja de um dia ou uma noite, pois ações praticadas por mulheres representam traição. Mas a realidade mostra que se por um lado a sociedade julga de forma mais rigorosa a mulher, assim sendo, é difícil aos homens encararem a infidelidade feminina, freqüentemente quando os casos são revelados a “traidora” é abandonada na melhor das hipóteses, pois amiúde são assassinadas, por outro a infidelidade é mais difícil de ser encarada pelos homens.

Há quem diga que não acredita mais em fidelidade, mas o fato é que as representações de mulheres e homens mostram que ambos traem por diversas razões, que

oscilam desde a falta de paixão, amor, diversão, vingança, satisfação de desejos e sensação de poder.

A maioria dos casos de infidelidade encontrada aqui pode estar ligada não à inabilidade de manter relacionamento emocional satisfatório, mas por um desejo de experimentar um novo e proibido relacionamento afetivo e sexual ou a necessidade de sentir o nível intenso de paixão, sedução e sensação de estar apaixonado e tudo que está associado a essas emoções. Possivelmente, a necessidade de experiências emocionais “novas”, seja o desejo de redescobrir os sentimentos, que estão adormecidos na conjugalidade, que ocorrem no início de um novo relacionamento amoroso,²³¹ produz satisfações não encontradas no cotidiano do interlocutor.

Apesar das representações mostrarem que tanto mulheres quanto homens mantêm comportamentos infiéis, mesmo que alguns não admitam mantê-los, descobrir a infidelidade do parceiro não deixa de ser um choque. Tudo que o outro não souber não magoará. Triângulos amorosos, traição ocasional, relações virtuais, seja qual for o tipo de envolvimento, as representações mostram que infidelidade é uma espécie de vitrine que deixa à mostra a fragilidade das relações amorosas, e quando descoberta machuca demais.²³² A infidelidade representa uma quebra no pacto de “confiança mútua”, trazendo mágoas e ressentimentos. Sob essa visão mulheres se preocupam mais com aspectos emocionais, e homens com aspectos sexuais da infidelidade. A maioria dos casos aqui apresentados indicam que a infidelidade não é decorrente do fim do amor ao parceiro, mas da busca de alguém que agregue tudo que procuram em uma pessoa.²³³

Os celulares e a web chegaram para fascinar. Com o advento da internet as relações humanas têm passado por modificações, desde que se passou a usar endereços eletrônicos,²³⁴ salas de bate-papo,²³⁵ messenger,²³⁶ orkut²³⁷ e videocam,²³⁸ novas formas de se

²³¹ A conjugalidade, aparentemente é um convívio muito fácil, entre duas pessoas que juntas querem construir suas vidas, desejam a mesma coisa e comprometem-se a obtê-las juntos. Mas acabam desviando-se de seus objetivos e das normas a serem seguidas. E, de repente, o casal está desfrutando prazeres e alegrias com outra pessoa. Sobre o assunto, consultar: GARCIA, 2004.

²³² Os envolvidos, especialmente aquele, que desconhecia as aventuras de seu ou sua parceira.

²³³ Cf. “Porque quem diz que ama também trai?” IN <http://mulher.terra.com.br> Acessado em 27/07/2005.

²³⁴ Endereço de correspondência via internet.

²³⁵ São conversas on line onde várias pessoas se conectam em um único servidor.

relacionar emergem a infidelidade virtual, que se faz presente no cotidiano dos internautas. O computador acelera os contatos e mostra-se como uma ferramenta de excelente aproximação e descoberta de novas possibilidades. Mas é importante salientar que a ausência do contato direto propicia as relações ilusórias. Portanto, nesse contexto, as emoções só apresentam o que lhe convém.

Cada uma das representações aqui descritas refletem atitudes diferentes em relação a infidelidade, são sentimentos diversos, além de se referirem a situações também diversas. Embora constatado a existência de comportamentos infieis, o que se percebe é que a fidelidade ainda é valorizada, o que não deixa de ser um paradoxo. Mas os modelos de comportamento são compatíveis com a ambigüidade que marca a cultura brasileira.²³⁹ Entretanto, a monogamia é algo conquistado, e a fidelidade deixa de ser uma obrigação para tornar-se uma opção bastante valorizada.

Deste modo, consegui perceber que a fidelidade é objeto de desejo enquanto opção, anunciando transformações nas formas de vivenciar os relacionamentos, indicando novos arranjos para ultrapassar a rotina que se estabelece nas relações conjugais.

O encontro com esses informantes possibilitou-me ampliar minhas reflexões sobre a temática e sobre possíveis formas de representações. Assim, pensar representações de infidelidade tanto para mulheres como para homens, implica em lançar olhares sobre o universo real desses sujeitos, para compreender como entendem a vida e como constroem a conjugalidade. Afinal, como diz Rodrigues (1997: 11) “... o amor bem sucedido não interessa a ninguém”, mas nenhum dos interlocutores quer se tornar personagem de fofocas, portanto infidelidade bem sucedida deve ser guardada a sete chaves para evitar problemas e possibilitar a satisfação dos desejos.

²³⁶ Espaço na internet que permite conversas utilizando texto, voz, telefone celular ou até conversas através de vídeo, em tempo real.

²³⁷ Site de relacionamento, citado anteriormente.

²³⁸ Câmara de vídeo que permite a comunicação com qualquer pessoa conectada à internet ou messenger em tempo real em qualquer lugar do país ou do mundo.

²³⁹ A sociedade brasileira está recheada de relacionamentos ambíguos, Goldenberg faz uma espécie de inventário sobre os novos tipos de relacionamentos entre casais, as tendências e as preferências em geral. Sobre o assunto, consultar: GOLDENBERG, Mirian. *De perto ninguém é normal*. São Paulo, Record, 2004.

Referências

Fontes eletrônicas

- “Aprenda internet sozinho” IN <http://www.aisa.com.br> Acessado em 10/11/2005.
- “Casais têm mais ciúme de traição emocional que sexual, diz estudo” IN *Folha On line* – Reuters, <http://www.folha.uol.com.br/folha/reuters> Acessado em 20/05/2004.
- “Salas de bate-papo na internet são forma comum de infidelidade” IN *Folha On line* <http://www1.folha.uol.com.br> Acessado em 20/05/2005.
- DORNELLES, Jonatas.** “Amigos virtuais: estudo antropológico sobre sociabilidade na Internet” IN <http://www.megabaitche.hpg.ig.com.br/amigosvirtuais>. Acessado em 08/11/2005.
- GALINA, Rosana.** “A construção do espaço relacional: uma experiência de negociação afetiva” IN *Revista Catharsis* – <http://revistapsicologia.com.br> Acessado em 02/08/2005.
- <http://www.orkut.com> Acessado em 10/11/2005.
- <http://www.pa.gov/conheçaopara.br> Acessado em 12/10/2005.
- <http://mulher.terra.com.br> Acessado em 27/07/2005.
- <http://www.psico-online.net/informacao.htm> Acessado em 22/09/2003.
- LINS, Regina Navarro.** “Adulterio” IN <http://www.adulterio.hpg.ig.com.br/reginal.html> Acessado em 16/07/2004
- NOLASCO, Sócrates.** “O Peso da Cultura” IN *Revista Maria Maria*. <http://www.undp.org.br/unifem/mariamaria> Acessado em 12/04/2005.
- TESSARI, Olga.** “Por que as pessoas traem” IN *Revista Eletrônica: O toque feminino que faltava na internet*. <http://www.toquefeminino.com.br> Acessado em 13/07/2004.

Discografia citada

- BUARQUE, Chico.** “Mil perdões” IN Álbum: *Chico Buarque de Holanda - O Amante*. Universal Music, 1990.
- DEE, Dina.** “Corpo em Evidência”. IN Álbum *Visão de rua*. Produção independente, 2003.
- TATIT, Luiz.** “Capitu” IN Álbum: *Na Ozzétti-Estopim*. Rio de Janeiro, Som Livre, fevereiro/1998.

Bibliografia citada

- ABREU, Rachel de Oliveira.** *Casamento: ideal, ritual e cotidiano no espaço da casa e da igreja.* Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais, Belém, Departamento de Antropologia/UFPA, 2003. (mimeo)
- ALMEIDA, Ângela Mendes.** *O gosto do pecado: casamento e sexualidade nos manuais de confessores dos séculos XVI e XVII.* Rio de Janeiro, Rocco, 1993.
- AMARAL, Telma.** *E o casamento como vai?* Dissertação de Mestrado em Antropologia. Belém, DEAN/UFPA, 1999. (mimeo)
- AMENO, Agenita.** *A função social dos amantes: Na preservação do casamento monogâmico.* Belo Horizonte, Autêntica, 1999.
- ASSIS, Machado.** *Dom Casmurro Obra Completa,* Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1994.
- AZEVEDO, Aluísio de.** *Livro de uma Sogra.* Rio de Janeiro, Ediouro, 1991.
- AZEVEDO, Thales de.** *As regras do namoro à antiga.* São Paulo, Ática, 1986.
- BADINTER, Elisabeth.** *Um é outro.* Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
- BECKER, Howard.** *Uma teoria da ação coletiva.* Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
- BÉJIN, André.** “O casamento extraconjugal nos dias de hoje” IN ARIÉS, Phillip & BÉJIN, André (Orgs.). *Sexualidades ocidentais.* São Paulo, Brasiliense, 1987, pp. 183-193.
- BELTRÃO, Jane Felipe.** *et alli. Entender Belém: formas de sociabilidade na cidade.* Belém, DEAN/UFPA, 2000. (mimeo)
- BEN-ZE'EV, Aaron.** *Amor Em linha: Emoções na Internet.* Cambridge, Cambridge Universidade Pressione, 2004.
- BOISSEVAIN, Jeremy.** “Apresentando ‘amigos de amigos: redes sociais, manipuladores e coalizões” IN FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). *Antropologia das Sociedades Contemporâneas – Métodos.* São Paulo, Global, 1987, pp. 195-223.
- BOZON, Michel & HEILBORN, Maria Luiza.** “As carícias e as palavras: iniciação sexual no Rio de Janeiro e em Paris” IN *Novos Estudos.* nº 59, 2001, pp. 111-135.
- BOZON, Michel.** *Sociologia da Sexualidade.* Rio de Janeiro, FGV, 2004.
- BRANDÃO, Juanito de Souza.** *Mitologia Grega.* Petrópolis, Vozes, 1996.
- BRISSAC, Chantal e PADILLA, Ivan.** “Quando elas traem: mulheres infiéis sentem menos culpa ao se lançar em suas aventuras extraconjugais” IN *Revista Isto é.* São Paulo, Editora Três, nº 1452, 30/07/1997, pp. 62-68.

BUENO TRIGO, Maria Helena & BRIOSCHI, Lucila Reis. “Família: Reprodução e Cotidiano. Reflexão sobre um Trabalho de Campo” IN *Textos CERU*. nº. 1, Departamento de Sociologia, São Paulo, USP, 1989, pp. 25-33.

BUENO TRIGO, Maria Helena. “Amor e Casamento no século XX” IN D’INCAO, Maria Ângela (Org.). *Amor e Família no Brasil*. São Paulo, Contexto, 1989, pp. 88-94.

BUFFON, Roseli. “Encontrando uma tribo masculina de camadas médias” IN GROSSI, Miriam Pillar (Org.). *Trabalho de Campo e Subjetividade*. Florianópolis, Publicação do Grupo de Estudos de Gênero & Subjetividade, Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 1992, pp. 53-70.

CARDEIRA DA SILVA, Maria. *Um Islão Prático*. Oeiras/Portugal, Celta, 1999.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. “As categorias do entendimento na formação da Antropologia” IN *Série Antropologia nº 29*. Brasília, UnB, 1982, pp. 1-30.

CARDOSO, Ruth. “Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método” IN CARDOSO, Ruth (org) *A Aventura Antropológica*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986, pp. 95-106.

CAVALCANTE, Adriana. “Geração Beijo na Boca” IN *Revista Isto é*. nº 1538, 24/05/1999, pp. 62-64.

CHAVES, Jaqueline. *Ficar com: um novo código entre jovens*. Rio de Janeiro, Revan, 1997.

CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. São Paulo, Cortez, 1991.

CICOUREL, Aaron. “Teoria e método em pesquisa de campo” IN GUIMARÃES, Alba Zaluar (Org.). *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro, Francisco Alves S/A, 1990, pp. 87-121.

COMTE-SPONVILLE, André. *Pequeno tratado das grandes virtudes*. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

CONRADO, Mônica Prates. “A fala das vítimas e indiciados em uma Delegacia da Mulher” IN *21ª Reunião da Associação Brasileira de Antropologia (ABA)*, Vitória, UFES, Abril/1998.

CÔRREA, Mariza. “Repensando a família patriarcal brasileira” IN ARANTES, Antônio Augusto. (Org.). *Colcha de retalhos: estudos sobre a família patriarcal no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1982, pp. 15-42.

COSTA, Josué. “Celular, um aliado contra infidelidade” IN *Caderno Atualidades, O Liberal*. Belém, nº 30876, 2004.

COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude, nem favor. Estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro, Rocco, 1999.

D'INCAO, Maria Ângela. “Amor romântico e a Família burguesa” IN D'INCAO, Maria Ângela (org). *Amor e Família no Brasil*. São Paulo, Contexto, 1989, pp. 57-71.

DaMATTA, Roberto. “Apresentação” IN VAN GENNEP, Arnold. *Os Ritos de Passagem*. Petrópolis, Vozes, 1978, pp. 11-21.

_____ *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1991.

_____ *Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

_____ *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro, Rocco, 1999.

DAUSTER, Tânia. “A invenção do amor” IN *Anais do III Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP)*. Águas de São Pedro, São Paulo, out/1984, v.1, pp. 521-537.

DEBERT, Guíta G. “Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral” IN CARDOSO, Ruth (org) *A Aventura Antropológica*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986, pp. 141-156.

DURHAM, Eunice R. “A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas” IN CARDOSO, Ruth (org) *A Aventura Antropológica*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986, pp. 17-38.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

_____ *Sociologia e Filosofia*. São Paulo, Ícone, 1994.

ELIAS, Norbert. “Observações sobre a fofoca” IN *Os Estabelecidos e os Outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro, Zahar, 2000, pp. 121-133.

ELUF, Luiza Nagib. *A Paixão no Banco dos Réus: Casos Passionais*. São Paulo, Saraiva, 2002.

FIGUEIRA, Sérvulo Augusto. “No reino da opção” IN *Jornal do Brasil – Caderno Especial*, Rio de Janeiro, 14/07/1985.

FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. São Paulo, Nova Alexandria, 1981.

FONSECA, Claudia. “Cavalo amarrado também pasta. Honra e humor em um grupo popular brasileiro” IN *Revista de Antropologia*. vol. 24, Universidade de São Paulo, 1981, pp. 109-121.

FOUCAULT, Michel. “A questão do monopólio” IN *História da Sexualidade 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro, Graal, 1985, pp. 166-176.

_____ “O vínculo conjugal” IN *História da Sexualidade 3. O cuidado de si*. Rio de Janeiro, Graal, 1985, pp. 152-165.

FREUD, Sigmund. *Além do princípio de prazer*. Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda, 1969.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1983.

FRY, Peter. *Para Inglês ver: Identidade e Política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

GAMBAROFF, Marina. “Infidelidade” IN GLEY, P. Costa & KATZ, Gildo (Orgs.). *Dinâmica das relações conjugais*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992, pp. 34-46.

_____ *Utopia da Fidelidade*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.

GARCIA, Maria Lúcia Teixeira. *Problemas no Casamento: a presença utópica do amor romântico*. São Paulo, EDUSP, 2004.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

_____ *O Saber Local: novos ensaios de antropologia interpretativa*. Petrópolis, Vozes, 1997.

GIDDENS, Anthony. *A Transformação da Intimidade*. São Paulo, UNESP, 1992.

GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.

GOLDANI, Ana Maria. “Família, Trajetórias Individuais e Mudanças Demográficas” IN *Anuais da ABEP*. VII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Vol. I, Caxambu, out/1990, pp. 55-99.

GOLDENBERG, Mirian. *A Outra: Um estudo antropológico sobre a identidade da amante do homem casado*. Rio de Janeiro, Editora Revan, 1990.

_____ “O macho em crise” IN GOLDENBERG, Miriam (Org.). *Novos desejos*. São Paulo, Record, 2000, pp. 15-39.

_____ *De perto ninguém é normal*. São Paulo, Record, 2004.

_____ *Ser homem, Ser mulher dentro e fora do casamento*. Rio de Janeiro, Revan, 1991.

GOLDIN, Alberto. *Histórias de Amor e Sexo*. São Paulo, Objetiva, 2004.

GREGORI, Maria Filomena. *Cenas e Queixas: Um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista*. Rio de Janeiro, Paz e Terra; São Paulo, ANPOCS, 1993.

GUIMARÃES, Alba Zaluar (Org.). “Introdução” IN *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro, Francisco Alves S/A, 1990, pp. 09-35.

HEILBORN, Maria Luiza. (Org.). *Sexualidade. O olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro, Zahar, 1999.

_____ “Construção de si, gênero e sexualidade”. IN HEILBORN, Maria Luiza (Org.). *Sexualidade. O olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro, Zahar, 1999, pp. 40-58.

_____ “Fazendo Gênero? A antropologia da mulher no Brasil” IN OLIVEIRA COSTA, Albertina & BRUSCHINI, Cristina (Org.). *Uma questão de Gênero*. Rio de Janeiro, Rosa dos Ventos/Fundação Getúlio Vargas, 1992, pp. 93-126.

HERNANDEZ, Juliana. “O duplo estatuto do silêncio” IN *Revista de Psicologia USP*. Jan/Jun. 2004, vol. 15, nº 1-2, pp. 129-147.

JODELET, Denise. *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro, UERJ, 2001.

KOFFES, Suely. *Mulher, Mulheres. Identidade, Diferença e Desigualdade na relação entre patroas e empregadas*. Campinas, São Paulo, Editora da Unicamp, 2001.

KUNDERA, Milan. *A insustentável leveza do ser*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

KUPPER, Adam. *Antropólogos e Antropologia*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.

LAGO, Syane de Paula. *Namoro pra casar? Namoro pra escolher (com quem casar): idéias e práticas de namoro entre jovens em Belém/PA*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Belém, DEAN/UFPA 2002. (mimeo)

LEITE, Miriam Moreira & MASSAINI, Márcia. “Representações do amor e da família” IN D’INCAO, Maria Ângela (org). *Amor e Família no Brasil*. São Paulo, Contexto, 1989, pp. 72-87.

LEVI, Giovanni. “Usos da Biografia” IN FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998, pp. 165-182.

LÉVI-STRAUSS, Claude. “A Família” IN SHAPIRO, H. L. *Homem, Cultura e Sociedade*. São Paulo, Fundo de Cultura, 1966, pp. 308-359.

_____ *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975.

LOBATO, Eliane. “O casamento acaba com o tesão” Entrevista com Regina Navarro Lins IN *Revista Isto é*. São Paulo, Editora Três, nº 1883, 16/11/2005, pp. 7-11.

LOPES, Maria Immacolata V., BORELLI, Silvia Helena Simões & RESENDE, Vera da Rocha. *Vivendo com a telenovela: mediações, recepção televisualidade*. São Paulo, Summus, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, Vozes, 1997.

- MACHADO, Odila de Melo.** *Mulher: Códigos Legais e Códigos Sociais: o papel dos direitos e os direitos de papel.* Concurso de Monografias Jurídicas, OAB, 2001.
- MAIR, Lucy.** *O Casamento.* Lisboa, Ulisséia, 1971.
- MALINOWSKI, Bronislaw.** “Objeto, método e alcance desta pesquisa” IN GUIMARÃES, Alba Zaluar (Org.). *Desvendando máscaras sociais.* Rio de Janeiro, Francisco Alves S/A, 1990, pp. 39-62.
- _____. *Um diário no sentido estrito do termo.* Rio de Janeiro, Record, 1997.
- MARINHO, Carla Figueiredo.** “Homens Fiéis?” Paper apresentado no *II Seminário Internacional Educação Intercultural e Movimentos Sociais.* Florianópolis, abril/2003. (mimeo)
- MATARAZZO, Maria Helena.** *Namorantes.* São Paulo, Mandarim, 2001.
- MATOS, Marlise.** *Reinvenções do vínculo amoroso: cultura e identidade de gênero na modernidade tardia.* Belo horizonte, UFMG, 2000.
- MAUSS, Marcel.** *Sociologia e Antropologia.* São Paulo, EPU/EDUSP, 1974.
- _____. “A expressão obrigatória dos sentimentos” IN FIGUEIRA, Sérvulo Augusto. (Org.). *Psicanálise e Ciências Sociais.* Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora, 1981, pp. 56-63.
- MESEDER, Suely Aldir.** “Namorei não, peguei: o pegar como uma forma de relacionamento amoroso-sexual entre jovens” IN *XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais.* Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil de 4 a 8 de novembro de 2002.
- MORAES, Denis de.** *O Imaginário vigiado.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1994.
- MOSCOVICI, Serge.** *Representações sociais: investigações em psicologia social.* Rio de Janeiro, Vozes, 2003.
- MOUTINHO, Laura.** *Razão, “cor” e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais “inter-raciais” no Brasil e na África do Sul.* São Paulo, UNESP, 2004.
- NOGUEIRA, Tânia da Glória.** *Mudanças no relacionamento afetivo-sexual.* São Paulo, Escuta; Belo Horizonte, Fumec, 2003.
- NOLASCO, Sócrates.** *Mito da Masculinidade.* Rio de Janeiro, Rocco, 1993.
- _____. *Um homem de verdade.* São Paulo, SENAC, 1998.
- NOVAES, Regina C. Reyes.** “Lembranças camponesas: repressão, sofrimento, perplexidade e medo” IN *Fazendo Antropologia no Brasil.* ESTERCI, Neide, FRY, Peter & GOLDENBERG, Mirian (Orgs.). Rio de Janeiro, DP&A, 2001, pp. 231-264.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli.** *Terra à Vista: discurso do confronto: velho e novo mundo.* São Paulo, Cortez, Campinas/São Paulo, 1990.

- _____. *As Formas do Silêncio – no movimento dos sentidos*. São Paulo, Unicamp, 1997.
- PADILHA, Ivan**. “A nau dos infiéis” IN *Revista Isto É*. São Paulo, Editora Três, 26 agos/1998, pp. 55-60.
- PARKER, Richard**. *Corpos, Prazeres e Paixões. A cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo, Nova Cultural, 1991.
- PATERNIANI, Ana Lúcia Stipp**. “A aventura do casal contemporâneo” IN *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*. nº 8, 1997, pp. 46-60.
- PINHEIRO, Daniela**. “Infidelidade: eu traio, tu traís, ela também” IN *Revista Veja*. São Paulo, Editora Abril, n 1875, 2004, pp. 84-91.
- _____. “Trair e teclar, é só começar” IN *Revista Veja*. São Paulo, Editora Abril, nº 1940, 25/01/2006, pp. 73-86.
- PLATÃO**. *Diálogos: O Banquete*. São Paulo, Civita, 1983.
- PMB/CODEM/SEGEP**. *Anuário Estatístico do Município de Belém*. Belém, Prefeitura Municipal de Belém, 1998.
- POLLAK, Michel**. “Memória, Esquecimento, Silêncio” IN *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, Editora Revista dos Tribunais, pp. 12-15.
- _____. *L’expérience concentrationnaire. Essai sur le maintien de l’identité sociale*. Paris, Métailié, 1990.
- QUINTEIRO, Maria da Conceição**. *União conjugal: a grande busca*. Tese de Doutorado em Sociologia, São Paulo, USP, 1993. (mimeo)
- REICH, Willem**. *Casamento indissolúvel ou relação sexual duradoura*. Portugal, H. A. Carneiro, 1974.
- REVISTA GALILEU**. *O amor está na rede*. São Paulo, Globo, nº 158, set/2004.
- REZENDE, Claudia Barcellos**. “Mágoas de amizade: um ensaio de antropologia das emoções” IN *Revista Mana*. out/2002, vol. 8, nº 2, pp. 69-89.
- RIBEIRO, Ivete**. “O amor dos cônjuges” IN D’INCAO, Maria Ângela (org). *Amor e Família no Brasil*. São Paulo, Contexto, 1989, pp. 129-153.
- RODRIGUES, Nelson**. *Flor de Obsessão*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
- ROGAR, Silvia**. “Manoel Carlos. Escrevo sobre o que conheço” IN *Revista Veja*. São Paulo, Abril, nº 1810, jul/2003, pp. 75-77.
- SAFFIOTI, Heleieth**. “Violência de gênero no Brasil contemporâneo” IN SAFFIOTI, Heleieth; MUÑOZ VARGAS, M. (Orgs.). *Mulher Brasileira é assim*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 199.

SCOTT, Joan. “Gênero: Uma categoria útil de análise histórica” IN *Educação e Realidade*. 20 (21): 71, jul/dez, 1995, pp. 71-99.

SHARP, Anna. *Resgate de um casamento*. São Paulo, Rocco, 1994.

SIGAUD, Lygia. “As vicissitudes do Ensaio sobre o Dom” IN *Revista Mana* v. 5 nº 2, Rio de Janeiro, out/1999, pp. 89-123.

SILVA, Cristiane Gonçalves Meireles. “O significado da fidelidade e as estratégias para prevenção da AIDS entre homens casados” IN *Revista Saúde Pública*, vol. 36, nº 4, ago/2002, pp. 40-49.

_____. *Mulheres: casamento, Aids e doenças sexualmente transmissíveis*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Antropologia da Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1989. (mimeo)

SIMMEL, Georg. “A metrópole e a vida mental” IN VELHO, Otávio G. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.

_____. *A Filosofia do Amor*. São Paulo, Martins Fontes, 1993.

_____. *A Sociologia do Segredo e das Sociedades Secretas*. Strasbourg, Ed. Circé, 1991.

SINGLY, François. “O nascimento do ‘indivíduo individualizado’ e seus efeitos na vida conjugal e familiar” IN PEIXOTO, Clarice *et alli*. *Família e Individualização*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2000, pp. 13-19.

SOUZA, César Martins de. *Quando a Santa Teresinha é o ponto de encontro: sociabilidade, amor e família na paróquia do Jurunas*. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Belém, DEAN/UFPA, 2002. (mimeo)

SOUZA, Claudecy. *Representação Social e Desenvolvimento Sexual*. São Paulo, Pai Legal, 1999.

TOLSTOI, Leon. *Anna Karenina*. São Paulo, Editora Abril, 1994.

TONON, Joseana Burguez. *Telenovelas e representações sociais: um estudo de caso sobre “Mulheres Apaixonadas”*. Monografia apresentada à disciplina Mídia, Cultura e Sociedade do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Faculdade Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP, março/2004.

TREVISAN, João Silvério. *Seis balas num buraco só*. Rio de Janeiro, Record, 1998.

TURKENICZ, A. *A aventura do casal*. Porto Alegre, Editora Artes Médicas, 1995.

TURNER, Victor. “Liminaridade e *Communitas*” IN *Processo Ritual, estrutura e ante estrutura*. Petrópolis, Vozes, 1974, pp. 16-159.

VAN GENNEP, Arnold. *Os Ritos de Passagem*. Petrópolis, Vozes, 1978.

VELHO, Gilberto & MACHADO, Luís Antônio. “Organização social do meio urbano” IN *Anuário Antropológico* 76. Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro, 1977, pp. 71-82.

VELHO, Gilberto. “Aliança e Casamento na sociedade moderna: separação e amizade em camadas médias urbanas” IN *Subjetividade e Sociedade: uma experiência de geração*. Rio de Janeiro, Zahar, 1983, pp.23-36.

_____ “Histórias de vida: Resumos e Reflexões” IN *Subjetividade e Sociedade. Uma experiência de geração*. Rio de Janeiro, Zahar, 1986, pp. 28-32.

_____ *Desvio e Divergência: Uma crítica a patologia social*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

_____ *Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

WEIS, Bruno. “Na alegria e na tristeza” IN *Revista Isto é*. São Paulo, editora três, nº 1532, 10/02/1999, pp. 43-49.

ZARMATZ, Leandro. “Monogamia, monogamia, monogamia, monotonia?” IN *Revista Superinteressante*. São Paulo, Editora Abril, nov/2001, pp. 41-44.

ANEXOS

ANEXO 1. Sinopse de um dos capítulos da novela América.

FONTE: www.globo.com.br. Acessado em 15/10/1005.

Haydée manda atropelar Glauco e Lurdinha

Transtornada ao descobrir quem é a amante do marido, a milionária tenta acabar com a vida do casal: Ao chegar a Miami com a intenção de apanhar em flagrante Glauco com a nova namorada, Haydée vê Lurdinha com ele. Mas como não há melhor cego do que aquele que não quer ver, a milionária não percebe de imediato que a adolescente é a mulher que acabou com o seu casamento. A princípio, Haydée pensa que Raíssa também está na cidade e que levou com ela a amiga. Mas só depois de ligar para a filha e descobrir que Raíssa está no Brasil é que tudo fica mais claro! Fora de si, Haydée pede a Jota que a leve aos lugares que Lurdinha freqüentou da última vez que lá esteve com a sua filha acabando por a ver a passear de patins com Glauco. Sem pensar duas vezes e completamente transtornada, a milionária exige do [sic] taxista que atropele o casal. Assustado, Jota finge que o carro se foi abaixo acabando Haydée por perder os dois de vista. Quando os torna a ver, Haydée repara que a rival leva o marido ao barbeiro e que ele, feliz, permite que a jovem lhe mude o visual. Inconformada, Haydée liga para Vera e conta-lhe do que a filha foi capaz deixando a advogada desesperada. Nesse contexto, uma das subtramas cujo desfecho desperta mais interesse, por envolver um dilema e dois personagens mais densos que a média da novela, é o turbulento final do casamento do empresário Glauco Simões (Edson Celulari) com a socialite cleptomaniaca Haydée (Cristiane Torloni). Tendo descoberto, no mesmo dia, que Glauco a traía com sua amiga Nina (Cissa Guimarães), e que enganava ambas com a ninfeta Lurdinha (Cléo Pires), Haydée ficou duplamente furiosa, mas logo percebeu que, entre os dois incômodos, o segundo era muito menos tolerável. Afinal, além de traída, Haydée se sentiu humilhada ao ver Glauco circular por Miami e pelo Rio de Janeiro, entre conhecidos do casal, vestido de garotão e ao lado de uma moça que tem idade para ser sua filha.

Vingança

Daí veio o desejo de retaliação, que explica porque Haydée, embora tenha garantido um futuro feliz e mortalmente tedioso nos braços do aborrecido Tony (Floriano Peixoto), não desiste de atazanar a vida do futuro ex-marido. Haydée agora está chantageando Glauco, exigindo que ele se afaste de Lurdinha, para não denunciar suas falcatruas financeiras e levá-lo à cadeia.

ANEXO 2. Referências e sinopses de alguns filmes que retratam a questão da infidelidade.

FONTE: www.foxvideo.com.br. Acessado em 15/10/2005.

A Mulher Infiel



Sinopse: Uma entediada esposa, Hélène Desvallées (Stéphane Audran), é casada com Charles Desvallées (Michel Bouquet), executivo de uma seguradora. Charles tem boas razões para crer que sua mulher o está traindo, assim contrata um detetive, que descobre que o amante de Hélène é um escritor, Victor Pegala (Maurice Ronet). Charles tenta adotar um ar de indiferença ao confrontar Victor, mas a conversa termina quando Charles fere mortalmente Victor e então tenta remover as evidências, mas sempre fica algo.

Ficha Técnica

Direção: Claude Chabrol

Gênero: Drama

Produção: França/Itália/1969

Elenco

Stéphane Audran (Hélène Desvallés)

Michel Bouquet (Charles Desvallés)

Michel Duchaussoy (Oficial Duval)

Maurice Ronet (Victor Pegala)

Louise Rioton (Mamy)

Serge Bento (Bignon)

Henri Marteau (Paul)

Guy Marly (Oficial Gobet)

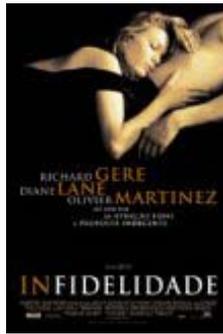
François Moro-Giafferi (Frederic)

Stéphane Di Napoli (Michel Desvallés)

Donatella Turri (Brigitte)

Louise Chevalier (Criada)

Infidelidade



Sinopse: Num subúrbio de Nova York Connie Sumner (Diane Lane) leva uma vida feliz e segura ao lado de Edward (Richard Gere), com quem está casada há 11 anos e tem um filho, Charlie (Erik Per Sullivan), que amam muito. Aparentemente nada poderia se interpor na felicidade deste casal, mas este amor será posto à prova quando Connie, ao se ver no meio de uma ventania muito forte em uma pequena rua do Soho, acaba derrubando Paul Martel (Olivier Martinez), um belo e sensual francês que carregava uma pilha de livros. Ela machuca levemente seu joelho e, como não consegue pegar um táxi, Paul a convida para ir até o apartamento dele. Lá Paul flerta de uma maneira bem discreta, arrumando gelo e ataduras para o joelho dela. Ela então liga para Charlie dizendo que irá de atrasar, mas antes que ela parta Paul lhe dá um livro de poesia persa. Ela menciona com Edward o que aconteceu, mas está claro que está ficando obcecada por Paul. Logo ela regressa à cidade com um pretexto para ligar para ele. Os dois se tornam amantes e são dominados por uma paixão que não pára de crescer. Edward sente que Connie está diferente e então contrata Frank Wilson (Dominic Chianese), um detetive, para seguir Connie. Seus maiores temores são confirmados, então Edward decide se confrontar com Paul, sem imaginar que esta decisão afetará ele e Connie para sempre.

Ficha Técnica

Direção: [Adrian Lyne](#)

Gênero: Drama

Produção: EUA/2000

Elenco

[Richard Gere](#) (Edward Sumner)

[Diane Lane](#) (Connie Sumner)

[Olivier Martinez](#) (Paul Martel)

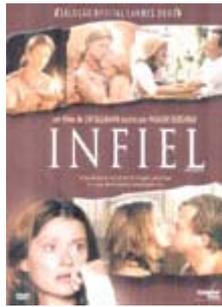
Chad Lowe (Bill Stone)

Margaret Colin (Sally)

Erik Per Sullivan (Charlie Sumner)

Myra Lucrecia Taylor (Gloria)

Infiel



Sinopse: Marianne vive feliz ao lado do marido Markus e da filha de 9 anos, Isabelle, que adora ouvir as histórias contadas por David, o melhor amigo de Markus. Uma noite, enquanto Markus está ausente, David aparece para contar suas histórias, mas desta vez algo diferente acontece. A relação amorosa entre Marianne e David, sufocada até então, começa a aflorar, dando início a um triângulo amoroso. O caso prossegue até que a tragédia bate à porta dos amantes e traz conseqüências inesperadas.

Ficha Técnica

Direção: Liv Ullmann
Tipo/Gênero: Romance
Produção: SUE/2000

Elenco

Lena Endre
Erland Josephson
Krister Henriksson
Thomas Hanzon
Michelle Gylemo
Juni Dahr

Um toque de infidelidade



Sinopse: Larry e Maria se conhecem na recepção do casamento do tio dele e da mãe dela. Na mesma festa, seus respectivos cônjuges começam a ter um caso, e os dois desenvolvem uma amizade que pode levar a algo mais. Refilmagem de 'Primo, Prima' de Jean-Charles Tachella.

Ficha técnica

Diretor: Joel Schumacher

Tipo/Gênero: Romance

Produção: EUA/1989

Elenco

Isabella Rossellini

Ted Danson

Sean Young

William Petersen

Lloyd Bridges

Norma Aleandro

Keith Coogan

ANEXO 3. Reportagem: “Um pra cá, dois pra lá” que envolve artistas do meio televisivo brasileiro e internacional, e ex-presidente americano, envolvidos em intrigas e especulações sobre possíveis triângulos amorosos.

FONTE: www.revistaquem.com.br. Acessado em 15/10/2005.

Capitu traiu ou não Bentinho? Luma traiu ou não seu marido, o empresário Eike Batista, com o bombeiro José Albucacys? Provavelmente nunca ninguém saberá com certeza, e se souber dificilmente virá a público para dizer. O fato é que histórias como essas despertam sempre a curiosidade do ser humano. Quando se trata de famosos, o assunto é delicado e geralmente a história fica nas especulações, mas basta um comentário para virar notícia. Raras são as exceções como Latino e Kelly Key, que optaram por lavar a roupa suja e expor as mágoas em público. Talvez o medo em se assumir uma traição tenha se originado de experiências como a vivida por Ingrid Bergman que estava no auge da carreira no cinema americano e caiu em desgraça diante do público ao assumir seu romance com Roberto Rossellini. Há ainda quem tenha contornado bem a situação mantendo a calma como fez Hillary Clinton. Portanto, o que segue é uma coletânea de algumas das mais rumorosas separações e uma breve retrospectiva do que se falou sobre o assunto. No final das contas vale lembrar o que escreveu Fernando Pessoa em *O Livro do Desassossego*: "As coisas sonhadas só tem o lado de cá... Não se lhes pode ver o outro lado... Não se pode andar à roda delas... O mal das coisas da vida é que as podemos ir olhando por todos os lados... As coisas de sonho só têm o lado que vemos... Têm uma só face, como as nossas almas". Ou seja, apostar em sonhos pode ser bem arriscado, mas como viver sem isso? Nem Machado de Assis deve ter tido essas respostas. O rumoroso caso da separação da modelo Luma de Oliveira do empresário Eike Batista mostra que o assunto desperta polêmica mesmo quando não se sabe o que aconteceu de “verdade”

ANEXO 4. Notícia de jornal sobre nigeriano que assassinou a esposa devido à desconfiança de prática infiel da mesma.

FONTE: www.panapress.com/freenews. Acessado em 15/10/2005.

Nigeriano degola esposa por infidelidade

Lagos, Nigéria (PANA) - Um cidadão nigeriano, Jamiu Asisa, degolou sábado em Lagos a sua esposa na seqüência de uma briga devida uma suposta infidelidade por parte desta última, noticiou domingo a imprensa local. Os jornais, citando uma testemunha, deram a conhecer que a disputa eclodiu na noite de sexta-feira quando o marido acusou a esposa de ter uma relação extraconjugal. Por conseguinte o homem repudiou a sua esposa, com que tem dois filhos, advertindo-a de nunca mais pôr os pés em casa. Mas a mulher voltou à casa sábado de manhã, o que enfureceu o marido ao ponto de a decapitar à catanada, segundo a testemunha. “Fomos olhar pela janela e vimos Adisa a jaser num charco de sangue com a cabeça cortada”, declarou a testemunha citada pela imprensa. Após confirmar o incidente, a polícia lançou uma investigação.